



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



JOSILENE DE JESUS MENDONÇA

**TRAÇOS SEMÂNTICOS DA REFERÊNCIA À PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO EM TEMPO REAL**

São Cristóvão/SE

2022

JOSILENE DE JESUS MENDONÇA

**TRAÇOS SEMÂNTICOS DA REFERÊNCIA À PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO EM TEMPO REAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, como requisito à obtenção do título de Doutora em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Linha de Pesquisa: Descrição, Análise e Usos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag

São Cristóvão/SE

2022

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Mendonça, Josilene de Jesus

M539t

Traços semânticos da referência à primeira pessoa do plural no português brasileiro: um estudo em tempo real / Josilene de Jesus Mendonça ; orientadora Raquel Meister Ko. Freitag.– São Cristóvão, SE, 2022.
124 f.

Tese (doutorado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2022.

1 Gramática comparada e geral - Número. 2. Língua portuguesa - Semântica. 3. Mudanças linguísticas. I. Freitag, Raquel Meister Ko., orient. II. Título.

CDU 81.37

JOSILENE DE JESUS MENDONÇA

Traços semânticos da referência à primeira pessoa do plural no português brasileiro: um estudo em tempo real

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, como requisito à obtenção do título de Doutora em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Linha de Pesquisa: Descrição, Análise e Usos Linguísticos.

Tese aprovada em 24/05/2022

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag – UFS
Universidade Federal de Sergipe
Presidente - orientadora

Profa. Dra. Célia Regina dos Santos Lopes - UFRJ
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Examinadora – Externa à Instituição

Profa. Dra. Dorothy Bezerra Silva de Brito – UFRPE
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Examinadora – Externa à Instituição

Profa. Dra. Leilane Ramos da Silva - UFS
Universidade Federal de Sergipe
Examinadora – Externa ao Programa

Profa. Dra. Isabel Cristina Michelan de Azevedo – UFS
Universidade Federal de Sergipe
Examinadora - Interna

AGRADECIMENTOS

Escrever uma tese em um período de ataques à educação e à ciência, em meio a uma pandemia de proporção devastadora, foi muito desafiador. Amadurecer academicamente e, ao mesmo tempo, superar as angústias decorrentes do período obscuro em que estamos vivendo no Brasil nos últimos anos foi um processo dolorido. A fé na possibilidade de dias melhores e a rede de apoio formada pelas pessoas ao meu redor foram indispensáveis para a concretização desse projeto. Por isso, agradeço, inicialmente, a Deus por ter segurado a minha mão e acalmado meu coração tantas vezes em que pensei em desistir. Obrigada, Senhor!

Agradeço ao meu esposo e companheiro de vida, Janisson, por sempre estar ao meu lado, por tornar a caminhada mais fácil, por entender minhas ausências, por ouvir minhas lamentações e confortar o meu choro, mesmo sem compreender a proporção de minhas angústias. Obrigada, amor!

Agradeço à professora Dra. Raquel Meister Ko Freitag, minha orientadora, por toda a minha formação como pesquisadora. Raquel, obrigada por todos os ensinamentos, por ter me mostrado o caminho da ciência e por ter me mostrado que era possível. Agradeço a Andréia, minha amiga, por ter compartilhado comigo esse caminho. Obrigada, Andréia, pela parceria acadêmica e pelo apoio nos momentos mais difíceis. Agradeço a Marta, minha colega de grupo de pesquisa, pelo apoio na reta final de escrita do texto. Marta, obrigada pelo seu olhar humano e afetuoso.

Agradeço aos 80 informantes da amostra *UFS-Itabaiana2018 - Deslocamentos*, estudantes do *Campus* Professor Alberto Carvalho, por terem disponibilizado tempo para realização das entrevistas. A participação de vocês enriquece a ciência desenvolvida em nossa universidade. Agradeço às professoras que participaram das bancas de qualificação e defesa desta tese, pelas importantes contribuições. Obrigada, profa. Dra. Célia Regina dos Santos Lopes, profa. Dra. Dorothy Bezerra Silva de Brito, profa. Dra. Leilane Ramos da Silva, profa. Dra. Isabel Cristina Michelin de Azevedo, profa. Dra. Geralda de Oliveira Santos Lima.

Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo apoio financeiro concedido através de bolsa do programa de demanda social, no período de abril de 2017 a fevereiro de 2021, sem o qual o desenvolvimento desta pesquisa não teria sido possível.

RESUMO

No português brasileiro, a forma *a gente* tende a ser associada a referentes de primeira pessoa do plural com traço semântico genérico, o que está relacionado a sua origem de base nominal. No entanto, resultados de estudos variacionistas têm evidenciado um aumento do uso de *a gente* em contextos de menor abrangência referencial, sinalizando a perda da distinção semântica entre *nós* e *a gente*. Nossa tese é de que *a gente* está ganhando espaço nos contextos referenciais de menor amplitude, ocasionando uma mudança na frequência de uso das variantes de primeira pessoa do plural em função dos traços semânticos. Para defendermos essa tese, analisamos, em uma perspectiva de mudança em tempo real de curta duração, os traços semânticos das variantes *nós* e *a gente* em duas amostras sociolinguísticas, constituídas em momentos distintos (nos anos de 2010 e 2018) na comunidade de prática *Campus* Professor Alberto Carvalho da Universidade Federal de Sergipe, situado em Itabaiana/SE. Para investigar a mudança nos traços semânticos das formas de primeira pessoa do plural, consideramos os parâmetros i) amplitude do referente, ii) grupo referencial, iii) referência, iv) definitude/especificidade, v) inclusão do interlocutor, vi) sequência discursiva e vii) tipo de assunto. O resultado da análise em tempo real das frequências de uso das variantes *nós* e *a gente* evidencia que a expressão da primeira pessoa do plural está em processo de variação estável no período considerado. A análise das ocorrências de *a gente* em cada marco temporal mostra que a forma está aumentando sua frequência de uso em contextos de menor amplitude, para fazer referência a um grupo paucal, para codificar referentes com o traço semântico definido e em situações referenciais em que o interlocutor está excluído, o que evidencia um processo de generalização do uso de *a gente* para os contextos referenciais típicos do pronome canônico. Os resultados em função dos contextos discursivos mostram que a forma *a gente* está aumentando sua frequência de uso em contextos de sequência narrativa e com assuntos particulares, o que corrobora os resultados em função dos traços semânticos, uma vez que sequências narrativas e tópicos discursivos do âmbito particular condicionam a presença de referentes de primeira pessoa do plural mais restritos, com menor nível de amplitude. Os resultados confirmam nossa tese de mudança nos traços semânticos das variantes de primeira pessoa do plural, evidenciando um aumento na frequência de uso de *a gente* em contextos de menor abrangência referencial.

Palavras-chave: primeira pessoa do plural; traços semânticos; mudança linguística.

ABSTRACT

In Brazilian Portuguese, the form *a gente* (we) tends to be associated with first person plural referents with a generic semantic feature, which is related to its nominal base origin. However, an increase in the use of *a gente* in contexts of a lower referential comprehensiveness has been evidenced by results of variationist studies, signaling the loss of semantic distinction between *nós* (we) and *a gente*. Our thesis is that *a gente* is gaining space in referential contexts of lower comprehensiveness, causing a change in the frequency of use of the first person plural variants in function of semantic features. In order to support this thesis, we analyzed, from a perspective of a real time change of short span, the semantic features of the variants *nós* and *a gente* in two sociolinguistic samples collected at different times (the years of 2010 and 2018) in the community of practice Professor Alberto Carvalho *Campus* at the Federal University of Sergipe in Itabaiana/SE. To investigate the change in the semantic features of the first person plural forms, we considered the parameters: i) comprehensiveness of the referent; ii) referential group; iii) reference; iv) definiteness/specificity; v) inclusion of the interlocutor; vi) discursive sequence; and vii) kind of subject matter. The result of the analysis in real time of the frequencies of use of the variants *nós* and *a gente* indicates that the expression of the first person plural is going through a stable variation process over the considered period. The analysis of the occurrences of *a gente* at each time reveals that the frequency of use of the form has been increasing in contexts of lower comprehensiveness to refer to a paucal group in order to codify referents with the semantic feature defined, and in referential situations in which the interlocutor is excluded. This fact denotes a generalization process of the use of *a gente* in typical referential contexts of the canonic pronoun. The results in function of the discursive contexts demonstrate that the frequency of the form *a gente* is increasing in contexts of narrative sequence and with private subject matters, which corroborates the results in function of semantic features, since narrative sequences and private discursive topics condition the presence of more restrict referents of first person plural, with lower comprehensiveness. The results confirm our thesis of a change in the semantic features of the variants of first person plural, demonstrating an increase in the frequency of use of *a gente* in contexts of lower referential comprehensiveness.

Keywords: first person plural; semantic features; linguistic change.

RESUMEN

En el portugués de Brasil, la forma *a gente*, suele ser asociada a los referentes de primera persona del plural con característica semántica genérica, que se relaciona con su origen de base nominal. Sin embargo, resultados de investigaciones variacionistas han evidenciado un aumento del uso de *a gente* en contextos con menor abarco referencial, señalando la pérdida de la distinción semántica entre *nós* y *a gente*. Nuestra tesis es que *a gente* está ganando espacio en los contextos referenciales de menor amplitud, y acaba por ocasionar un cambio en la frecuencia de uso de las variantes de primera persona del plural en función de los rasgos semánticos. Para defendernos esta tesis, analizamos, con una perspectiva de cambio en tiempo real de corta duración, las características semánticas de las variantes *nós* y *a gente* en dos muestras sociolingüísticas, constituidas en momentos distintos (en los años de 2010 y 2018) en la comunidad práctica *campus* Professor Alberto Carvalho, de la Universidade Federal de Sergipe, ubicado en Itabaiana/SE. Para investigar el cambio en los rasgos semánticos de las formas de primera persona del plural, consideramos los parámetros i) amplitud del referente, ii) grupo referencial, iii) referencia, iv) definitud/ especificidad, v) inclusión del interlocutor, vi) secuencia discursiva y vii) clase del asunto. El resultado del análisis en tiempo real de las frecuencias de uso de las variantes *nós* y *a gente* evidencia que la expresión de la primera persona del plural está en proceso de variación estable en el periodo considerado. El análisis de las ocurrencias de *a gente* en cada marco temporal exhibe que la forma está aumentando su frecuencia de uso en contextos de menor amplitud, para hacer referencia a un grupo paucal, para codificar referentes con el rasgo semántico definido y en situaciones referenciales en que el interlocutor está excluido, lo que evidencia un proceso de generalización del uso de *a gente* para los contextos referenciales típicos de pronombre canónico. Los resultados en función de los contextos discursivos exhiben que la forma *a gente* está aumentando su frecuencia de uso en contextos de secuencia narrativa y con asuntos particulares, lo que corrobora por los resultados en función de los rasgos semánticos, una vez que secuencias narrativas y tópicos discursivos de ámbito particular condicionan la presencia de referentes de primera persona del plural más restrictos, con menor nivel de amplitud. Los resultados confirman nuestra tesis de cambio en los rasgos semánticos de las variantes de primera persona del plural, evidenciando un aumento en la frecuencia de uso de *a gente* en contextos de menor inclusión referencial.

Palabras Claves: primera persona del plural; características semánticas; cambio lingüístico.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Status categorial dos pronomes	21
Figura 2: Níveis contextuais para a identificação do referente de primeira pessoa do plural	22
Figura 3: Geometria de características morfossintáticas.....	25
Figura 4: Definitude e especificidade na primeira pessoa do plural	41
Figura 5: Valor semântico dos pronomes de primeira pessoa do plural	44
Figura 6: Traços semânticos na interpretação da primeira pessoa do plural.....	45
Figura 7: Matriz de correlação entre as formas pronominais e o traço semântico	54
Figura 8: Panorama das frequências de uso de nós e a gente em função dos traços semânticos	64
Figura 9: Panorama da mudança nos traços semânticos de nós e a gente.....	104

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Chances de uso de a gente com traço semântico específico.....	59
Gráfico 2: Chances de uso de a gente com traço semântico determinado.....	62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Paradigma dos pronomes pessoais no português brasileiro	24
Quadro 2: Interpretações referenciais para o plural	31
Quadro 3: Traços de número e pessoa de gente, a gente e nós	34
Quadro 4: Concepções dos traços semânticos de nós e a gente.....	47
Quadro 5: Dados sociais dos informantes da amostra Falantes cultos de Itabaiana/SE.....	68
Quadro 6: Perfil social dos informantes do deslocamento I	70
Quadro 7: Níveis de amplitude do referente	74
Quadro 8: Graus de abrangência do grupo referencial.....	76

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Interpretação referencial de a gente a partir da noção de "eu-ampliado"	51
Tabela 2: Uso de a gente em função da gradação referencial do traço semântico	58
Tabela 3: Uso de a gente em função do traço de determinação/indeterminação no PB	61
Tabela 4: Amostras de fala da comunidade de práticas UFS/Itabaiana	66
Tabela 5: Distribuição das formas de primeira pessoa do plural em função do ano	84
Tabela 6: Distribuição das ocorrências de nós e a gente em tempo real	86
Tabela 7: Frequência de uso de nós e a gente em função da amplitude do referente.....	88
Tabela 8: Frequência de uso de nós e a gente em função do grupo referencial	90
Tabela 9: Frequência de uso de nós e a gente em função da referência	94
Tabela 10: Frequência de uso de nós e a gente em função da definitude/especificidade do referente.	97
Tabela 11: Frequência de uso de nós e a gente em função da inclusão do interlocutor	100
Tabela 12: Frequência de uso de nós e a gente em função da sequência discursiva	101
Tabela 13: Frequência de uso de nós e a gente em função do tipo de assunto	103
Tabela 14: Frequência de uso de nós e a gente na comunidade UFS/Itabaiana	121

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 PROPRIEDADES REFERENCIAIS DA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL	21
1.1 CONTEXTO E REFERÊNCIA	21
1.2 CATEGORIAS MORFOSSINTÁTICAS	24
1.2.1 <i>Pessoa, número e gênero</i>	24
1.2.2 <i>Pessoa gramatical</i>	28
1.2.3 <i>Pessoa gramatical e número</i>	30
1.2.4 <i>Pessoa gramatical e gênero</i>	37
1.3 CATEGORIAS REFERENCIAIS	38
1.3.1 <i>Definitude e especificidade</i>	38
1.3.2 <i>Genericidade</i>	42
1.4 MODELO DE ANÁLISE SEMÂNTICA DA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL	44
2 TRAÇOS SEMÂNTICOS DA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NO PB	47
2.1 PROCEDIMENTOS DE META-ANÁLISE	49
2.2 NOÇÃO SEMÂNTICA DE “EU-AMPLIADO”	50
2.3 NÍVEIS DE REFERENCIALIDADE	57
2.4 OPOSIÇÃO BINÁRIA DE TRAÇOS SEMÂNTICOS	60
2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO	63
3 ESTUDO DE TENDÊNCIA DOS TRAÇOS SEMÂNTICOS DE NÓS E A GENTE	66
3.1 <i>CORPUS</i>	66
3.1.1 <i>Falantes cultos de Itabaiana/SE</i>	67
3.1.2 <i>UFS-Itabaiana2018 - Deslocamentos</i>	69
3.2 DESENHO DO ESTUDO	72
3.2.1 <i>Parâmetros semânticos</i>	73
3.2.1.1 Amplitude do referente	73
3.2.1.2 Grupo referencial	75
3.2.1.3 Referência	78
3.2.1.4 Definitude/especificidade	79
3.2.1.5 Inclusão do interlocutor	80
3.2.2 <i>Parâmetros discursivos</i>	81
3.2.2.1 Sequência discursiva	81
3.2.2.2 Tipo de assunto	83
3.3 EXPRESSÃO DA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL EM TEMPO REAL	84
3.4 MUDANÇA NOS TRAÇOS SEMÂNTICOS DE NÓS E A GENTE	86

3.4.1	<i>Amplitude do referente</i>	87
3.4.2	<i>Grupo referencial</i>	89
3.4.3	<i>Referência</i>	93
3.4.4	<i>Definitude/especificidade do referente</i>	96
3.4.5	<i>Inclusão do interlocutor</i>	98
3.5	EFEITOS DISCURSIVOS	100
3.5.1	<i>Sequência discursiva</i>	101
3.5.2	<i>Tipo de assunto</i>	102
3.6	CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO	103
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
	REFERÊNCIAS	109
	APÊNDICE	115
	APÊNDICE A – Método de seleção de Informantes da amostra UFS-Itabaiana2018 – Deslocamentos	116
	APÊNDICE B – Roteiro de entrevista	117
	APÊNDICE C – Frequências de uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> nas amostras analisadas	121
	ANEXOS	122
	ANEXO A – Ficha social do informante	123
	ANEXO B – Termo de consentimento	124

INTRODUÇÃO

A variação e a mudança linguísticas são fenômenos inerentes a qualquer língua natural, pois a interação verbal produz um processo contínuo de transformação do sistema linguístico. A questão fundamental em torno do estudo da mudança linguística diz respeito à harmonização entre sistematicidade e heterogeneidade da língua. Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) expõem a questão da seguinte maneira: “se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda?” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968], p. 35). Como solução para esse aparente problema, os autores argumentam que a mudança na estrutura da língua não prejudica a estruturalidade do sistema, propondo o axioma da heterogeneidade ordenada.

Para compreender o axioma da heterogeneidade ordenada, é preciso romper com a associação entre estruturalidade e homogeneidade, compreendendo a língua como um sistema inerentemente variável e ordenado. Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) argumentam que há regras que governam a variação na comunidade de fala, e o domínio dessas regras faz parte da competência linguística do falante. Assim, os autores defendem a possibilidade de descrever a mudança linguística em andamento, identificando as regularidades inerentes à variação, e, conseqüentemente, as forças e restrições que atuam no processo de mudança.

Embora todo processo de variação linguística apresente regularidades relacionadas à estrutura linguística e aos padrões sociais da comunidade de fala, nem toda variabilidade gera mudança na língua. No entanto, toda mudança linguística pressupõe um período de variabilidade, em que formas variantes coexistem dentro da gramática. A mudança linguística começa quando a alternância entre a forma canônica e a forma inovadora toma uma direção e assume um caráter ordenado dentro da comunidade de fala (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]).

A observação da mudança em andamento pode se dar a partir do constructo analítico do tempo aparente ou do tempo real. A análise em tempo aparente pressupõe que os efeitos associados à faixa etária dão indícios de processos de mudança, em que os mais jovens são responsáveis pela propagação de formas inovadoras na comunidade de fala. No entanto, segundo Labov (1994), a distribuição de uma variável em função da faixa etária pode não representar um processo de mudança na comunidade, caracterizando-se apenas por uma gradação etária, em que o comportamento linguístico dos indivíduos muda, mas o da comunidade permanece estável (LABOV, 1994). A observação em tempo real pode apresentar

soluções para os problemas relacionados à interpretação dos resultados em tempo aparente (LABOV, 1994).

O estudo da mudança em tempo real consiste na observação de uma comunidade de fala em pontos distintos no tempo. A mudança em tempo real pode ser observada considerando um período de longa ou curta duração. Estudos em tempo real de longa duração objetivam identificar o percurso histórico de um fenômeno linguístico. Para isso, as análises em tempo real de longa duração recorrem a textos escritos e documentos representativos de um período (PAIVA; DUARTE, 2021). A análise em tempo real de curta duração visa identificar a direcionalidade da mudança, comparando duas amostras de fala de uma comunidade linguística.

A análise em tempo real possibilita a “identificação da forma como uma determinada mudança progride na língua, sua trajetória estrutural e social e ainda a apreensão das possíveis relações de causa e efeito entre diferentes processos de mudança” (PAIVA; DUARTE, 2003, p. 19). Segundo Labov (1994), há duas possibilidades de estudos em tempo real: i) comparar as descobertas anteriores com as atuais; ou ii) retornar à comunidade e repetir o mesmo estudo. A primeira abordagem apresenta limitações para a generalização de resultados, haja vista que os autores de estudos anteriores tinham objetivos diferentes e usaram métodos de análise diferentes.

O retorno à comunidade de fala para replicação de um estudo em tempo real pode ter como foco os indivíduos ou a comunidade. No primeiro caso, a replicação é chamada de estudo de painel, em que os mesmos indivíduos do primeiro estudo são submetidos ao mesmo instrumento de coleta. O estudo de painel tem como objetivo analisar “a continuidade/descontinuidade no comportamento linguístico do indivíduo sem reflexos no sistema” (PAIVA; DUARTE, 2003, p. 18). A replicação de um estudo visando observar a mudança na comunidade é chamada de estudo de tendência. Esse tipo de abordagem da mudança em tempo real requer que o desenho da população amostral, como também os métodos de análise sejam os mesmos utilizados no primeiro estudo, mas com x número de anos depois (LABOV, 1994). O estudo de tendência compara amostras aleatórias da mesma comunidade de fala, visando observar a propagação, estabilização ou recuo do processo de mudança.

No português brasileiro, a expressão da primeira pessoa do plural caracteriza-se como um fenômeno de mudança em curso, haja vista que a forma *a gente* tem avançado, ocupando os espaços do pronome canônico. Porém, a mudança não ocorre de maneira linear, o processo apresenta fluxos e contrafluxos, com períodos de aparente estabilidade. Estudos em tempo real realizados com dados de fala do Rio de Janeiro, com as amostras NURC-RJ (LOPES, 2003) e

Censo (OMENA, 2003), evidenciam, no período de 1970 a 2000, o avanço e posterior estabilização do processo de mudança.

No período de 1970 a 1990, na fala de informantes com nível superior de escolarização (NURC-RJ), houve um significativo aumento na taxa de aplicação de *a gente*, passando de 42%, na década de 70, para 75%, na década de 90, mostrando um direcional para a substituição de *nós* pelo pronome inovador. No período seguinte, da década de 80 a 2000, em dados de falantes com nível médio de escolarização (Amostra Censo), a distribuição das variantes *nós* e *a gente* se mantém estável, com frequência de aplicação de *a gente* de 78% e 79%, respectivamente.

A análise da expressão da primeira pessoa do plural em amostras constituídas a partir dos anos 2000 (BORGES (2004), MATTOS (2013), MENDONÇA (2012), SANTOS (2014), SILVA; CAMACHO (2017)) mostra que a frequência de aplicação de *a gente* no português brasileiro se mantém em torno de 70% a 80%, evidenciando que a implementação da forma inovadora apresenta uma situação de estabilidade nos últimos 20 anos.

Embora a frequência de uso das variantes seja um importante indicativo de mudança linguística, a observação de um processo de mudança não deve se limitar à comparação de taxas de aplicação em diferentes marcos temporais, é preciso considerar também os subsistemas envolvidos, sejam sociais ou estruturais. Quando um processo de mudança é observado em tempo real de curta duração, forças sociais e estruturais podem estar agindo em direções diversas, ocasionando um quadro de mudança sem mudança (SCHERRE; NARO, 2006).

Scherre e Naro (2006) defendem que a concordância de número no português brasileiro representa um processo de mudança sem mudança, haja vista que forças sociais e estruturais agem em direções opostas sobre o fenômeno. Os resultados de análises comparativas de três amostras de fala do Rio de Janeiro evidenciam que os anos de escolarização do falante funcionam como força propulsora em direção à norma padronizada, enquanto a saliência fônica atua como força mantenedora da heterogeneidade do sistema. Nossa tese é de que a expressão da primeira pessoa do plural no português brasileiro também representa um quadro de mudança sem mudança. Porém, ao contrário da concordância de número, em que a mudança é quantitativa, na primeira pessoa do plural a mudança é qualitativa. As variantes *nós* e *a gente* estão passando por um processo de mudança em seus traços semânticos, sem alterar seus percentuais globais de aplicação.

Devido a sua origem de base nominal, o pronome *a gente* tende a ser associado a referentes de primeira pessoa do plural com traço semântico genérico (LOPES (1993), LOPES (2003), BORGES, (2004), SILVA (2004), FRANCESCHINI (2011), MENDONÇA (2012)).

No excerto em (1), a forma *a gente* foi utilizada para fazer referência a toda a humanidade. A atribuição do traço genérico à forma ocorre a partir do contexto pragmático da interação verbal, em que falante e interlocutor compartilham conhecimentos a respeito do tópico discursivo *meio ambiente*. Com o aumento na sua frequência de uso, o pronome *a gente* ganha espaço nos contextos em que o referente apresenta traço semântico menos abrangente. Em (2), as ocorrências de *a gente* fazem referência ao falante mais um amigo. O traço semântico determinado é atribuído à forma a partir do contexto linguístico da sentença em que ela ocorre. Nesse excerto, as ocorrências do pronome de primeira pessoa do plural estão em uma cadeia referencial introduzida pela oração “eu tinha um amigo”.

- (1) Doc: [NOME] você pratica alguma ação pra preservar o meio ambiente?
 Inf: não jogo lixo na rua ((RISO)) e tento eh... tento comprar coisas que não venha a agredir muito o meio ambiente um exemplo é copo descartável *a gente* sabe que quando ele não é descartado corretamente há uma agressão muito forte e eu reaproveito quando eu posso claro eu reaproveito sim esse copo descartável nos ambientes que eu estou eh... [...] (15ent.UFS-Itabaiana2018_ana.fs.24)¹
- (2) Inf: [...] eu tinha um amigo que *a gente* tinha um costume de tudo que *a gente* comprava ... *a gente* dividia igualmente pra cada um [...] (04ent.UFS-Itabaiana2018_thi.ms.19)

Para defendermos a tese de que está ocorrendo uma mudança nos traços semânticos de *nós* e *a gente*, é necessário considerar uma descrição dos traços semânticos envolvidos na interpretação das formas de primeira pessoa do plural. No âmbito da semântica dos pronomes, o estudo de Carvalho (2008) apresenta uma descrição da estrutura interna dos pronomes pessoais do português brasileiro, considerando os traços semânticos inerentes à forma pronominal. A partir de uma perspectiva morfossintática, Carvalho (2008) descreve os traços semânticos de pessoa, número, gênero, definitude e especificidade no nível da sentença. Nesta tese, ampliamos o escopo do contexto para além da sentença, pois consideramos que a interpretação dos traços semânticos das formas de primeira pessoa do plural também pode decorrer do contexto amplo da estrutura do discurso construída durante a interação verbal ou do contexto pragmático da relação entre falante-interlocutor.

Além da construção de parâmetros para a descrição dos traços semânticos envolvidos na interpretação dos pronomes de primeira pessoa do plural, a comprovação do processo de

¹ Os exemplos apresentados nesta tese com a codificação *ent.UFS-Itabaiana2018* foram extraídos da amostra *UFS-Itabaiana2018 - Deslocamentos*, composta por oitenta entrevistas sociolinguísticas de estudantes da Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Professor Alberto Carvalho. Os códigos identificam a entrevista sociolinguística, indicando o número, a amostra (comunidade e ano da gravação) e a estratificação social do informante (letras iniciais do nome do informante, sexo/gênero, nível de escolaridade e idade, respectivamente). Mais detalhes da constituição da amostra serão apresentados no capítulo dedicado à metodologia deste trabalho.

mudança nos traços semânticos de *nós* e *a gente* requer a observação da frequência de uso das formas em função dos contextos referenciais. Os estudos variacionistas apontam indícios de que *a gente* está ampliando sua frequência de uso em contextos de menor abrangência referencial, sugerindo a perda da distinção semântica entre as variantes. Pelo fato de os estudos sociolinguísticos focarem no processo de variação, os parâmetros de análise dos traços semânticos das formas de primeira pessoa do plural não costumam receber descrição detalhada. Nossa tese, ao descrever os parâmetros a partir dos quais o comportamento semântico de *nós* e *a gente* serão analisados, visando observar a mudança na frequência de uso das formas em função dos traços semânticos, ocupa um espaço entre os estudos relativos à semântica dos pronomes e os estudos de cunho variacionista.

O interesse por estudar os traços semânticos das formas de primeira pessoa do plural é decorrente de nossa trajetória de estudos a respeito das relações referenciais estabelecidas pelos pronomes *nós* e *a gente*. Em 2015, publicamos o artigo *Estratégias de indeterminação do sujeito: polidez e relações de gênero*, em coautoria com Jaqueline dos Santos Nascimento, em que identificamos, além de outras formas pronominais e nominiais de indeterminação, o uso de *nós* e *a gente* como recursos para tornar o referente menos específico (MENDONÇA; NASCIMENTO, 2015). No mestrado acadêmico, finalizado em 2016, escrevemos a dissertação *Variação na expressão da 1ª pessoa do plural: indeterminação do sujeito e polidez* (MENDONÇA, 2016), em que analisamos o uso das formas *nós* e *a gente* como estratégias de indeterminação do sujeito, relacionando tais usos à polidez linguística.

Para desenvolvermos o estudo do comportamento semântico das formas de primeira pessoa do plural, analisamos, em uma perspectiva de mudança em tempo real de curta duração, os traços semânticos das variantes *nós* e *a gente* em duas amostras sociolinguísticas, constituídas na comunidade de prática *Campus Professor Alberto Carvalho* da Universidade Federal de Sergipe, situado em Itabaiana/SE. Foram analisadas vinte entrevistas sociolinguísticas da amostra *Falantes cultos de Itabaiana/SE*, constituída em 2010, e vinte entrevistas sociolinguísticas da amostra *UFS-Itabaiana2018 – Deslocamentos*, constituída em 2018, conforme procedimentos descritos no capítulo 3.

Esta tese está vinculada ao Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade – GELINS, coordenado pelas professoras Raquel Meister Ko. Freitag e Leilane Ramos da Silva. Desde 2010, O GELINS tem desenvolvido documentação linguística em Sergipe, constituindo o banco de dados *Falares Sergipanos* (FREITAG, 2013, 2017b), do qual as amostras utilizadas nesta tese fazem parte. A escolha por analisarmos os usos linguísticos dos estudantes do *Campus Professor Alberto Carvalho* (UFS), localizado em Itabaiana/SE, diz respeito ao

sentimento de pertencimento à comunidade, haja vista que cursamos nossa graduação no *Campus* e residimos na cidade de Itabaiana.

Este texto está estruturado em três capítulos. No capítulo 1, *Propriedades referenciais da primeira pessoa do plural*, apresentamos as características semânticas relevantes para a interpretação dos pronomes de primeira pessoa do plural. Inicialmente, delimitamos o escopo do contexto para a identificação da referência. A partir da discussão do modelo de geometria de traços morfossintáticos proposto por Harley e Ritter (2002), apresentamos a interação entre as características morfossintáticas de pessoa, número e gênero. Também no capítulo 1, discorremos sobre as propriedades referenciais definitude (PRINCE, 1992; ENÇ, 1991), especificidade (ENÇ, 1991; von HEUSINGER, 2002) e genericidade (CARLSON, 2011). Em seguida, apresentamos um modelo para análise dos traços semânticos das formas de primeira pessoa do plural no português brasileiro.

No capítulo 2, *Traços semânticos da primeira pessoa do plural no PB*, são apresentados resultados de pesquisas sociolinguísticas a respeito da variação na expressão da primeira pessoa do plural. Neste capítulo, apresentamos uma discussão a respeito da abordagem dos traços semânticos das formas pronominais nos estudos variacionistas, sistematizando os resultados.

No capítulo 3, *Estudo de tendência dos traços semânticos de nós e a gente*, apresentamos os procedimentos metodológicos e os resultados da pesquisa. Inicialmente, descrevemos o *corpus* utilizado na análise dos traços semânticos das formas de primeira pessoa do plural e o desenho do estudo. Em seguida, apresentamos a distribuição das formas de primeira pessoa do plural em função do ano de constituição da amostra. Depois, apresentamos os resultados em função dos parâmetros semânticos (amplitude do referente, grupo referencial, referência, definitude/especificidade e inclusão do interlocutor) e discursivos (sequência discursiva e tipo de assunto).

Nas *Considerações finais*, retomamos os resultados discutidos no capítulo 3, tecendo considerações a respeito da mudança nos traços semânticos das variantes de primeira pessoa do plural.

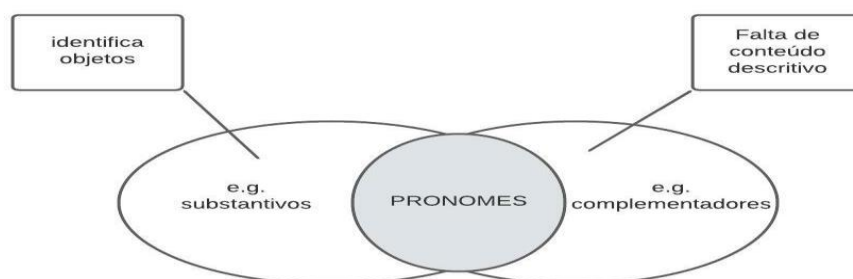
1 PROPRIEDADES REFERENCIAIS DA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

Este capítulo tem como objetivo apresentar as propriedades semânticas dos pronomes pessoais, visando estabelecer um quadro de distinções conceituais a partir das quais as formas de primeira pessoa do plural são interpretadas². Para melhor organização da discussão, o capítulo está dividido em quatro seções. Inicialmente, apresentamos as definições de contexto e referência no escopo do trabalho. Na seção 1.2, são abordadas as propriedades morfossintáticas dos pronomes pessoais, apresentando as relações entre pessoa gramatical, número e gênero. As categorias referenciais relevantes para a interpretação das formas de primeira pessoa do plural são apresentadas na seção 1.3. Apresentamos, na última seção do capítulo, um modelo para análise dos traços semânticos das variantes *nós* e *a gente*.

1.1 CONTEXTO E REFERÊNCIA

Os pronomes pessoais contribuem para o significado das sentenças em que ocorrem, organizando a estrutura referencial das interações verbais. A partir do ponto de vista do falante, os pronomes constroem um sistema de referências que relacionam o mundo do discurso ao mundo extralinguístico. O processo de referência diz respeito à vinculação entre formas linguísticas e referentes. Dentro do sistema linguístico, os pronomes ocupam um status de fronteira categorial, situando-se entre categorias lexicais e categorias funcionais (WIESE; SIMON, 2002). Assim como as categorias lexicais, os pronomes identificam objetos referenciais. Por outro lado, compartilham com as categorias funcionais o fato de não apresentar conteúdo descritivo próprio.

Figura 1: Status categorial dos pronomes



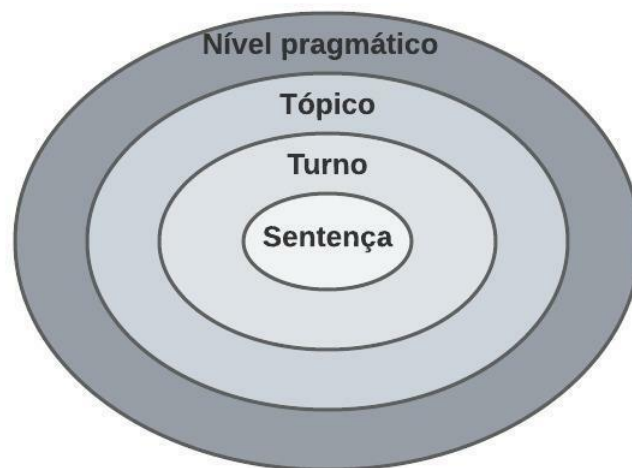
Fonte: Wiese; Simon (2002, p. 2, tradução nossa).

² Um recorte das discussões apresentadas neste capítulo foi publicado em MENDONÇA, J. J. (2020). Interpretação de pronomes de primeira pessoa do plural. *Caderno de Squibs: Temas em Estudos Formais da Linguagem*, 4(2), 2018, p. 45-54. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs/article/view/30435>.

A figura 1, apresentada em Wiese e Simon (2002), representa as relações categoriais dos pronomes. Os pronomes compartilham com os nomes propriedades referenciais, podendo referir-se a entidades discursivas. Porém, por não apresentarem conteúdo descritivo próprio, a identificação do referente de uma forma pronominal depende de informações contextuais. Compreender o processo de interpretação do referente das formas de primeira pessoa do plural requer a definição do escopo do contexto.

No âmbito desta tese, para o rastreo do referente de primeira pessoa do plural, consideremos três tipos de contextos: linguístico, discursivo e pragmático. O contexto linguístico é delimitado pela sentença e pelo turno de fala em que a forma ocorre. Por contexto discursivo, estamos considerando a estrutura do discurso construída durante a interação verbal, em que estão incluídos a fala do documentador e o tópico discursivo. Por fim, o contexto pragmático relaciona-se ao processo de interlocução, em que os sentidos são negociados a partir dos conhecimentos compartilhados entre falante e interlocutor. A figura 2 apresenta os níveis contextuais considerados para a identificação do referente das formas de primeira pessoa do plural.

Figura 2: Níveis contextuais para a identificação do referente de primeira pessoa do plural



Fonte: elaborada pela autora.

No excerto em (3), a identificação do referente das ocorrências de *a gente* ocorre no contexto da sentença, por meio da vinculação com o termo “lá em casa”. As formas de primeira pessoa do plural em (4) fazem referência à comunidade acadêmica do *campus* UFS/Itabaiana. O rastreo do referente ocorre no nível do turno de fala, em que as ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* apresentam vinculação com o referente anteriormente expresso por “aqui no

campus”. O tópico discursivo introduzido na fala do documentador em (5), através do referente “universitária”, funciona como o nível contextual em que a referência das formas de primeira pessoa do plural é identificada. Em (6), a forma *a gente* não apresenta relação com outros referentes anteriormente expressos, sendo a identificação da referência dependente do contexto pragmático da interlocução, em que processos inferenciais são ativados pelos conhecimentos compartilhados entre falante e interlocutor.

- (3) Doc: nessa coleta que ocorre há separação dos tipos de lixo?
 Inf: bom ... pelo que eu observo não ... mas lá em casa *a gente* separa ... o lixo comum e Ø³ separa os plásticos ... sabe ni outra bolsinha separado vidro também *a gente* tem muito cuidado quando quebra alguma coisa ... às vezes *a gente* nem coloca ... por causa dos rapazes que recolhem né? pra eles não se machucarem (13ent.UFS-Itabaiana2018_she.fs.25)
- (4) Doc: e onde é que você faz essa alimentação?
 Inf: essa refeição é aqui no campus mesmo ... na vivência ... aqui porque no bloco A ... porque *nós* não temos restaurante próprio da UFS ... como no *campus* de São Cristóvão ... então *a gente* tem ... não é bem um restaurante é como se fosse uma lanchonete (06ent.UFS-Itabaiana2018_eve.ms.24)
- (5) Doc: para você o que é ser universitária?
 Inf: é não ter cabeça pra mais nada ((RISOS)) porque é um pouquinho complicado porque *a gente* não tem vida social ... mas *a gente* é tipo ... eu digo que a universidade é um campo de batalha e *nós* somos os guerreiros que pretendemos um dia vencer a guerra. (01ent.UFS-Itabaiana2018_ray.fs.19)
- (6) Doc: o que você acha que é cultura?
 Inf: cultura eu acho que é o que a gente a- o que *a gente* ensina pros nossos filhos ... que vão ensinar pros filhos deles ... é algo que já está generalizado ... que nos caracteriza (01ent.UFS-Itabaiana2018_ray.fs.19)

A noção de níveis de contexto, considerando uma gradação do nível mais estrito da sentença para o nível mais pragmático, é fundamental para a análise dos traços semânticos das formas de primeira pessoa do plural. Isso porque, com exceção dos traços morfossintáticos, que são inerentes às formas pronominais, os traços semânticos do referente de primeira pessoa do plural são decorrentes do contexto, conforme vamos discutir nas seções 1.2 e 1.3.

³ O símbolo Ø indica a posição sintática de sujeito vazia. Nesta tese, o uso de Ø junto a verbos na terceira pessoa do singular indica a manutenção do referente expresso anteriormente por uma forma de primeira pessoa do plural (*nós*, *a gente* ou *-mos*).

1.2 CATEGORIAS MORFOSSINTÁTICAS

Esta seção apresenta as características morfossintáticas dos pronomes pessoais, fazendo uma relação entre aspectos semânticos e sintáticos. A seção está dividida em quatro partes. Na primeira parte, a partir da geometria de características morfossintáticas proposta por Harley e Ritter (2002), apresentamos as categorias gramaticais de pessoa, número e gênero, relacionando-as ao quadro de pronomes pessoais do português brasileiro. Em seguida, na seção 1.2.2, discutimos as distinções conceituais relativas à categoria gramatical de pessoa, relacionando-as com a noção de dêixis, como também à animacidade do referente das formas pronominais. Na seção 1.2.3, apresentamos a interação entre as características de pessoa e número, fazendo uma relação com a interpretação de pronomes de primeira pessoa do plural. Por fim, a seção 1.2.4 traz considerações a respeito da interação entre pessoa gramatical e gênero.

1.2.1 Pessoa, número e gênero

A distribuição dos pronomes pessoais em paradigmas é baseada em características morfossintáticas que identificam distinções conceituais como papel no ato de fala, número e Classe (gênero, +/- humano, animacidade). As noções de papéis do discurso (falante, destinatário e não-participante), bem como a categoria de número, parecem ser as distinções básicas apresentadas nos paradigmas morfológicos das línguas naturais. Além dessas categorias básicas, algumas línguas também apresentam em seus paradigmas morfológicos distinções adicionais, como gênero, animacidade e polidez (Wiese; Simon, 2002).

Quadro 1: Paradigma dos pronomes pessoais no português brasileiro

Pessoa	Número	Gênero	Forma pronominal
P1	Singular	—	Eu
P2		—	Tu/você
P3		Masculino/Feminino	Ele(a)
P4	Plural	—	Nós/a gente
P5		—	Vocês
P6		Masculino/Feminino	Eles(as)

Fonte: elaborado pela autora.

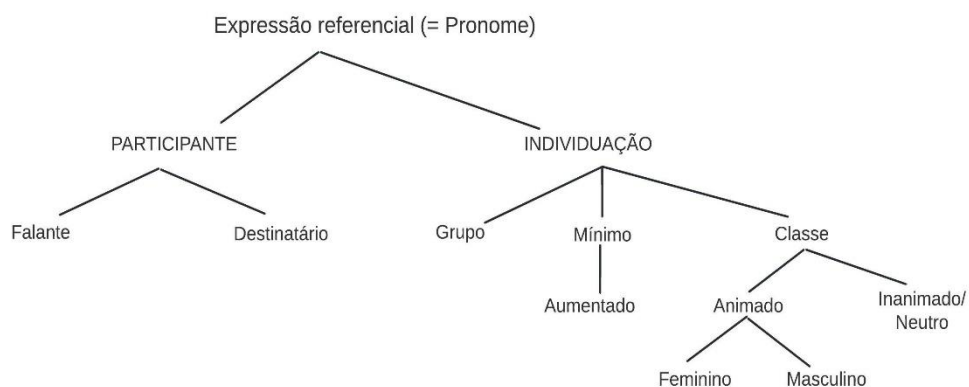
No paradigma pronominal do português brasileiro, as categorias de pessoa, número e gênero são distinguidas morfológicamente, conforme apresentado no quadro 1. A noção de pessoa é expressa pela heteronímia, formando um quadro com seis pessoas gramaticais. Nesse quadro, apenas

as formas de P3 e P6, isto é, as formas fora do eixo falante-ouvinte, apresentam flexão de gênero e número de forma semelhante aos nomes (CAMARA JR., 2015). No inglês, além da categoria de gênero, distinguida morfologicamente pelas formas *he* e *she*, a terceira pessoa do singular (P3) também codifica a distinção semântica humano vs. não humano, com as formas *he* e *she* para humano e *it* para não-humano.

As distinções conceituais codificadas em paradigmas morfossintáticos fornecem pistas linguísticas para a identificação do objeto referenciado pelo pronome. Embora as características morfossintáticas exerçam papel de destaque na interpretação dos pronomes, pois são codificadas em categorias gramaticais (pessoa, número e gênero), a denotação de um pronome depende também de outros elementos linguísticos e extralinguísticos, como aspectos sintáticos, semânticos, discursivo-pragmáticos e cognitivos. A contribuição desses aspectos para a interpretação dos pronomes, como também a interação deles com as características morfossintáticas, é discutida ao longo desta seção e na seção 1.3 deste capítulo.

A interação entre as categorias de pessoa e número nos paradigmas pronominais das línguas naturais é sistemática, envolvendo a gramaticalização de categorias cognitivas como referência, pluralidade e taxonomia (HARLEY; RITTER, 2002). A partir do modelo de geometria de características fonológicas, Harley e Ritter (2002) propõem uma geometria de características morfológicas, em que os subgrupos pessoa, número e gênero são representados por meio de relações de dependência. A geometria proposta pelas autoras fornece explicações baseadas em princípios da Gramática Universal para as restrições apresentadas nos paradigmas morfológicos das línguas. Todas as características nominais apresentadas na geometria são dependentes de um nó raiz chamado expressão referencial, conforme figura 3.

Figura 3: Geometria de características morfossintáticas



Fonte: Harley e Ritter (2002, p. 486, tradução nossa).

Os três nós principais, marcados na geometria pela letra maiúscula, são PARTICIPANTE, INDIVIDUAÇÃO e CLASSE. A categoria gramatical pessoa é codificada pelo nó PARTICIPANTE, em que a distinção fundamental diz respeito à participação no ato de fala. O sistema de número das línguas é representado pelo nó INDIVIDUAÇÃO e seus dependentes (grupo, mínimo e aumentado). O nó CLASSE representa informações de gênero e outras informações semânticas.

A dependência e independência do discurso é o fator externo que determina a forma da geometria. O subgrupo pessoa, representado pelo nó PARTICIPANTE e seus dependentes (falante e destinatário) depende do papel desempenhado pela expressão referencial no ato de fala. Por outro lado, as categorias número e gênero, relacionados ao nó INDIVIDUAÇÃO, são características independentes do discurso.

A partir da participação no ato de fala, o subgrupo pessoa, codificado pelo nó PARTICIPANTE, representa especificamente a primeira pessoa (falante) e a segunda pessoa (destinatário), deixando a terceira pessoa como não marcada. A primeira e a segunda pessoas são definidas pelas mudanças nos papéis do discurso, sendo consideradas participantes do ato de fala, a terceira pessoa, por outro lado, é caracterizada como não-participante. A terceira pessoa apresenta valor negativo para a característica participante, por isso não está expressa na geometria. Isso significa, em termos de propriedades formais de geometrias de características, que quando o nó participante estiver ausente, a expressão referencial recebe a interpretação de terceira pessoa.

A distinção entre participante do ato de fala (primeira e segunda pessoas) *versus* não-participante (terceira pessoa) também foi considerada por Benveniste (2005[1966]) como fundamental para os pronomes pessoais. Benveniste (2005[1966]) defende que a enunciação da terceira pessoa ocorre fora da relação falante-destinatário, portanto, é questionável considerá-la como “pessoa”. A partir da proposição da correlação de personalidade, Benveniste (2005[1966]) considera que a terceira pessoa é o membro não marcado da correlação, caracterizando-se como uma não-pessoa. Na seção 1.2.2, retornamos às distinções conceituais codificadas pela categoria gramatical de pessoa, relacionando-as à noção pragmática de dêixis.

Na geometria proposta por Harley e Ritter (2002), as propriedades independentes do discurso (quantidade e classe) são codificadas pelo nó INDIVIDUAÇÃO. O subconjunto número é expresso pelas características grupo (plural), mínimo (singular) e aumentado (paucal). O número paucal expressa conceitualmente um grupo pequeno (HARLEY; RITTER, 2002). A noção de gênero é apresentada pelas autoras como dependente da característica animado. No português brasileiro, no entanto, o paradigma pronominal não apresenta distinção morfológica

para a característica animacidade, conforme apresentado no quadro 1 acima, portanto, as distinções de gênero não são dependentes da categoria animado nessa língua. As interações entre as categorias pessoa e número, e pessoa e gênero relevantes para a interpretação dos pronomes pessoais são apresentadas nas seções 1.2.3 e 1.2.4, respectivamente.

A interpretação de pronomes de primeira pessoa do plural considera a interação entre as categorias PARTICIPANTE e INDIVIDUAÇÃO. Do ponto de vista da pessoa gramatical, o referente codificado por uma forma de primeira pessoa do plural sempre inclui o falante, isto é, apresenta uma natureza dêitica. No que diz respeito às distinções relativas ao número, a primeira pessoa do plural codifica um grupo misto constituído pelo falante e outros indivíduos. No exemplo (7), o pronome de primeira pessoa do plural *a gente* codifica um grupo no qual o falante se inclui – alunos do curso de Física.

- (7) Doc: quais os pontos positivos e negativos que você acha que tem no curso de Física?
 Inf: ah o departamento de matemática é o ponto ma- mais negativo que tem ... porque como *a gente* vem com o ensino médio fraco ... o ENEM ele cobra po- pouco dos alunos ... apesar das pessoas achar que é uma prova difícil é só grande extensa ... ela é difícil no cansaço ... mas em si seu assunto é muito básico ... *a gente* chega com pouco suprimento aqui de conteúdo e dá um baque muito grande com o departamento de matemática que trava o curso de Física [...] (04ent.UFS-Itabaiana2018_thi.ms.19)

Embora as características morfossintáticas codificadas pela forma pronominal *a gente* possibilitem a interpretação do objeto referenciado como um grupo no qual o falante está incluído, a identificação do grupo requer um processo inferencial baseado no contexto discursivo. O referente curso de Física, introduzido na fala do documentador, funciona como termo âncora para a interpretação do pronome.

Além da noção dêitica de pessoa, em que o falante sempre está implicado, a interpretação de pronomes de primeira pessoa do plural também depende de outras propriedades do contexto pragmático, por exemplo, para quem, quando e onde o enunciado que contém a forma pronominal foi proferido (SIEWIERSKA, 2004). Em (7), a identificação de a qual curso de Física o falante se refere é diretamente ligada a informações pragmáticas compartilhadas por falante e interlocutor. O falante foi selecionado para fazer a entrevista sociolinguística por fazer parte da comunidade de práticas UFS/Itabaiana como aluno de graduação. A partir da conjugação das características morfossintáticas do pronome, do contexto discursivo e das noções dêíticas fornecidas pelo contexto pragmático, é possível a identificação do referente das ocorrências de *a gente* em (7) como sendo alunos do curso de Física do *Campus* Professor Alberto Carvalho/UFS.

Os traços morfossintáticos de pessoa, número e gênero não são suficientes para a interpretação do referente das formas de primeira pessoa do plural. A identificação da referência depende da articulação do traço com as informações disponíveis no contexto linguístico, discursivo ou pragmático. Na seção seguinte, apresentamos propriedades referenciais diretamente instanciadas na categoria gramatical de pessoa: dêixis, animacidade e usos impessoais dos pronomes pessoais.

1.2.2 Pessoa gramatical

A categoria gramatical de pessoa reflete diretamente os diferentes papéis exercidos no evento de fala, ou seja, falante, destinatário e não-participante. As formas pronominais de primeira e segunda pessoas são inerentemente dêíticas, isto é, apresentam referência sistematicamente variável de acordo com propriedades do contexto extralinguístico em que são enunciadas. A terceira pessoa, por outro lado, é essencialmente anafórica, ou seja, apresenta interpretação dependente do contexto linguístico em que ocorre. No entanto, a terceira pessoa também pode ser usada deiticamente, apresentando uma interpretação dependente do contexto extralinguístico do ato de fala, haja vista que a indexicalidade linguística não é restrita a expressões inerentemente indexicais (LEVINSON, 2004).

As noções dêíticas relativas a *quem*, *para quem*, *quando* e *onde* as formas pronominais são enunciadas dão pistas para a identificação do grupo referenciado pelo pronome de primeira pessoa do plural. A junção dessas pistas com o contexto linguístico e discursivo possibilita a identificação precisa do grupo referido pelo pronome. O contexto linguístico que possibilita a interpretação dos pronomes de primeira pessoa do plural diz respeito à uma expressão linguística que torna possível a identificação do referente, funcionando como uma âncora.

Além da noção dêítica expressa pela própria forma pronominal, o termo âncora de pronomes de primeira pessoa do plural comumente também está centrado no campo dêítico da interação verbal, isto é, em torno do momento e do local de fala. Em (8), a identificação do referente dos pronomes *nós* e *a gente* é ancorada na expressão dêítica espacial aqui no campus. Um processo inferencial realizado com base nas propriedades indexicais inerentes às formas de primeira pessoa do plural e na presença do termo âncora possibilita a interpretação dos pronomes como referindo-se à comunidade acadêmica do *campus* de Itabaiana da UFS, na qual o falante está incluído. Uma expressão dêítica de pessoa também pode ser usada como termo âncora para a interpretação de pronomes de primeira pessoa do plural, reforçando a

indexicalidade relativa ao falante. Em (9), a interpretação de *a gente* como referindo-se à família do falante é realizada a partir da expressão dêitica minha família.

- (8) Doc: e onde é que você faz essa alimentação?
 Inf: essa refeição é aqui no campus mesmo ... na vivência ... aqui porque no bloco A ... porque *nós* não temos restaurante próprio da UFS ... como no *campus* de São Cristóvão ... então *a gente* tem ... não é bem um restaurante é como se fosse uma lanchonete (06ent.UFS-Itabaiana2018_eve.ms.24)
- (9) Inf: por que na minha família tem alguém que hoje se encontra no presídio ... que ele era ele tentou muitas vezes *a gente* viu ... e não conseguiu aí ele cismou e deu para o que não deveria (01ent.UFS-Itabaiana2018_ray.fs.19)

Os pronomes pessoais assumem valor referencial determinado, referindo aos participantes da interação verbal (primeira e segunda pessoa) ou aos não-participantes (terceira pessoa) de maneira identificada, seja pelo contexto linguístico, discursivo ou pragmático. Em (10), o pronome de primeira pessoa do plural *a gente* refere-se de maneira determinada ao falante mais a irmã, identificada precisamente pela oração relativa que mora lá. As formas de pessoa também podem ser usadas de forma genérica, com valor hipotético ou do senso comum, referindo-se a pessoas em geral. As formas de primeira pessoa do plural usadas genericamente incluem o falante e o destinatário no conjunto de possíveis referentes (SIEWIERSKA, 2004). No exemplo (11), as duas ocorrências de *a gente* referem-se de forma genérica a todos os seres humanos, incluindo o falante e seu interlocutor.

- (10) Inf: e a minha irmã que mora lá também eu quase não tenho muito contato com ela eu tenho contato com ela quando eu ligo ... ou quando ela vem aqui na cidade aí *a gente* se encontra (06ent.UFS-Itabaiana2018_eve.ms.24)
- (11) Inf: cultura até o o que eu entendo por isso que eu li é tudo que *a gente* que é produzido ... pela humanidade né? tudo que *a gente* produz desde ... música ... até não sei poesias ... tudo que *a gente* produz é considerado cultura né? é cultural (08ent.UFS-Itabaiana2018_gis.fs.20)

A interação entre as categorias gramaticais de pessoa e número possibilita diferentes interpretações referenciais para as formas de primeira pessoa do plural. As possibilidades de interpretação englobam gradação de abrangência referencial, considerando os extremos, determinado, como em (10), e genérico, como em (11). Na próxima seção, retomamos a discussão sobre abrangência referencial decorrente da interação entre as características morfossintáticas dos pronomes de primeira pessoa do plural.

As distinções conceituais humano, animado e inanimado, embora não sejam codificadas morfologicamente nos pronomes pessoais do português brasileiro, estão instanciadas na

categoria gramatical de pessoa. A primeira e a segunda pessoas, por referirem-se diretamente aos participantes da interação verbal (falante e destinatário), apresentam sempre referentes humanos⁴. Por isso, podem ser referidas apenas por marcadores de pessoa, diferentemente da terceira pessoa que pode ser referida por qualquer expressão lexical (SIEWIERSKA, 2004). As formas de terceira pessoa do paradigma pronominal do português brasileiro podem codificar referentes humanos, animados ou inanimados, sendo a interpretação dessas distinções conceituais dependente do contexto (linguístico ou extralinguístico) da situação discursiva.

Dentro da escala de animacidade, humano > animado > inanimado (von HEUSINGER; KAISER, 2003, p. 43), as formas pronominais de primeira e segunda pessoas ocupam a posição mais à esquerda da escala, com valor [+ humano]. Por outro lado, a terceira pessoa, por variar seu valor semântico quanto à animacidade, pode ocupar qualquer posição dentro da escala.

Ao distinguir papéis de fala, opondo participantes a não-participante da interação verbal, a categoria gramatical de pessoa é central para a interpretação dos pronomes. Além de interagir com os valores semânticos relativos à animacidade, a pessoa gramatical também interage com as características morfosintáticas número e gênero, gerando diferentes possibilidades de interpretação para as formas pronominais, conforme discutimos nas seções seguintes.

1.2.3 Pessoa gramatical e número

A categoria gramatical número nos pronomes pessoais é intimamente relacionada à característica de pessoa, portanto, a interpretação dos pronomes do plural é direcionada pela interação com a noção de pessoa. Diferentemente dos substantivos, pronomes do plural não indicam a soma de objetos de uma mesma classe. A partir da interação com as distinções conceituais de pessoa gramatical, o quadro 2 apresenta as possibilidades de interpretação para os pronomes com a característica morfosintática plural.

As formas pronominais de primeira pessoa do plural são as que apresentam mais possibilidades de interpretações decorrentes da relação entre as categorias gramaticais pessoa e número. A primeira possibilidade de interpretação, em que a forma pronominal refere-se a mais de um falante, é extremamente rara, restrita a situações em que de fato várias pessoas estão falando simultaneamente, por exemplo, em juramentos coletivos de formatura (SIEWIERSKA, 2004). Com exceção dessa possibilidade rara de interpretação, a primeira pessoa do plural

⁴ Em linguagem figurada, animais ou objetos personificados podem ser referidos por formas de primeira e segunda pessoas. Nesses casos, o uso dessas formas de pessoa justifica-se pelo papel, assumido por animais ou objetos, de participante de uma interação verbal.

refere-se ao falante mais outra(s) pessoa(s). Nos termos de Benveniste (2005[1966]), a primeira pessoa do plural é a junção do eu (falante) mais um não-eu (o destinatário e/ou a não-pessoa), isto é, “o ‘nós’ anexa ao ‘eu’ uma globalidade indistinta de outras pessoas” (BENVENISTE, 2005[1966], p. 258).

Quadro 2: Interpretações referenciais para o plural

Primeira pessoa do plural	1 ^a p + 1 ^a p	Mais de um falante
	1 ^a p + 2 ^a p	O falante e o destinatário
	1 ^a p + 2 ^a p + 3 ^a p	O falante, o destinatário e minimamente um outro
	1 ^a p + 3 ^a p	O falante e outro
	1 ^a p + todos	O falante mais toda e qualquer pessoa
Segunda pessoa do plural	2 ^a p + 2 ^a p	Mais de um destinatário
	2 ^a p + 3 ^a p	O destinatário e minimamente um outro
Terceira pessoa do plural	3 ^a p + 3 ^a p	Mais do que um outro

Fonte: elaborado pela autora com base em Siewierska (2004, p. 82).

Uma distinção importante para a interpretação da primeira pessoa do plural diz respeito à inclusão ou exclusão do interlocutor no referente da forma pronominal. No português brasileiro, os pronomes de primeira pessoa do plural (*nós* e *a gente*), embora não codifiquem essa distinção semântica morfológicamente, apresentam as duas possibilidades de interpretação. Em (12), o contexto pragmático possibilita a interpretação do traço semântico de *a gente* como inclusivo, haja vista que a forma faz referência ao falante e seu destinatário. Nesse excerto, a falante usa a primeira pessoa do plural para estabelecer um ponto em comum com seu interlocutor. O pronome *a gente* em (13), por outro lado, apresenta uma referência determinada relativa ao falante mais uma terceira pessoa, com valor semântico exclusivo, isto é, o interlocutor não está incluído no referente da forma pronominal.

Os traços inclusivo e exclusivo também são expressos nos usos genéricos das formas de primeira pessoa do plural. No exemplo (14), as ocorrências de *a gente* codificam genericamente

o grupo social *cidadãos brasileiros*, no qual o falante e o destinatário estão incluídos. A interpretação da forma pronominal em (14) é realizada a partir da natureza dêitica da primeira pessoa do plural mais a presença do termo âncora Brasil. Em (15), o contexto linguístico atribui o traço semântico exclusivo ao referente de *a gente*, pois o interlocutor não está incluído na referência indicada pelo pronome. Neste excerto, a forma de primeira pessoa do plural foi usada para fazer referência aos pesquisadores da área matemática, categoria social na qual o falante se inclui. A informação dêitica a respeito de quem é o interlocutor do falante nesse momento de fala é de fundamental importância para a identificação do traço exclusivo, pois o interlocutor é uma pesquisadora do GELINS (Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade) que estava conduzindo a entrevista sociolinguística.

- (12) Inf: ah cultura ... são valores ... são costumes ... de um povo ... e por mais que tenha cultura ... vai ser culturas no plural ... você tem ... *a gente* tá aqui numa cultura de Itabaiana de Sergipe ... mas você também vai ter sua cultura ... eu vou ter a minha (13ent.UFS-Itabaiana2018_she.fs.25)
- (13) Doc: você ainda tem contato com ela?
Inf: infelizmente não com essa questão de mudança ... de vim morar aqui ... ela mudou pra Aracaju ... por faculdade também e família lá ... ela tem família lá ... aí infelizmente *a gente* perdeu o contato ... assim o contato é pouco *a gente* ... se vê vez ou outra quando eu vou pra Frei Paulo porque a casa da mãe dela é lá ... mas *a gente* não tem a mesma amizade que antes (09ent.UFS-Itabaiana2018_wes.fs.21)
- (14) Inf: [...] o Brasil tá ... de perna pra o ar ... porque ... após o golpe ... essas coisas são aí de pior a pior ... *a gente* vê saúde ... péssima educação ... péssima cortando os investimento ... *a gente* vê ... muitas outras coisas ... e ... a- *a gente* vê briga ... entre s-lideranças políticas ... porque *a gente* sabe ... *a gente* sabe ... que Lula tá preso ... sem prova nenhuma ... que ele cometeu que ele ... fez alguma coisa ... porque o que vale é a prova ... *a gente* sabe que Lula é um preso político mas ... mas porque que Lula tá preso? [...] (06ent.UFS-Itabaiana2018_eve.ms.24)
- (15) Inf: é porque assim na área de Matemática *a gente* não tem uma linha de pesquisa como ... *a gente* num chega em algo inovador ... porque ... é porque é complicado ... *a gente* tem que *a gente* estuda uma coisa ... que ainda tá em em fase de de de ... descoberta ou que não é muito ... não é apresentada aqui na graduação por exemplo ... então ... num num é tipo ... de tá chegando alguma coisa nova entendeu? (11ent.UFS-Itabaiana2018_den.ms.21)

A primeira pessoa do plural do português brasileiro também apresenta entre as suas possibilidades de interpretação distinções semânticas quanto ao tamanho do grupo referido pela forma pronominal. Nos exemplos de (16) a (19), as formas de primeira pessoa do plural apresentam referentes com diferentes graus de abrangência, de acordo com o tamanho do grupo referido. Em (16), *a gente* faz referência a um grupo de duas pessoas, o falante e a melhor

amiga. Nesse exemplo, o pronome de primeira pessoa vincula uma referência determinada, com traço exclusivo, em que a interpretação do referente é realizada por meio da indexicalidade da forma *a gente* e do termo âncora a minha prima. A partir da expressão dêitica lá em casa, a ocorrência de *a gente* em (17) é interpretada como referindo-se a um grupo pequeno, isto é, as pessoas que vivem na casa do falante, marcando uma noção paucal, nos termos de Harley e Ritter (2002).

- (16) Doc: quem era o seu melhor amigo ou sua melhor amiga na infância?
 Inf: a minha prima ... que se chama [NOME] que cresceu comigo ... desde de criança *a gente* sempre foi eu por ela e ela por mim ela me defendia e eu defendia ela (01ent.UFS-Itabaiana2018_ray.fs.19)
- (17) Doc: nessa coleta que ocorre há separação dos tipos de lixo?
 Inf: bom ... pelo que eu observo não ... mas lá em casa *a gente* separa ... o lixo comum e Ø separa os plásticos ... sabe ni outra bolsinha separado vidro também *a gente* tem muito cuidado quando quebra alguma coisa ... às vezes *a gente* nem coloca ... por causa dos rapazes que recolhem né? pra eles não se machucarem (13ent.UFS-Itabaiana2018_she.fs.25)
- (18) Doc: você acha que a mulher já conseguiu igualdade social?
 Inf: apesar de tanta luta ainda não existe um mundo muito machista ... que por mais que *a gente* trabalhe igual Ø faça as mesmas funções ... *a gente* ainda ganha menos que eles ... Ø ainda ganha menos privilégio ainda ... menos prestígio (01ent.UFS-Itabaiana2018_ray_fs.19)
- (19) Inf: adoção? ... tranquilo pra mim tem que adotar ... eu não acredito que ... um casal homoafetivo vai influenciar a criança a ser homoafetiva num tem nada a ver ... porque eu acredito que a pessoa nasce homoafetiva ... ela num nasce ... ninguém nasce querendo vamos dizer sofrer ... querendo ter dificuldade ... não *a gente* nasce pra viver de boa ... se a pessoa um ... tem essa tendência ... eu acho que é tendência *a gente* tem tendência ... a gostar de de mais coisas ... que eu acredito muito na genética em relação a esse tipo de coisa ... eu num acredito que existe influência ... esse tipo de coisa *a gente* pode se levar por momentos ... isso pode ser verdade alguém ... bêbada num momento ali pode ... fazer alguma coisa com outro homem outra mulher ... num importa mas ... vai ser só uma noite vai ser só uma coisa bem ... passageira ... se realmente num gostar (04ent.UFS-Itabaiana2018_thi.ms.19)

A interpretação do pronome *a gente* em (18) é realizada a partir do termo âncora a mulher, presente na fala do documentador. Em (18), a forma *a gente*, como também as ocorrências de sujeito não preenchido (Ø), faz referência às mulheres de maneira genérica, incluindo a falante e a documentadora. Nesse contexto, a referência realizada pelo pronome de primeira pessoa do plural é feita a uma categoria social, especificada no contexto linguístico. Em (19), o referente de *a gente* é a humanidade de forma geral, incluindo também o falante e o

interlocutor. O termo a pessoa marca linguisticamente a relação referencial com a humanidade, funcionando como âncora para a interpretação das ocorrências de *a gente*.

Outra possibilidade de interpretação para a primeira pessoa do plural diz respeito à auto-referência, isto é, a partir de uma alteração na categoria gramatical de número, as formas de primeira pessoa do plural podem ser utilizadas para referir-se unicamente ao próprio falante. A auto-referência por meio da primeira pessoa do plural marca dêixis social⁵, em que o falante se distancia do interlocutor – plural de majestade, ou desvia a atenção do eu, sugerindo uma autoria conjunta – plural de modéstia (SIEWIERSKA, 2004). Em (20), o falante usa a forma *a gente* para fazer uma auto-referência. O referente da forma de primeira pessoa do plural no excerto em (20) é identificado a partir do assunto abordado pelo falante, isto é, suas perspectivas profissionais.

- (20) Doc: quais são as suas perspectivas profissionais?
 Inf: a ... ser talvez depois de me formar ... talvez mestrado em Redes e ... buscar ... ser Analista de Sistemas se der ... Web Programador Web Design ... Engenheiro de Design e ... e o que surgir *a gente* tá dentro (12ent.UFS-Itabaiana2018_ric.ms.21)

Ainda no que diz respeito à interação entre as categorias de pessoa e número, no português brasileiro, o pronome *a gente*, com origem no substantivo coletivo *gente*, ainda não apresenta as mesmas propriedades morfossintáticas de número e pessoa do pronome canônico *nós*, como pode ser observado no quadro 3.

Quadro 3: Traços de número e pessoa de *gente*, *a gente* e *nós*

Traços		Gente	A gente	Nós
Número	Morfossintático	[αpl]	[-pl]	[+pl]
	Semântico	[+PL]	[+PL]	[+PL]
Pessoa	Morfossintático	[Øeu]	[Øeu]	[+eu]
	Semântico	[ØEU]	[+EU]	[+EU]

Fonte: adaptado de Lopes (2004, p. 54).

O substantivo coletivo *gente*, embora sempre tenha apresentado a noção de pluralidade intrínseca, com traço semântico [+PL], apresentava, até o século XX, o traço morfossintático de número subespecificado [αpl], isto é, podia ocorrer tanto no singular quanto no plural (LOPES, 2003). Porém, antes do processo de gramaticalização de *a gente* se efetivar, *gente* passou a ocorrer apenas no singular, perdendo a possibilidade de flexão de número. Devido à

⁵ A partir da perspectiva do falante, um elemento dêitico social sinaliza a posição social relativa dos participantes do evento de fala, como também de elementos do evento descrito (TRAUGOTT; DASHER, 2002).

perda da subespecificação do traço de número no item lexical de origem, o pronome gramaticalizado apresenta o traço morfossintático [-pl].

Diferentemente do pronome *nós*, *a gente* não apresenta correlação entre os traços morfossintático e semântico de número. Essa falta de correlação reflete-se nos padrões de concordância com o pronome em estruturas predicativas, havendo um favorecimento de adjetivos no singular, seja no masculino ou no feminino (VIANNA, 2002; LOPES, 2004). Porém, apesar de haver uma maior frequência de concordância de *a gente* com adjetivos no singular, também há ocorrências de *a gente* com o traço morfossintático [+pl] em estruturas predicativas, como em (21).

- (21) Doc: e você concorda com o casamento homoafetivo?
 Inf: concordo num afeta minha vida ... olhe ... *a gente* tem que ser bem *egoístas* ... num tá me atrapalhando ... então pronto tá tranquilo (04ent.UFS-Itabaiana2018_thi.ms.19)

No processo de gramaticalização de *a gente* como variante para a expressão da primeira pessoa do plural, implementado no século XX (LOPES, 2003), a forma adquiriu o traço semântico de pessoa [+EU], isto é, o atributo de participante do ato comunicativo, incluindo o falante no referente da forma pronominal. Porém, manteve o traço morfossintático de terceira pessoa [Øeu]. Do ponto de vista normativo, mesmo a forma *a gente* sendo usada como variante do pronome canônico *nós*, deve concordar com o verbo na terceira pessoa do singular (BECHARA, 2015, p. 173). Essa regra de concordância verbal com a forma *a gente* mantém o traço morfossintático do substantivo *gente*. Em (22), as ocorrências do pronome *a gente*, referindo-se ao grupo social *participantes de uma das comissões da igreja*, no qual o falante está incluído, concorda com verbos na terceira pessoa do singular.

- (22) Inf: nos finais de semana ... eu tenho as programação da igreja ... no domingo né? ... é certo no domingo de manhã e de noite só que às vezes tem no sábado também ... tem eventos *a gente* como *faz* parte lá mais né? da comissão ... Ø *organiza* aí às vezes eh tem que ter reunião né? ... ou tem *a gente se reúne* pra preparar as coisa que *a gente arruma* a igreja né? Ø *enfeita* e tal culto de jovem e Ø *faz* cultos temáticos (02ent.UFS-Itabaiana2018_mid.fs.22)

Em uma perspectiva semântica, a concordância de *a gente* com o verbo na primeira pessoa do plural, isto é, acrescido do morfema de número/pessoa *-mos*, harmoniza com as características semânticas do pronome. A ocorrência de *a gente* em (23) concorda com o verbo na primeira pessoa do plural *somos*, havendo uma harmonização nos traços de pessoa e número expressos no pronome e no verbo. Embora este uso de *a gente* mais verbo com o morfema *-mos*

seja justificado do ponto vista semântico, é estigmatizado socialmente, sendo alvo de avaliações negativas (MENDONÇA; ARAUJO, 2019).

- (23) Doc: como é a sua relação com ele?
 Inf: não posso dizer que tem as melhores da relação por que não convivo com ele ele mora com minha mãe e eu moro com meu pai ... *a gente* somos filhos de pais separa- de pais diferentes (01ent.UFS-Itabaiana2018_ray.fs.19)

O uso de *a gente* com verbo na primeira pessoa do plural apresenta baixa frequência entre falantes cultos (LOPES, 2003; VIANNA, 2006; SANTOS, 2014). Porém, há outros indícios sintáticos de harmonização entre o pronome *a gente* e marcas morfossintáticas de primeira pessoa do plural, isto é, *a gente* ocorre em paralelismo com formas verbais com o morfema *-mos* ou com pronomes correlatos (LOPES, 2004). As ocorrências de *a gente* em (24) estão dentro da mesma sequência tópica, com o mesmo referente, das formas verbais de primeira pessoa do plural – *deveríamos* e *fizemos*, em que a noção de pessoa é marcada pelo morfema *-mos*. Em (25), *a gente* co-ocorre com o possessivo *nossos* e com o oblíquo *nos*, pronomes canônicos de primeira pessoa do plural.

- (24) Doc: e como foi a reação dos colegas?
 Inf: na época ... todo mundo era jo- era novo na verdade ... acho (que) *deveríamos* ter uns ... nove dez anos então foi algo que ... de início *a gente* ... ficou preocupado e tudo ... *a gente* se preocupou mais com ele ... do que com isso mas foi uma reação normal ... não não *fizemos* mangação (09ent.UFS-Itabaiana2018_wes.fs.21)
- (25) Doc: o que você acha que é cultura?
 Inf: cultura eu acho que é o que *a gente* a- o que *a gente* ensina pros *nossos* filhos ... que vão ensinar pros filhos deles ... é algo que já está generalizado ... que *nos* caracteriza (01ent.UFS-Itabaiana2018_ray.fs.19)

A interação entre as categorias gramaticais de pessoa e número é a base morfossintática para a atribuição dos traços semânticos das formas de primeira pessoa do plural. Em conjunto com as pistas do contexto linguístico, discursivo e pragmático, as noções semânticas de pessoa e número possibilitam a interpretação das formas de primeira pessoa do plural em função da amplitude do referente, da gradação de abrangência referencial e da inclusão do interlocutor. A seção seguinte apresenta considerações a respeito da interação entre as categorias gramaticais de pessoa e gênero nos pronomes pessoais.

1.2.4 Pessoa gramatical e gênero

No português brasileiro, apenas os pronomes de terceira pessoa apresentam flexão de gênero e número, conforme discutimos na seção 1.2.1. Em relação às propriedades de gênero, *a gente* adquiriu completamente as características da classe dos pronomes pessoais, perdendo os traços do item lexical de origem. O substantivo coletivo *gente* apresenta o traço formal de gênero [+fem], ou seja, sempre ocorre em combinação com formas sintáticas de feminino. Do ponto de vista semântico, o gênero de *gente* não é especificado [ØFEM], pois não esclarece o sexo do referente (LOPES, 2003). Com o processo de gramaticalização, o gênero formal passa a ser neutro [Øfem], isto é, assim como o pronome canônico *nós*, *a gente* não codifica morfologicamente gênero. Semanticamente, o traço de gênero é subespecificado [αFEM] no novo pronome, podendo combinar-se com adjetivos no masculino ou no feminino, a depender do gênero semântico do referente, assim como ocorre com *nós*.

Em estruturas predicativas, os pronomes de primeira pessoa do plural (*nós* e *a gente*) desencadeiam a flexão de gênero no adjetivo, havendo concordância com o gênero semântico do referente das formas pronominais. No excerto em (26), a informação dêitica a respeito do gênero do falante, uma mulher, mais a presença do termo âncora com a sua irmã, expressão no feminino, possibilitam a identificação do gênero semântico do referente. As formas de primeira pessoa do plural fazem referência à falante mais a irmã, fazendo a concordância do adjetivo *pequena* com o gênero do referente.

- (26) Doc: e a relação dos ... com a sua irmã? ... na infância? era como era assim vocês brigavam muito?
 Inf: *a gente* brigava porque tipo nós duas eh ela a diferença de idade é de quatro anos aí a gente *nós* duas era *pequena a gente* sempre brigava por dividir as coisas ... coisas desse tipo (07ent.UFS-Itabaiana2018_sue.fs.20)
- (27) Inf: *a gente* tava fazendo uma aula de campo é o dia inteiro ... e aí *a gente* almoçou ... tinha mais ... cinco pessoas comigo ... na parte numa parte do grupo ... e tinha outra parte que tinha ficado um pouco mais atrás ... e ... por volta de ... uma da tarde ... *a gente* foi *atacado* ... por muitas abelha muitas muitas mesmo [...] (09ent.UFS-Itabaiana2018_wes.fs.21)

O referente de *a gente* no exemplo (27) é um grupo de alunos em uma aula de campo, no qual a falante está incluída. As duas primeiras ocorrências de *a gente* referem-se a todo o grupo, a última, por outro lado, presente em uma estrutura predicativa refere-se apenas à parte do grupo, cinco pessoas, na qual a falante continua incluída. Embora a falante do excerto (27) também seja uma mulher, assim como em (26), o adjetivo *atacado* em relação predicativa com

o pronome *a gente* está no masculino. Possivelmente, o grupo atacado pelas abelhas era misto, ou seja, composto por homens e mulheres, motivando uma concordância com a forma não-marcada para gênero.

Apresentamos, nesta seção, as características morfossintáticas dos pronomes pessoais, relacionando-as à interpretação dos referentes de formas de primeira pessoa do plural, bem como à concordância verbal (número e pessoa) e à concordância nominal (número e gênero) em estruturas predicativas. A noção de pessoa gramatical é central para os pronomes pessoais, interagindo com o número e o gênero para distinguir nuances semânticas. Na próxima seção, apresentamos discussões a respeito das categorias referenciais definitude, especificidade e genericidade, relacionando-as às características morfossintáticas dos pronomes de primeira pessoa do plural.

1.3 CATEGORIAS REFERENCIAIS

Esta seção apresenta as propriedades referenciais relevantes para a interpretação dos pronomes pessoais, relacionando-as às possibilidades de interpretação da primeira pessoa do plural. A seção está dividida em duas partes. Na primeira, são apresentados os conceitos de definitude e especificidade, a partir dos quais as formas de primeira pessoa do plural podem ser interpretadas. As possibilidades de interpretação genérica dos pronomes pessoais de primeira pessoa do plural são apresentadas na seção 1.3.2.

1.3.1 *Definitude e especificidade*

A definitude é uma propriedade semântica dos sintagmas nominais, prototipicamente relacionada aos artigos definidos e indefinidos (ABBOTT, 2004). Em sentido amplo, sintagmas nominais definidos referem-se a entidades determinadas, particulares ou já compartilhadas na estrutura do discurso, e sintagmas nominais indefinidos introduzem novos referentes, ainda não compartilhados. Na literatura semântica, a definitude é considerada em sentido formal, isto é, no que se refere à marcação morfológica de sintagmas como definidos ou indefinidos em línguas naturais (PRINCE, 1992), ou em relação ao status da informação codificada pelos sintagmas nominais, nos termos das condições de familiaridade e novidade (ENÇ, 1991; von HEUSINGER, 2002).

Os pronomes pessoais são considerados marcados para a definitude, tanto em uma perspectiva formal, quanto na perspectiva discursiva. Em termos formais, os pronomes são

considerados definidos. Essa característica dos pronomes reflete-se morfossintaticamente na incompatibilidade de combinação com determinantes, isto é, não co-ocorrem com artigos definidos, demonstrativos ou possessivos, e também são incompatíveis com artigos indefinidos, (SIEWIERSKA, 2004). A partir do modelo de discurso construído em uma interação verbal, os pronomes indicam que as entidades que eles representam são velhas, ou seja, são salientes ou foram evocadas na extensão do discurso anterior (PRINCE, 1992).

As condições de familiaridade e novidade são propriedades pragmáticas do discurso. De acordo com o status da informação, os sintagmas nominais podem codificar referentes definidos ou indefinidos. Referentes previamente introduzidos no discurso atendem à condição de familiaridade, portanto, são definidos. Por outro lado, sintagmas nominais que introduzem novos referentes, não vinculados a outras entidades na estrutura do discurso, são indefinidos, pois atendem à condição de novidade. Os sintagmas definidos exigem um antecedente dentro da estrutura referencial do discurso. Os indefinidos, por sua vez, não apresentam antecedentes.

A noção de definitude, considerada a partir das condições de familiaridade e novidade dos referentes, é um fenômeno diretamente relacionado à especificidade. No modelo de especificidade proposto por Enç (1991), o que distingue as noções de definitude e especificidade é a natureza da ligação com referentes previamente estabelecidos no discurso. Um sintagma nominal definido apresenta antecedente forte, a partir da relação de *identidade*. A especificidade de um referente envolve *inclusão*, através de uma relação mais fraca e mais frouxa com os referentes já evocados na estrutura do discurso. Nos termos de Enç (1991), um sintagma nominal específico apresenta antecedente fraco. Nesse modelo, sintagmas definidos são necessariamente específicos, pois a relação de *identidade* com um referente anteriormente evocado na estrutura do discurso implica também *inclusão* (ENÇ, 1991).

As propriedades referenciais de definitude e especificidade, embora não correspondam a categorias morfossintáticas no paradigma pronominal do português brasileiro, são fundamentais para a interpretação do referente de formas de primeira pessoa do plural. Os excertos apresentados em (28), (29) e (30) mostram que os referentes dos pronomes de primeira pessoa do plural podem apresentar antecedentes fortes, a partir da relação de identidade, antecedentes fracos, em que se estabelece uma relação de inclusão com referentes anteriormente expressos, como também não apresentar nenhum vínculo com outros referentes da estrutura do discurso anterior, atribuindo ao referente o traço não-específico.

Em (28), as ocorrências da primeira pessoa do plural apresentam um antecedente forte, isto é, uma relação de identidade entre o referente da expressão eu e a minha mãe e o referente dos pronomes *a gente* e *nós*. No excerto em (29), o termo uma profissão funciona como um

antecedente fraco para a forma *a gente*, pois a interpretação do referente das ocorrências de primeira pessoa do plural depende do vínculo com o antecedente, porém, o vínculo não é de identidade, apenas de inclusão. Nesse contexto, o referente das ocorrências de *a gente* é a categoria social dos professores, na qual a falante está incluída. A identificação do referente é realizada por meio de um processo inferencial ativado pelo antecedente fraco mais informações do contexto linguístico do turno de fala como a referência ao termo aluno.

- (28) Doc: [NOME] assim pra onde você já viajou?
 Inf: hum viagem assim a passeio?
 Doc: isso mais longe assim
 Inf: o mais longe mesmo que eu possa dizer que eu fui ah foi a Salvador lembrei foi a Salvador foi- foi o Show da Fé que teve lá em Aracaju da igreja foi eu e a minha mãe *a gente* teve essa oportunidade de conhecer *a gente* não conheceu exatamente Salvador mas alguns dos pontos turísticos *a gente* conheceu porque foi ali perto do Elevador Lacerda o show *nós* almoçamos num Pelourinho né isso é no Pelourinho *a gente* subiu e tal *a gente* conheceu ali um pouco aquela região (15ent.UFS-Itabaiana2018_ana.fs.24)
- (29) Inf: [...] apesar de ser uma profissão... difícil... de ser uma profissão muito árdua mas também é uma profissão pra quem gosta... muito prazerosa... uma profissão que nos faz criar vínculos muito bons... e que *a gente* vê resultado... lentamente mas *a gente* vê... *a gente* consegue mudar um comportamento de um aluno... e eu acho que é a coisa boa... né? *a gente* pode fazer um aluno gostar da gente tem aquele que não gosta da gente... né? mas *a gente* lembra daqueles que gosta... pra fechar aquela mágoa de um que né? fala alguma coisa que num go- que num gostou às vezes *a gente* consegue até mudar né? a visão daquele aluno em relação a gente [...] (15ent.UFS-Itabaiana2010_jam.fs.23)⁶

Em termos de estrutura referencial do discurso, um sintagma nominal específico é referencialmente ancorado a outro objeto de discurso (von HEUSINGER, 2002). Assim, as formas de primeira pessoa do plural nos exemplos (28) e (29) são específicas, pois apresentam vinculação com referentes anteriormente estabelecidos no discurso. Porém, as ocorrências em (28) e (29) diferem quanto a natureza da vinculação com o antecedente, em (28), há uma relação de identidade, em (29), apenas inclusão.

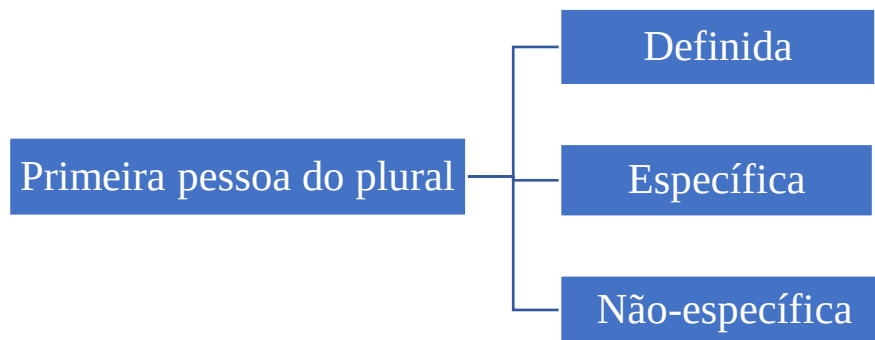
- (30) Inf: [...] mas acredito que ch- você chegar e dizer olhe eu ... fiquei sabendo não mentir né? ... fiquei sabendo isso e isso ... mas eu perdoo você ... eu perdoo o que você falou ... num quero nada no meu coração ... até porque ... é um bem que *a gente* faz a gente mesmo não guardar raiva né? ... até a ciência mesmo comprova né? que quem guarda raiva ... né dá ... tem até seca os ossos né? ... [...] (02ent.UFS-Itabaiana2018_mid.fs.22)

⁶ Os exemplos apresentados nesta tese com a codificação *ent.UFS-Itabaiana2010* foram extraídos da amostra *Falantes cultos de Itabaiana/SE*, composta por vinte entrevistas sociolinguísticas. Os códigos identificam a entrevista sociolinguística, indicando o número, a amostra (comunidade e ano da gravação) e a estratificação social do informante (letras iniciais do nome do informante, sexo/gênero, nível de escolaridade e idade, respectivamente). Mais detalhes da constituição da amostra serão apresentados no capítulo dedicado à metodologia deste trabalho.

No exemplo (30), o referente de *a gente* não apresenta vinculação com nenhum termo expresso no discurso, portanto, é não-específico. Nesse contexto, as ocorrências de primeira pessoa do plural referem-se ao grupo genérico *humanidade*, com a inclusão do falante e do interlocutor.

A partir dos conceitos de definitude e especificidade propostos por Enç (1991), e com base nas relações de identidade e inclusão que as formas de primeira pessoa do plural estabelecem com a estrutura referencial do discurso, a interpretação do pronome pode ser definida, específica ou não-específica, conforme demonstrado nos exemplos (28) a (30). A figura 4 apresenta as três possibilidades de interpretação.

Figura 4: Definitude e especificidade na primeira pessoa do plural



Fonte: elaborada pela autora.

O referente de um pronome de primeira pessoa do plural será definido, quando apresentar um antecedente forte, vinculado por meio da relação de identidade. Nesse caso, também será específico, pois a relação de identidade implica a relação de inclusão. Quando a forma pronominal apresenta um antecedente fraco, com o qual estabelece um vínculo de inclusão, o referente é específico. A leitura não-específica de pronomes de primeira pessoa do plural é restrita a contextos genéricos, em que o referente é toda a humanidade. As interpretações específica e não-específica dos pronomes de primeira pessoa do plural, embora não sejam definidas, nos termos propostos por Enç (1991), também não são indefinidas, pois não atendem à condição de novidade, já que o falante está sempre incluído na referência.

A oposição específica *versus* não-específica define as possibilidades de interpretação da primeira pessoa do plural, já que referentes definidos são necessariamente específicos. Porém, a natureza do vínculo estabelecido entre as formas de primeira pessoa do plural e referentes anteriormente expressos no discurso é significativa para os objetivos desta tese. A relação de identidade ocorre apenas quando o referente é determinado, com menor grau de abrangência referencial, em que as pessoas referenciadas são identificadas no contexto linguístico. Já a

vinculação por inclusão é relacionada a contextos em que o referente dos pronomes de primeira pessoa do plural é um grupo social, sem referência especificada aos integrantes do grupo.

A relação de identidade das formas de primeira pessoa do plural com referentes anteriormente evocados ocorre quando a referência é feita a indivíduos, determinados no contexto linguístico da interação verbal. A relação de inclusão ocorre quando a primeira pessoa do plural faz referência a um grupo, identificado por um antecedente fraco. O uso não-específico dos pronomes de primeira pessoa do plural faz referência a toda a humanidade. Na próxima seção, relacionamos essas possibilidades de uso da primeira pessoa do plural à genericidade.

1.3.2 *Genericidade*

A genericidade é um fenômeno com duas faces, uma relacionada à semântica das sentenças e outra relativa à propriedade dos significados de sintagmas nominais (CARLSON, 2011). Regularidades, leis, generalizações, hábitos e disposições são expressos por sentenças genéricas. Os sintagmas nominais genéricos denotam um tipo de coisa, fazendo referência à uma classe. Embora os dois lados da genericidade comumente co-ocorram, são dois fenômenos semânticos independentes. Sentenças genéricas generalizam sobre situações e eventos, podendo ou não apresentar sintagmas nominais genéricos. Da mesma forma, o uso de sintagmas genéricos não é limitado pelo significado geral da sentença.

Sentenças genéricas apresentam marcadores específicos de habitualidade, por exemplo, formas verbais ou advérbios de tempo. Por outro lado, não parece haver dispositivos morfológicos específicos que marcam a genericidade nominal (CARLSON, 2011). O fato de não haver marcação morfológica específica para a genericidade dos sintagmas nominais sugere que a discussão de classes não exige mecanismos especiais, ou seja, os mesmos recursos linguísticos usados para referir-se a indivíduos e seus grupos podem ser usados genericamente, fazendo referência a uma categoria.

Sintagmas nominais genéricos fazem referência a uma instância típica de uma classe, descrevendo um comportamento típico de um elemento típico da categoria (CHAFE, 1994). Os pronomes de primeira pessoa do plural podem ser usados para referir-se genericamente a toda a humanidade, conforme discutimos na explicação do exemplo (30), na seção anterior. O uso genérico de formas de primeira pessoa do plural, também chamado de uso impessoal, inclui o falante e o interlocutor na referência. Nesse tipo de uso das formas pronominais, ocorre a

categorização do referente na classe dos humanos, a partir da marcação do valor semântico [+humano] inerente à primeira pessoa gramatical.

O uso genérico dos pronomes pessoais necessariamente denota humanos, portanto, está instanciado na categoria de pessoa. A referência a pessoas em geral é apenas um tipo de uso genérico dos pronomes de primeira pessoa do plural, essas formas pronominais também marcam genericidade a partir da categorização dos humanos em subclasses da humanidade, isto é, em grupos sociais. Os pronomes de primeira pessoa do plural podem expressar referência genérica, denotando um grupo social no qual o falante está incluído, sem fazer referência aos indivíduos específicos desse grupo. No exemplo (31), as ocorrências de *a gente* fazem referência aos universitários de forma geral, como uma classe, sem individualizar os integrantes, referindo-se genericamente à categoria universitário.

(31) Doc: pra você o que é ser universitário [NOME]?

Inf: eh assim ... é bom ser universitário ... porque *a gente* tá sempre se expondo a conhecimento né? ... aprendi novas coisas além de aprender sobre a nossa futura formação aprendi muitas coisas sobre questões da vida mesmo né? a convivência com as pessoas né? ... eh se torna melhor... às vezes *a gente* entra aqui né? com uma visão uma perspectiva da vida e e Ø muda muito ... que aprendi muitas coisas mesmo fora as coisas do curso (02ent.UFS-Itabaiana2018_mid.fs.22)

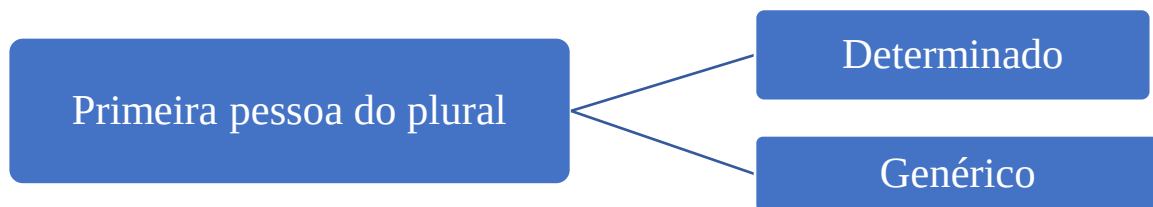
A atribuição de referência às ocorrências da primeira pessoa do plural expressas em (30) e (31) diferem quanto à especificidade. Em (31), o referente das formas pronominais é específico, pois apresenta relação de inclusão com um referente anteriormente compartilhado no discurso, o termo âncora universitário. Por outro lado, em (30), apresentado na seção anterior, as ocorrências de primeira pessoa do plural são vinculadas a um referente não-específico, pois não estabelecem relação com outros referentes da estrutura do discurso. O uso genérico dos pronomes de primeira pessoa do plural, como os expostos em (30) e (31), opõe-se ao uso determinado, em que as pessoas incluídas na referência pronominal são identificadas no contexto linguístico, como em (32).

(32) Doc: você pode contar como foi esse contato esse desencan- esse encanto

Inf: ele ele faz física aqui também... (est) ele veio lá de São Cristóvão acho que foi o destino... porque eu passei quatro anos aqui e nunca encontrei né? e ele no primeiro semestre que ele transferiu pra cá *a gente* se conheceu estudávamos na mesma sala né? eu nem aí pra ele... e ele de vez em quando ele dava uma olhada pra mim e eu nem percebia que ele dava essas olhadas pra mim ((RISOS)) [...] aí fui pra São Paulo voltei e ele só insistindo insistindo... até que *a gente* começou a namorar ((RISOS)) [...] (18ent.UFS-Itabaiana2010_ros.fs.24)

Em (32), o referente das formas de primeira pessoa do plural é determinado pelo contexto linguístico do turno de fala, diz respeito à falante mais o namorado. A partir das possibilidades de uso dos pronomes de primeira pessoa do plural, e considerando os conceitos de definitude, especificidade e genericidade, a figura 5 apresenta as distinções semânticas expressas pelas formas de primeira pessoa do plural no português brasileiro. O referente de um pronome de primeira pessoa do plural é determinado quando faz referência a indivíduos especificados no contexto linguístico. Por outro lado, o referente genérico faz referência à classe dos humanos de forma geral, ou a um grupo social no qual o falante está incluído, categorizando os integrantes do grupo a partir do valor [+humano].

Figura 5: Valor semântico dos pronomes de primeira pessoa do plural



Fonte: elabora pela autora.

Referentes genéricos, embora não apresentem um antecedente forte, não podem ser considerados indefinidos, pois representam informações velhas no modelo de discurso construído durante a interação verbal. Ao usar formas de primeira pessoa do plural para referir-se à humanidade, ou a um grupo social, o falante assume que seu interlocutor tem conhecimento a respeito da classe referida.

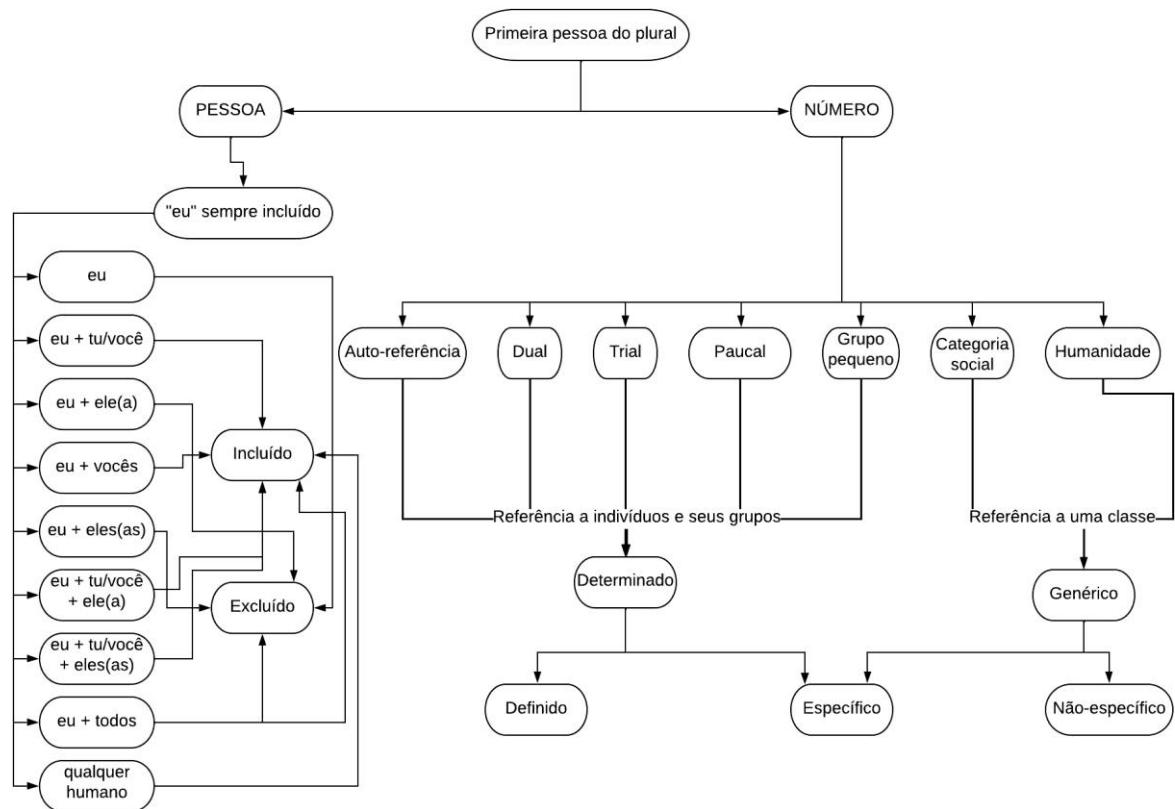
Na próxima seção, a partir das discussões teóricas a respeito das categorias morfossintáticas (HARLEY; RITTER, 2002), do traço semântico de pessoa gramatical (SIEWIERSKA, 2004; BENVENISTE, 2005[1966]), e das categorias referenciais de definitude (PRINCE, 1992; ENÇ, 1991), especificidade (ENÇ, 1991; von HEUSINGER, 2002) e genericidade (CARLSON, 2011), apresentamos um modelo para análise dos traços semânticos das formas de primeira pessoa do plural no português brasileiro.

1.4 MODELO DE ANÁLISE SEMÂNTICA DA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

A interpretação semântica de formas de primeira pessoa do plural é direcionada pela interação entre as categorias gramaticais de pessoa e número. O traço semântico de primeira pessoa vincula o falante à interpretação do pronome, isto é, o falante sempre está incluído no

referente. A junção do eu (falante) com outros referentes de 2P e/ou 3P estabelece referência com nuances estilísticas decorrentes do grau de inclusão do falante no grupo referido. A natureza das pessoas gramaticais acrescidas ao eu define a amplitude do referente de primeira pessoa do plural, em uma escala do mais restrito (*eu + tu/você*), de natureza dêitica, ao mais amplo (*qualquer humano*).

Figura 6: Traços semânticos na interpretação da primeira pessoa do plural



Fonte: elaborada pela autora.

Além da amplitude do referente, a primeira pessoa do plural apresenta nuances semânticas decorrentes de outros quatro grupos de fatores: grupo referencial, inclusão do interlocutor, referência e definitude/especificidade, conforme representado na figura 6. O traço semântico de plural é representado pela noção de grupo, conforme a geometria de características morfosintáticas proposta por Harley e Ritter (2002). A primeira pessoa do plural, além da ideia de grupo, também apresenta distinções semânticas quanto ao tamanho do grupo referido, com seis graus de abrangência: dual, trial, paucal, grupo pequeno, categoria social definida no contexto linguístico e humanidade de forma ampla. A primeira pessoa do plural também pode ser usada para realizar a auto-referência, em que o falante faz referência a si mesmo.

Embora as nuances semânticas representadas pela amplitude do referente e pelo tamanho do grupo referencial apresentem alguns fatores sobrepostos, o controle desses

parâmetros de forma separada é importante para o estudo dos traços semânticos das variantes de primeira pessoa do plural, pois o aspecto semântico focalizado em cada grupo de fator é distinto. A amplitude do referente é focalizada na noção de pessoa gramatical, a partir da qual é possível captar o grau de inclusão do falante no grupo referido, bem como a relação entre falante e interlocutor. Por outro lado, o grupo referencial capta apenas a quantidade de pessoas abrangidas no referente.

Embora os níveis de amplitude *eu + tu/você* e *eu + ele(a)* sejam necessariamente duais, apresentam nuances semântico-estilísticas distintas. No primeiro caso, além de ser dêitico, totalmente vinculado ao momento da interação verbal, o referente também pode codificar a relação social entre os interlocutores, já que a inclusão do interlocutor na referência indica proximidade e simpatia. O traço inclusão do interlocutor também apresenta sobreposição com a amplitude do referente. No entanto, no nível de amplitude *eu + todos*, em que a referência é feita a uma classe, o controle da inclusão do interlocutor capta distinções semânticas a partir da inclusão ou exclusão do interlocutor na categoria social referida.

A primeira pessoa do plural pode vincular referentes determinados, quando faz referência a indivíduos identificados no contexto linguístico, ou genéricos, em que a referência é a uma classe, sem especificar os integrantes. Conforme discutimos na seção 1.3.2, referentes determinados podem ser definidos, em que ocorre relação de identidade com referentes anteriormente expressos no discurso, ou específicos, em que a relação referencial é estabelecida por meio da inclusão em um referente anteriormente expresso. Os referentes genéricos podem ser específicos, estabelecendo relação de inclusão com outros referentes da cadeia referencial, ou não-específicos, em que não há relação com outros referentes.

A interação entre as categorias morfossintáticas de pessoa, número e gênero e as categorias referenciais definitude, especificidade e genericidade levam a diferentes interpretações das formas de primeira pessoa do plural. No português brasileiro, as variantes *nós* e *a gente* apresentam os mesmos atributos de traços semânticos, os quais são interpretados em função do contexto linguístico, discursivo ou pragmático. Para mostrar a mudança nos traços semânticos das formas de primeira pessoa do plural, precisamos demonstrar o aumento na frequência de aplicação das variantes em função dos traços semânticos. No próximo capítulo, a fim de construir um panorama das frequências de uso de *nós* e *a gente* em função dos traços semânticos, apresentamos resultados de estudos variacionistas.

2 TRAÇOS SEMÂNTICOS DA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NO PB

A primeira pessoa do plural apresenta diferentes possibilidades de interpretação, com nuances relativas ao grau de abrangência do referente⁷. Os estudos sociolinguísticos evidenciam que o traço semântico atrelado aos contextos referenciais expressos pela primeira pessoa do plural apresentam associação estatisticamente significativa com a taxa de aplicação das variantes *nós* e *a gente*. A fim de apresentar um panorama das frequências de uso das formas de primeira pessoa do plural em função dos traços semânticos do referente, sistematizamos os resultados de dezessete estudos variacionistas. Para a seleção dos dezessete estudos, fizemos um levantamento de pesquisas que analisaram os traços semânticos das variantes *nós* e *a gente*, excluindo artigos que repetiam resultados já apresentados em teses e dissertações.

Após levantamento das pesquisas, observamos a variabilidade de concepções e abordagens dos traços semânticos das formas de primeira pessoa do plural em estudos sociolinguísticos. Embora esse não seja o objetivo de estudos variacionistas, a falta de detalhamento da concepção semântica adotada, dificulta a comparação de resultados. Por isso, antes de traçar o panorama das frequências, foi preciso organizar os estudos a partir de suas concepções a respeito dos traços semânticos das formas de primeira pessoa do plural. Inicialmente, fizemos um levantamento da denominação dada aos traços semânticos, bem como dos níveis referenciais considerados nos estudos, conforme descrito no quadro 4.

Quadro 4: Concepções dos traços semânticos de *nós* e *a gente*

Estudo	Variável	Fatores
Lopes (1993)	Grau de amplitude do “eu”	eu + você eu + vocês eu + ele eu + eles eu + todos
Borges (2004)	Referência semântica	Específica ao próprio falante (eu) Específica inclusiva (eu + pessoa) Específica inclusiva (eu + pessoa + não-pessoa) Específica exclusiva (eu + não-pessoa) Genérica (eu + todo/qualquer indivíduo) Ambígua ou duvidosa
Silva (2004)	Multiplicidade referencial	eu eu + tu eu + tu + ele(s) eu + ele

⁷ O texto apresentado neste capítulo foi publicado em MENDONÇA, J. J. O controle dos traços semânticos de *nós* e *a gente* em estudos variacionista. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 64, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8660585>

		eu + eles Genérico Ambíguo
Mendonça (2012)	Tipo de referência	eu eu + você eu + você + ele eu + ele Genérica ele(a)
Santos (2014)	Multirreferencialidade	Eu + você Eu + vocês Eu + ele Eu + eles Eu + todos Eles
Lopes (2003)	Tipologia semântica	Específico Genérico Impessoal
Foeger (2014)	Referencialidade	Específica e definida Genérica e definida Genérica e indefinida
Lucchesi (2009)	Nível de referencialidade	Grupo específico Indeterminação circunscrita Indeterminação universal O próprio falante
Nascimento (2013)	Nível de referencialidade	Grupo específico Indeterminação universal O próprio falante
Seara (2000)	Traço semântico	[+ específico] [- específico]
Silva (2010)	Eu-ampliado	Exclusivo Genérico
Omena (2003)	Traço de indeterminação	Determinado Indeterminado
Lopes (2004)	Traço do referente	Determinado Indeterminado
Tamanine (2010) Franceschini (2011) Souza (2020)	Determinação do referente	Determinado Indeterminado
Viegas; Mendes (2018)	Significado	Determinado Indeterminado

Fonte: elaborado pela autora.

A partir da nomenclatura e níveis dos traços semânticos apresentados no quadro 4, organizamos os estudos consultados em três grupos de concepção semântica: i) abrangência do referente, baseada na noção de “eu-ampliado” de Benveniste (2005[1966]); ii) gradação referencial com três níveis de referencialidade e iii) oposição binária de traços semânticos.

Para traçar um panorama das frequências de uso de *nós* e *a gente* nas dezessete pesquisas consultadas, realizamos um estudo de meta-análise⁸. O procedimento de meta-análise consiste na aplicação de técnicas estatísticas para explicar a variância dos resultados de estudos com diferentes conjuntos de dados (FREITAG, [2020?]). Na seção, 2.1, apresentamos os procedimentos metodológicos da meta-análise realizada.

Os resultados do grupo de estudos que adotam a concepção dos traços semânticos da primeira pessoa do plural a partir da noção de amplitude, relativos às pesquisas de Lopes (1993), Borges (2004), Silva (2004), Mendonça (2012) e Santos (2014), são apresentados e discutidos na seção 2.2. As pesquisas de Lopes (2003), Lucchesi (2009), Nascimento (2013) e Foeger (2014) adotam a concepção de gradualidade do referente. Os resultados desse segundo grupo de estudos são discutidos na seção 2.3. Por fim, os estudos de Seara (2000), Omena (2003), Lopes (2004), Silva (2010), Tamanine (2010), Franceschini (2011), Viegas e Mendes (2018) e Souza (2020), que consideram os traços semânticos de *nós* e *a gente* a partir de uma oposição binária, são apresentados na seção 2.4.

2.1 PROCEDIMENTOS DE META-ANÁLISE

Para traçarmos um panorama das frequências de aplicação das formas *nós* e *a gente* em função dos traços semânticos, realizamos análises univariadas com teste estatístico de qui-quadrado. Os estudos consultados não controlam o mesmo conjunto de variáveis independentes, por isso, ao invés de comparar os estudos a partir dos pesos relativos (PR), optamos por utilizar os resultados do teste de qui-quadrado como critério de comparação. Isso porque o PR é calculado a partir de análises multivariadas, em que os processos linguísticos são influenciados simultaneamente por diversas variáveis independentes (GUY; ZILLES, 2007).

Para observar a significância estatística do traço semântico do referente nos estudos consultados, realizamos testes de qui-quadrado cujos resultados são apresentados nas seções 2.2, 2.3 e 2.4. Esse teste estatístico compara a distribuição das variantes na amostra com a distribuição em que a hipótese nula (H_0) seja verdadeira. A H_0 prevê que não há associação entre os traços semânticos (variável independente) e a distribuição das formas *nós* e *a gente* (variável dependente), com uma distribuição equilibrada das variantes. Para rejeitarmos a hipótese nula, confirmando que a distribuição observada é estatisticamente significativa,

⁸ A meta-análise desenvolvida neste estudo foi realizada com base no tutorial *Como fazer meta-análise com dados sociolinguísticos?*, de Raquel Freitag, disponível em <https://rkofreitag.github.io/meta.html>.

utilizamos como critério de significância o valor de p de 0.05, valor comumente adotado nas ciências sociais.

A partir de análises univariadas com testes de associação entre a seleção das variantes *nós* e *a gente* e o traço semântico do referente de primeira pessoa do plural, como também a partir de análises de regressão logística generalizada, objetivamos tornar os resultados dos estudos apresentados no quadro 4 comparáveis, traçando um panorama das frequências de aplicação de *nós* e *a gente* em função dos traços semânticos.

2.2 NOÇÃO SEMÂNTICA DE “EU-AMPLIADO”

Os estudos de Lopes (1993), Borges (2004), Silva (2004), Mendonça (2012) e Santos (2014) analisam a interpretação referencial de *nós* e *a gente* a partir da noção de “eu-ampliado”. Essa perspectiva de análise é pautada na noção de que “eu” exerce papel central na referencialidade das formas de primeira pessoa do plural, isto é, o referente de *nós* ou *a gente* é “eu” mais “não-eu”. A natureza do “não-eu” é o que define a abrangência do referente expresso pela primeira pessoa do plural, com gradação do mais determinado (*eu + tu/você*) ao mais indeterminado (*eu + todos*).

Na tabela 1, apresentamos os resultados dos estudos de Lopes (1993), Borges (2004), Silva (2004), Mendonça (2012) e Santos (2014) em função da abrangência referencial. A partir dos valores consolidados em cada estudo, realizamos uma análise univariada da distribuição das variantes *nós* e *a gente* em função dos contextos referenciais. Os resultados do teste de associação mostram que o tipo de valor referencial codificado pela primeira pessoa do plural é significativo para a escolha da forma variante, isto é, a distribuição de *nós* e *a gente* entre os níveis de abrangência referencial não é aleatória.

Lopes (1993) analisa o uso das formas de primeira pessoa do plural a partir de cinco níveis de abrangência referencial, marcados por uma gradação de determinação/indeterminação, em que os extremos são representados pelo grau de inclusão do “eu”. O nível *eu + você* representa o grau máximo de inclusão do falante, sendo também o grau máximo de determinação do referente. No outro extremo, o nível *eu + todos* representa o grau máximo de indeterminação, com grau mínimo de inclusão do falante na referência expressa pelo pronome de primeira pessoa do plural.

Os resultados de Lopes (1993) sugerem que há uma diferenciação no uso das formas variantes, com contextos referenciais mais genéricos, isto é, com grau máximo de indeterminação, favorecendo o uso de *a gente* (252/422, 60%). Na amostra analisada por Lopes

(1993), o uso de *a gente* aumenta à medida que a abrangência referencial é maior. Por outro lado, o uso de *nós* é mais frequente em contextos referenciais mais restritos. E essa distribuição é estatisticamente significativa ($p < 0,0001$).

Tabela 1: Interpretação referencial de *a gente* a partir da noção de "eu-ampliado"

Estudo	Fatores	A/T	%	Qui-quadrado
Lopes (1993)	eu + você	7/32	22	$X^2(4, N = 930) = 85.63,$ $p < 0.0001$
	eu + vocês	1/12	8	
	eu + ele	2/12	17	
	eu + eles	144/452	32	
	eu + todos	252/422	60	
Borges (2004)	eu / eu + pessoa	22/28	79	$X^2(2, N = 2823) = 30.92,$ $p < 0.0001$
	eu + não-pessoa	1390/1959	71	
	eu + todo/qualquer indivíduo	677/836	81	
Silva (2004)	eu	24/33	73	$X^2(4, N = 864) = 15.19,$ $p < 0.01$
	eu + tu / eu + tu + ele(s)	2/4	50	
	eu + ele / eu + eles	236/508	46	
	genérico	168/299	56	
	ambíguo	13/20	65	
Mendonça (2012)	eu	239/295	81	$X^2(5, N = 1745) = 20.42,$ $p < 0.01$
	eu + você	8/11	72	
	eu + você + ele	6/7	85	
	eu + ele	726/1068	68	
	genérica	253/357	71	
	ele(a)	4/7	57	
Santos (2014)	eu + você	19/53	36	$X^2(5, N = 1915) = 175.96,$ $p < 0.0001$
	eu + vocês	172/211	81	
	eu + ele	140/193	72	
	eu + eles	608/685	88	
	eu + todos	639/742	86	
	eles	10/31	32	

Fonte: elaborada pela autora.

Borges (2004) apresenta os resultados em função de três níveis referenciais. O primeiro nível é a amalgamação entre a referência ao próprio falante e a referência inclusiva (eu + pessoa), com percentual de 79% (22/28) de uso de *a gente*. Importante ressaltar que das vinte e oito ocorrências de primeira pessoa do plural no contexto referencial amalgamado *eu/eu + pessoa*, apenas cinco equivalem ao nível mais determinado *eu + pessoa*, as outras vinte e três ocorrências são de referência ao próprio falante. Os níveis eu + não-pessoa e eu + todo/qualquer indivíduo apresentam 71% (1390/1959) e 81% (677/836) de uso de *a gente*, respectivamente. O teste de associação mostra que há diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,0001$) entre as proporções de uso de *a gente* nos diferentes graus de amplitude do eu.

Os resultados de Silva (2004) são apresentados em função de cinco níveis de interpretação referencial das formas *nós* e *a gente*. A autora utiliza a inclusão/exclusão do

interlocutor como critério de amalgamação entre os níveis, criando os fatores amalgamados eu + tu / eu + tu + ele(s) e eu + ele / eu + eles. Na amostra analisada por Silva (2004), o pronome *a gente* apresenta maior frequência de uso, com percentual de 73% (24/33) no contexto de referência ao próprio falante. Nos níveis referenciais eu + tu / eu + tu + ele(s), eu + ele / eu + eles e genérico a distribuição entre as variantes *nós* e *a gente* é equilibrada, com percentuais em torno de 50%. A autora apresenta ainda os resultados em função da interpretação ambígua, em que há uma opacidade referencial, não sendo possível a identificação exata do referente, com percentual de 65% (13/20) de uso de *a gente*. O teste de qui-quadrado mostra que há associação estatisticamente significativa ($p < 0,01$) entre os níveis referenciais e a distribuição das variantes *nós* e *a gente* no estudo de Silva (2004).

Na análise da interpretação referencial das formas *nós* e *a gente*, Mendonça (2012) apresentou os resultados em função de seis níveis de amplitude do “eu”. Os maiores percentuais de uso de *a gente* ocorreram nos níveis eu + você + ele, com 85% (6/7), e no nível de referência ao próprio falante, com 81% (239/295). Os fatores eu + você, eu + ele e genérico apresentaram percentual de uso de *a gente* de 72% (8/11), 68% (726/1068) e 71% (253/357), respectivamente. Mendonça (2012) também encontrou na amostra analisada sete ocorrências de primeira pessoa do plural codificando um referente de terceira pessoa, com percentual de uso de *a gente* de 57%. O teste de associação nos possibilita refutar a H_0 , pois o valor de p é menor que 0,01, confirmando que a distribuição das variantes de primeira pessoa do plural pelos seis níveis de interpretação não é aleatória, isto é, a associação entre a variável dependente e a variável independente é estatisticamente significativa.

No estudo de Santos (2014), o uso de *a gente* é mais frequente nos níveis referenciais eu + vocês, eu + eles e eu + todos, com percentuais acima de 80%. A frequência de uso de *a gente* com interpretação referencial de eu + ele também é alta, com percentual de 72% (140/193). No nível referencial eu + você, nível mais determinado na gradação considerada por Santos (2014), o uso de *a gente* ocorre com percentual de apenas 36% (19/53). A possibilidade de referência à terceira pessoa, com exclusão do falante, considerada no estudo de Mendonça (2012) como um nível de amplitude do referente de primeira pessoa do plural, também foi analisada por Santos (2014).

Santos (2014) considera que a referência a *eles* representa o maior grau de indeterminação, pois exclui totalmente o falante. Em (33), trecho apresentado pela autora para exemplificar essa possibilidade de interpretação da primeira pessoa do plural, as pistas linguísticas possibilitam a identificação do referente da forma *a gente* como sendo dois deputados. Trata-se, neste contexto, de um discurso reportado, em que o falante F2 narra uma

conversa hipotética entre os referidos deputados. Considerar esse tipo de contexto como de referência à terceira pessoa, conforme defendido pela autora, desconsidera propriedades do discurso reportado.

- (33) F2: ninguém sa- sabia onde tava essa empresa de locação só sabia dizer que não era ali... e quando ligava... pra o número que se tinha o rapaz... negava... da informação do endereço... da empresa ou seja era empresas fajutas... que o... arruma uma pessoa laranja... pra me fornecer isso... pago mas só que nesse pagar você tem a sua parte que não é... apenas... por você fornecer o transporte... mais uma parte por você criar essa empresa fajuta... e *a gente* divide aquilo que o governo paga pela locação desse tran- desse transporte... dois deputados eu não me recordo o nome dos dois deputados... mas dois deputados foram investigados e foi descoberto isso (Exemplo (23) de Santos, 2014, p. 54)

O teste de qui-quadrado realizado com os dados de Santos (2014) mostra que a distribuição das variantes *nós* e *a gente* pelos níveis de amplitude do “eu” não é aleatória, isto é, há associação estatisticamente significativa ($p < 0,0001$) entre as variáveis.

A análise de associação entre a seleção da variante e o nível de abrangência referencial sugere que a distribuição interna da variável é significativa em cada estudo independentemente, conforme resultados expostos na tabela 1⁹. Porém, há diferenças nos níveis controlados em cada pesquisa. A interpretação ambígua da referência de primeira pessoa do plural foi considerada apenas no estudo de Silva (2004). O uso das formas *nós* e *a gente* para codificar referentes de terceira pessoa, com exclusão do falante, foi apresentado somente nos estudos de Mendonça (2012) e Santos (2014). A referência ao próprio falante por meio de pronomes de primeira pessoa do plural foi apresentada nos resultados de Borges (2004), Silva (2004) e Mendonça (2012).

A fim de tornar os resultados dos estudos apresentados na tabela 1 comparáveis, retiramos da meta-análise os níveis referenciais que não foram controlados nos cinco estudos considerados. Assim, retiramos as ocorrências de referência ao próprio falante, os dados de interpretação referencial ambígua e os referentes de terceira pessoa. Também realizamos amálgamas entre níveis de abrangência referencial, considerando o critério de inclusão/exclusão do interlocutor adotado por Silva (2004). Após os procedimentos de exclusão de ocorrências não comparáveis e de amálgama entre níveis de amplitude referencial, o controle

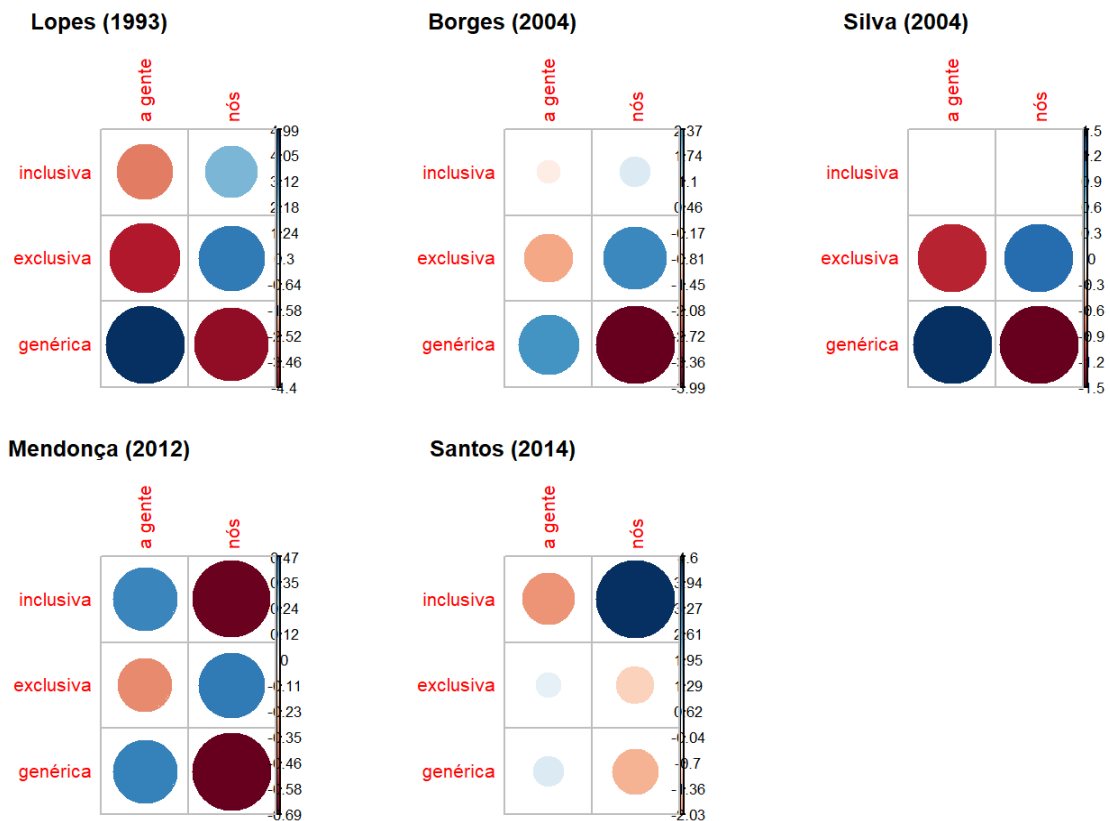
⁹ A distribuição das ocorrências de *nós* e *a gente* pelos níveis de amplitude viola as condições de homogeneidade, o que pode interferir nos resultados do teste inferencial. Para observar se a associação se mantém significativa, refizemos os testes de qui-quadrado excluindo os níveis não homogêneos. Os resultados dos testes apenas com os níveis de distribuição regular confirmam a associação estatisticamente significativa ($p < 0,01$) em todos os estudos apresentados na tabela 1.

das variáveis nos estudos apresentados na tabela 1 foi reduzido a três níveis de abrangência do referente: *inclusivo*, *exclusivo* e *genérico*.

Para observar o efeito de dependência entre esses níveis referenciais e a escolha da forma de primeira pessoa do plural, realizamos novamente testes de qui-quadrado para cada estudo. A associação entre o uso de *nós* e *a gente* e o tipo de referente semântico da primeira pessoa do plural é estatisticamente significativa, com exceção do estudo de Mendonça (2012), em que o p-valor é maior que 0.05 ($X^2(2, N = 1443) = 1.72$, p-valor = 0.4223).

A análise dos resíduos, apresentada sob a forma de matriz de correlação na figura 7, mostra a contribuição de cada nível referencial para o uso das variantes da variável dependente. O tamanho e a cor dos círculos indicam a contribuição de cada célula para o efeito de dependência entre as variáveis dependente e independente. Associações positivas entre linha e coluna são apresentadas por círculos em azul, e associações negativas por círculos em vermelho. Os resultados dos estudos de Lopes (1993), Borges (2004), Silva (2004) e Mendonça (2012) mostram uma oposição entre os níveis *exclusivo* e *genérico*, com o valor semântico *exclusivo* contribuindo para o uso de *nós* e o valor semântico genérico contribuindo para o uso de *a gente*.

Figura 7: Matriz de correlação entre as formas pronominais e o traço semântico



Fonte: elaborado pela autora.

A análise dos resíduos do teste de qui-quadrado nos estudos de Lopes (1993) e Santos (2014) mostra uma associação negativa entre o uso de *a gente* e o valor referencial inclusivo. Por outro lado, nos estudos de Borges (2004) e Silva (2004), esse nível de interpretação semântica não contribui para a seleção das variantes *nós* ou *a gente*. Os resultados de Mendonça (2012) sugerem correlação positiva entre o nível referencial inclusivo e o uso de *a gente*, porém essa associação não é estatisticamente significativa.

A não contribuição do nível inclusivo para a seleção das variantes *nós* ou *a gente* nos estudos de Borges (2004) e Silva (2004) pode estar relacionada à baixa frequência da primeira pessoa do plural nesse contexto semântico. O uso da primeira pessoa do plural com valor semântico inclusivo teve apenas cinco ocorrências em Borges (2004) e quatro em Silva (2004).

A forma como amalgamamos os níveis referenciais para tornar os estudos apresentados na tabela 1 comparáveis opõe o traço semântico de inclusão/exclusão do interlocutor aos referentes genéricos. Porém, nos usos genéricos da primeira pessoa do plural, também há a distinção de inclusão/exclusão (MENDONÇA, 2018). Em (34), o referente genérico *cidadãos brasileiros*, codificado pelo pronome *a gente*, apresenta traço semântico inclusivo. Por outro lado, as ocorrências de primeira pessoa do plural, em (35), vinculam um referente genérico com a exclusão do interlocutor, pois o falante se refere ao grupo genérico *geógrafos*, no qual ele está incluído, mas seu interlocutor não.

- (34) Doc: qual sua opinião sobre o cenário político atual do Brasil?
 Inf: então eu não sou a favor da- dos políticos que estão aí ... eh eu acho que a população tem que se juntar e reivindicar porque se *a gente* não tá conseguindo os nossos direitos agora *a gente* não pode ... nas próximas eleições fazer a mesma burrada que fez nos outros anos acho que ... *a gente* tem que ter consciência de colocar boas pessoas pra administrar *nossos* direitos (07ent.UFS-Itabaiana2018_sue.fs.20)
- (35) Inf: eu acho que o o geógrafo tem uma grande importância na natureza ... eu eu acho que é como se *a gente* tivesse ... é meio que *somos* o médico do mundo eu diria porque já que o mundo é o *nosso* objeto de estudo (01ent.UFS-Itabaiana2018_ray.fs.19)
- (36) Inf: eu acho justo por que assim ... eu nunca critiquei e nem senti preconceito nada disso ... eu sempre achei que *nós* temos o livre arbítrio ... então *nós* somos livres em questão de escolhas então porque *nós* não somos iguais nos direitos? ... eu acho justo [...] (01ent.UFS-Itabaiana2018_ray.fs.19)

A inclusão/exclusão do interlocutor é um traço semântico independente da abrangência referencial. Apenas nos contextos referenciais em que a primeira pessoa do plural se refere a qualquer pessoa com o traço [+humano], nível referencial de maior genericidade, é que as distinções semânticas de inclusão/exclusão do interlocutor não estão presentes, pois nesse nível de amplitude do referente o interlocutor sempre está incluído, como em (36).

A partir da análise de uma entrevista televisiva, Campos (2008) computa as ocorrências de *nós* e *a gente* considerando o traço semântico de inclusão/exclusão do telespectador do programa, chamado pelo autor de interlocutor ausente. Os resultados mostram que há maior frequência de *a gente* nos contextos de referência inclusiva (18/19 – 95%). Por outro lado, quando o telespectador do programa não está incluído no referente das formas de primeira pessoa do plural, o pronome canônico ocorre com mais frequência (55/65 – 85%).

Embora Campos (2008) tenha considerado a inclusão/exclusão do telespectador como uma variável semântica independente de outros aspectos, há nos dados analisados uma sobreposição desse fator com a genericidade do referente. No gênero discursivo entrevista televisiva, a inclusão do interlocutor ausente, isto é, o telespectador, ocorre em contextos referenciais mais genéricos como em (37).

- (37) “No primeiro bloco, André Farias – secretário Estadual de Integração regional explica pr’*a gente* como a região do Xingu localizada no centro sul do Pará será beneficiada pelo plano” (Fala da apresentadora do programa, exemplo (1) de Campos, 2008, p. 6).

No exemplo (37), apresentado em Campos (2008), o pronome *a gente* na posição sintática de objeto indireto apresenta o tipo de referente *eu + todos*, ou seja, a apresentadora mais todos que estão assistindo ao programa. Nesse contexto interacional, a inclusão/exclusão do interlocutor, além de ser um valor semântico das formas pronominais, funciona como uma estratégia pragmática de aproximação/distanciamento do telespectador.

A partir dos estudos sistematizados nesta seção, observamos que há associação positiva e estatisticamente significativa entre o uso de *a gente* e o traço semântico genérico, conforme resultados de Lopes (1993), Borges (2004) e Silva (2004). A análise dos resíduos dos testes de qui-quadrado evidenciou que os referentes determinados com valor semântico exclusivo contribui para o uso de *nós*, conforme apontado pelos resultados de Lopes (1993), Borges (2004) e Silva (2004), expostos na figura 7. A análise dos estudos de Lopes (1993) e Santos (2014) demonstrou associação positiva e estatisticamente significativa entre o uso do pronome canônico e o nível referencial determinado com traço semântico inclusivo. Esses resultados servem de parâmetro para a análise da mudança nos traços semânticos das formas de primeira pessoa do plural, com o objetivo de observar o aumento na frequência de uso de *a gente* nos contextos de menor amplitude. Na próxima seção, apresentamos os resultados de estudos que analisaram a interpretação semântica das formas de primeira pessoa do plural a partir de uma gradação referencial, com três níveis de referencialidade.

2.3 NÍVEIS DE REFERENCIALIDADE

Os estudos de Lopes (2003), Lucchesi (2009), Nascimento (2013) e Foeger (2014) analisam o traço semântico do referente de primeira pessoa do plural a partir da noção de níveis de referencialidade: *específico*, *genérico* e *impessoal*. A primeira pessoa do plural com traço semântico específico faz referência a indivíduos especificados no contexto linguístico, referindo-se ao falante mais outra(s) pessoa(s). Referentes genéricos de primeira pessoa do plural fazem referência a uma classe em que o falante está incluído. O nível de referencialidade impessoal relaciona-se aos contextos referenciais de maior indeterminação do referente, equivalendo a qualquer ser humano, incluindo o falante e o interlocutor.

Os traços semânticos *específico*, *genérico* e *impessoal* foram adotados por Lopes (2003). Os demais estudos apresentados na tabela 2 utilizam outras denominações para caracterizar a hierarquia de gradação referencial das formas de primeira pessoa do plural, mas com a mesma noção semântica envolvida, conforme exposto no quadro 4.

Lopes (2003) também analisou a amostra do NURC-RJ coletada na década de 90 com novos informantes, mas esse estudo não está na tabela 2 porque apresentou categoricidade no nível impessoal, com todas as ocorrências de primeira pessoa do plural codificadas por *a gente* (26 ocorrências), impossibilitando a realização do teste de qui-quadrado.

Lucchesi (2009) e Nascimento (2013), além dos níveis referenciais apresentados na tabela 2, também consideram a possibilidade das formas de primeira pessoa do plural fazerem referência exclusivamente ao próprio falante. Os autores relacionam esse tipo de uso ao recurso semântico/pragmático *plural de modéstia*, exemplificando com o trecho reproduzido em (38).

- (38) E *a gente*, quando teve televisão, *a gente* assistia e no ôto dia *a gente* já saía preocupado com trabalho. (Exemplo (2) de Lucchesi, 2009, p. 460)

O estudo de Foeger (2014) também considerou a possibilidade de as formas de primeira pessoa do plural fazerem referência ao próprio falante de forma específica. A autora codificou esse tipo de contexto referencial como específico e definido. O trecho em (39) é apresentado por Foeger (2014) para exemplificar a referência ao próprio falante.

- (39) Inf – não... pra Ceasa mesmo eu não vou não
 E – nunca foi não?
 Inf – já fui umas duas vez só
 E – mas por que que você não vai?
 Inf – não... porque *a gente* fica por aqui pra poder trabalhar... mexendo nas coisa né?
 (Exemplo (19) de Foeger, 2014, p. 82)

A autora reconhece que incluir a referência ao próprio falante no nível referencial específico e definido enviesa os resultados, já que sua hipótese de que haveria maior uso de *a gente* em contextos genéricos, formando uma hierarquia em função do traço semântico, não foi confirmada. Conforme apresentado na tabela 2, a frequência de uso de *a gente* é maior no contexto referencial específico (286/499 – 57%) do que no genérico (606/1225 – 50%).

Tabela 2: Uso de *a gente* em função da gradação referencial do traço semântico

	Específico		Genérico		Impessoal		Qui-quadrado
	A/T	%	A/T	%	A/T	%	
Lopes (2003) – 70	31/131	24	44/80	55	29/38	76	$X^2(2, N = 249) = 42.05,$ $p < 0.0001$
Lopes (2003) – 90	39/110	35	44/62	71	22/23	96	$X^2(2, N = 195) = 38.46,$ $p < 0.0001$
Lucchesi (2009)	498/796	63	396/495	80	85/99	86	$X^2(2, N = 1390) =$ 56.74, $p < 0.0001$
Nascimento ¹⁰ (2013)	231/461	50	–	–	34/89	38	$X^2(1, N = 550) = 3.77,$ $p = 0.05211$
Foeger (2014)	286/499	57	606/1225	50	117/130	90	$X^2(2, N = 1854) =$ 80.13, $p < 0.0001$

Fonte: elaborada pela autora.

A análise univariada de qui-quadrado mostra que há associação estatisticamente significativa entre o uso das variantes *nós* e *a gente* e a gradação do traço semântico do referente nos estudos de Lopes (2003), Lucchesi (2009) e Foeger (2014), conforme exposto na tabela 2. No estudo de Nascimento (2013), o resultado do teste de qui-quadrado mostra que a distribuição de *nós* e *a gente* em função da gradação referencial não é estatisticamente significativa.

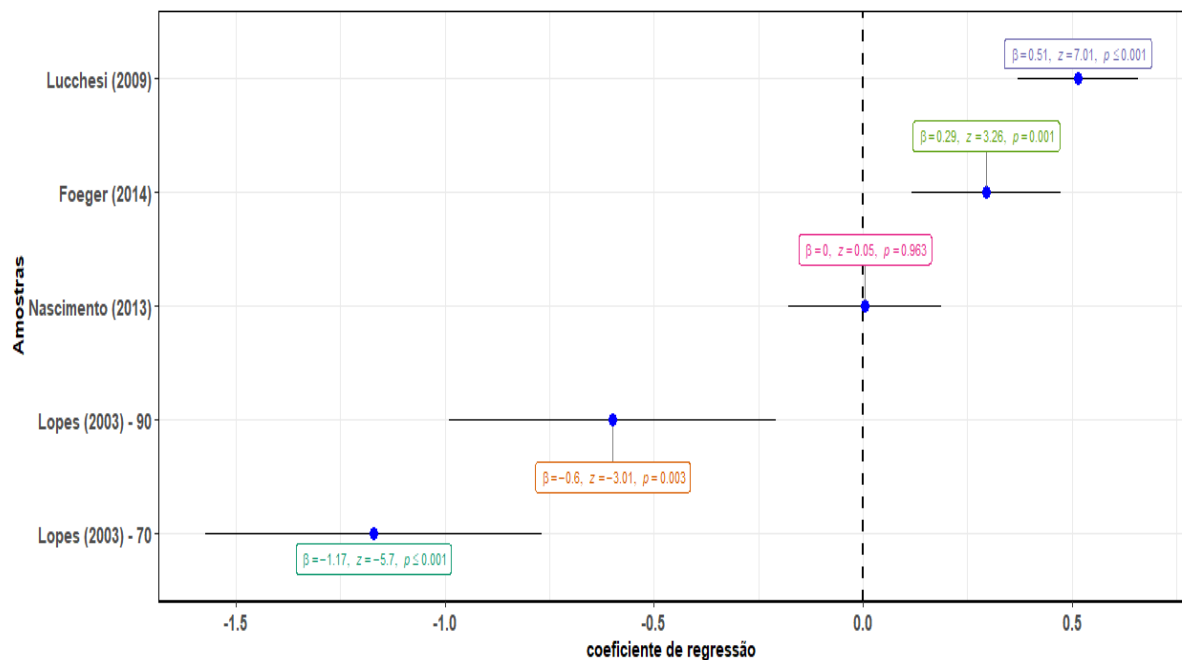
Os resultados mostram que a frequência de uso de *a gente* aumenta em função da gradação no nível de referencialidade, seguindo uma escala do específico para o impessoal, conforme os resultados de Lopes (2003), com a análise das amostras do NURC-RJ das décadas de 70 e de 90 (recontato), e Lucchesi (2009).

Apesar de o uso de *a gente* ser influenciado por essa gradação referencial, os estudos de Lucchesi (2009), Nascimento (2013) e Foeger (2014) apontam frequências de uso de *a gente* com valor semântico específico igual ou superior a 50%. Com o objetivo de apresentar uma generalização a respeito das chances de uso de *a gente* com valor semântico específico, realizamos análise de regressão logística generalizada para cada estudo apresentado na tabela 2.

¹⁰ Embora Nascimento (2013) siga a mesma proposta metodológica adotada por Lucchesi (2009) para a análise da interpretação de referentes de primeira pessoa do plural, não considerou o nível referencial de indeterminação circunscrita, isto é, referentes genéricos nos termos adotados por Lopes (2003).

Após a construção de modelos de regressão, com o objetivo de tornar os estudos comparáveis, geramos uma visualização gráfica (gráfico 1) com os parâmetros dos cinco estudos analisados. Os valores presentes no gráfico 1 dizem respeito à estimativa de realização da variável dependente (β), à estatística z e ao p -valor do *intercept*, que representa nos modelos de regressão logística construídos o nível referencial específico. Os resultados apresentados no gráfico 1 devem ser interpretados considerando que as chances de realização da variável dependente são *nós* ou *a gente*. Os modelos foram construídos com o pronome *nós* como nível de referência, portanto, os resultados devem ser interpretados em relação à sua contraparte, ou seja, *a gente*.

Gráfico 1: Chances de uso de *a gente* com traço semântico específico



Fonte: elaborado pela autora.

Os coeficientes (β) são apresentados em log das razões de chances (*log-odds*), com valores de $-\infty$ a ∞ , em que coeficientes positivos indicam que o uso de *a gente* se torna mais provável no contexto referencial específico, e coeficientes negativos indicam que o uso dessa variante se torna menos provável. Na visualização gráfica, os estudos foram organizados em ordem ascendente, de acordo com as estimativas de realização de *a gente* no nível referencial específico. Nas amostras analisadas por Lucchesi (2009) e Foeger (2014), o pronome *a gente* apresenta uma estimativa de chances de realização de 0,51 e 0,29, respectivamente, a mais do que *nós* para codificar referentes específicos. Essa estimativa de maior uso de *a gente* em

contextos referenciais específicos é estatisticamente significativa, conforme valores de *p* presentes no gráfico 1.

No estudo de Nascimento (2013), a seleção de *nós* ou *a gente* nesse contexto referencial ocorre de maneira aleatória, com distribuição das variantes sem significância estatística. Nas amostras analisadas por Lopes (2003), com dados de falantes de nível superior completo, a estimativa de uso de *a gente* em contextos referenciais específicos é negativa, ou seja, as chances de uso de *a gente* são menores do que as chances de uso de *nós* em -1.17, na amostra da década de 70, e -0.6 na amostra de 90. Os valores de *p* indicam que essa distribuição das variantes *nós* e *a gente* com referentes específicos é estatisticamente significativa.

Os resultados apresentados no gráfico 1 mostram uma oposição entre os estudos de Lucchesi (2009) e Foeger (2014), com estimativa positiva para a realização de *a gente* em contextos referenciais específicos, e as amostras analisadas por Lopes (2003), em que referentes específicos tendem a ser codificados por *nós*, com coeficientes negativos para *a gente*.

Os resultados apresentados no gráfico 1 dão indícios de que o pronome *a gente* está perdendo sua restrição semântica atrelada aos contextos referenciais mais genéricos, ganhando espaço também nos contextos específicos, conforme apontam os estudos de Lucchesi (2009) e Foeger (2014). Na seção seguinte, apresentamos os resultados de estudos que consideram os traços semânticos da primeira pessoa do plural a partir de uma oposição binária: *determinado* ou *indeterminado*.

2.4 OPOSIÇÃO BINÁRIA DE TRAÇOS SEMÂNTICOS

Os estudos de Seara (2000), Omena (2003), Lopes (2004), Silva (2010), Tamanine (2010), Franceschini (2011), Viegas e Mendes (2018) e Souza (2020) analisam a interpretação semântica das formas de primeira pessoa do plural a partir do traço de determinação/indeterminação do referente¹¹.

Nos estudos apresentados nesta seção, especificidade é sinônimo de determinação, isto é, o referente está identificado no contexto linguístico. Em nossa proposta de análise dos traços semânticos da primeira pessoa do plural, apresentada no capítulo 1, consideramos a especificidade do ponto de vista discursivo, isto é, a relação entre o referente das formas pronominais e outros referentes anteriormente expressos na estrutura referencial do discurso

¹¹ Seara (2000) e Silva (2010) não utilizam os termos *determinado* e *indeterminado* para caracterizar as possibilidades de interpretação da primeira pessoa do plural, mas seguem a perspectiva de oposição binária de traços, com a mesma noção semântica envolvida na determinação/indeterminação.

construído durante a interação. Mais especificamente, a especificidade semântica é analisada a partir da presença de pistas linguísticas, os chamados termos âncoras, que possibilitam a interpretação das formas de primeira pessoa do plural em uma relação de identidade ou de inclusão com outros referentes da estrutura do discurso (ENÇ, 1991).

O traço semântico de determinação/indeterminação é significativo para o uso de *nós* ou *a gente*, conforme resultados expostos na tabela 3. Com exceção dos estudos de Lopes (2004), amostra da década de 70, e Franceschini (2011), o pronome *a gente* apresenta frequências de uso acima de 50%, seja em contexto referencial determinado ou indeterminado.

Tabela 3: Uso de *a gente* em função do traço de determinação/indeterminação no PB

	Determinado		Indeterminado		Qui-quadrado
	A/T	%	A/T	%	
Seara (2000)	385/553	70	140/180	78	$X^2(1, N = 733) = 4.05,$ $p < 0.05$
Omena (2003) – 80	296/444	67	694/820	85	$X^2(1, N = 1264) = 53.71,$ $p < 0.0001$
Omena (2003) - 00	286/358	80	482/610	79	$X^2(1, N = 968) = 0.05,$ $p = 0.8094$
Lopes (2004) - 70 ¹²	31/131	24	44/80	55	$X^2(1, N = 211) = 19.94,$ $p < 0.0001$
Lopes (2004) - 90	74/125	59	43/46	93	$X^2(1, N = 171) = 16.73,$ $p < 0.0001$
Silva (2010)	55/103	53	53/70	75	$X^2(1, N = 173) = 7.92,$ $p < 0.01$
Tamanine (2010)	762/1488	51	368/596	62	$X^2(1, N = 2084) = 18.60,$ $p < 0.0001$
Franceschini (2011)	609/1351	45	174/202	86	$X^2(1, N = 1553) = 116.88,$ $p < 0.0001$
Viegas; Mendes (2018) ¹³	351/639	55	180/204	88	$X^2(1, N = 843) = 72.15,$ $p < 0.0001$
Souza (2020)	218/405	54	23/24	95	$X^2(1, N = 429) = 14.57,$ $p < 0.001$

Fonte: elaborada pela autora.

A fim de observar se a distribuição das frequências de uso de *nós* e *a gente* apresenta relação de dependência com o traço semântico do referente, realizamos análises univariadas por meio do teste estatístico de qui-quadrado. Os resultados do teste de associação mostram que apenas na amostra 00, analisada por Omena (2003), não há relação de dependência estatisticamente significativa. Nesse estudo, as frequências relativas de uso de *a gente* são de

¹² Lopes (2004) utilizou o mesmo conjunto de dados da década de 70, já apresentados em Lopes (2003), excluindo as ocorrências de primeira pessoa do plural com valor semântico impessoal.

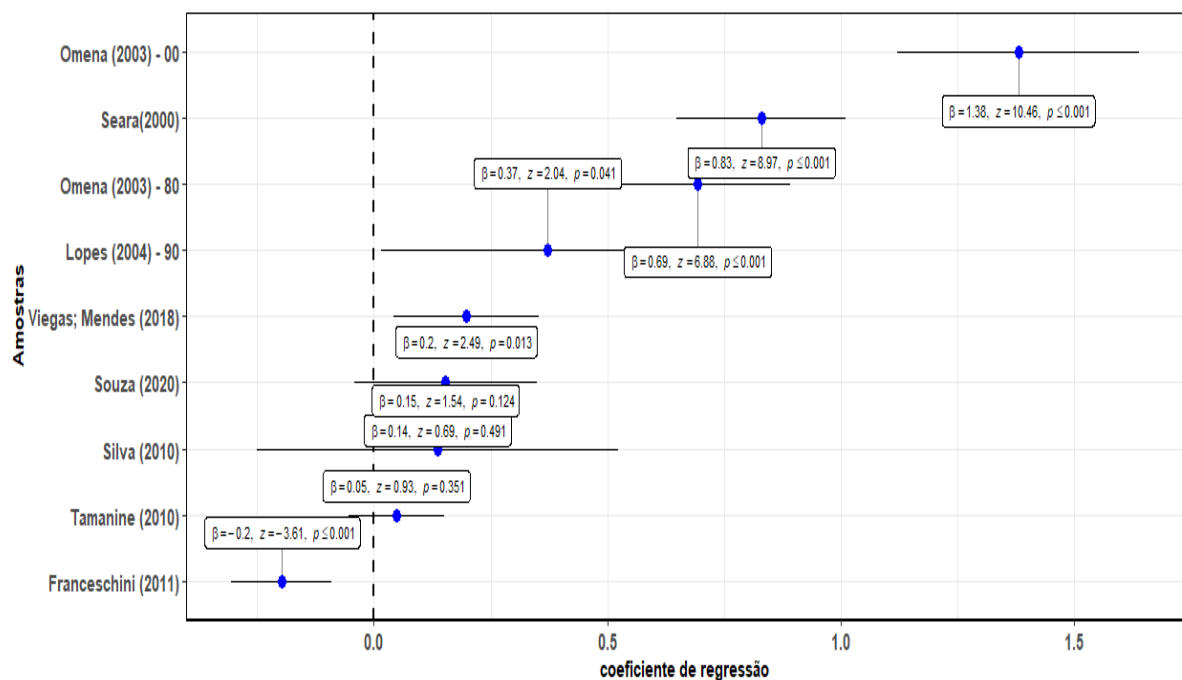
¹³ As autoras analisaram o traço semântico de determinação/indeterminação como duas variáveis dependentes separadas: i) primeira pessoa do plural com traço semântico determinado e ii) primeira pessoa do plural com traço semântico indeterminado.

80%, com valor semântico determinado, e de 79%, em contextos referenciais indeterminados, porém essa distribuição apresenta efeito aleatório.

A fim de apresentar uma generalização a respeito do uso de *a gente* com valor semântico determinado, construímos modelos de regressão logística generalizada para cada estudo apresentado na tabela 3. Após a construção dos modelos, geramos uma visualização gráfica (gráfico 2) com os parâmetros do *intercept*, isto é, do nível referencial determinado. Assim como fizemos com os estudos apresentados na seção 2.3, os modelos de regressão foram construídos com *nós* como nível de referência, portanto, os resultados apresentados no gráfico 2 devem ser interpretados em relação ao pronome *a gente*.

No gráfico 2, são apresentadas as estimativas (β) de realização de *a gente*, a estatística z e o valor de p em função do contexto referencial determinado nos nove modelos construídos¹⁴. Os coeficientes positivos indicam que a realização de *a gente* para codificar referentes determinados se torna mais provável. Por outro lado, coeficientes negativos indicam que o uso de *a gente* com traço semântico determinado se torna menos provável.

Gráfico 2: Chances de uso de *a gente* com traço semântico determinado



Fonte: elaborado pela autora.

Das nove amostras analisadas, apenas o estudo de Franceschini (2011) apresenta estimativa negativa, com β igual a -0,2, para a realização de *a gente* em contexto referencial

¹⁴ O estudo de Lopes (2004), amostra da década de 70, foi retirado da visualização gráfica por apresentar o mesmo conjunto de dados já apresentados em Lopes (2003) e discutidos na seção 2.3 (gráfico 1).

determinado. Esse resultado evidencia que, na amostra analisada por Franceschini (2011), o pronome *nós* apresenta estimativa de 0,2 a mais de chance de realização, e essa distribuição é estatisticamente significativa.

Nas amostras analisadas por Seara (2000), Omena (2003), Lopes (2004), com dados do NURC-RJ coletados na década de 90, Silva (2010), Tamanine (2010), Viegas e Mendes (2018) e Souza (2020), a codificação de referentes determinados tende a ser realizada pelo pronome *a gente*, com coeficientes positivos. Porém, nos estudos de Tamanine (2010), Silva (2010) e Souza (2020) essas estimativas de realização da variante *a gente* em contexto referencial determinado não é estatisticamente significativa.

Os coeficientes apresentados no gráfico 2 estão em *log-odds*, com valores de $-\infty$ a ∞ , o que possibilita a comparação da magnitude das estimativas. Podemos comparar o valor de β do estudo de Franceschini (2011), que apresenta uma estimativa negativa para o uso de *a gente* com traço semântico determinado, com os valores de β dos estudos de Omena (2003), amostras da década de 80 e dos anos 2000, Seara (2000), Lopes (2004), amostra da década de 90, e Viegas e Mendes (2018). O resultado da comparação mostra que a magnitude das estimativas positivas (0.2 a 1.38) é maior do que a magnitude da estimativa negativa apresentada na amostra de Franceschini (2011).

As estimativas de uso de *a gente* com traço semântico determinado, apresentadas nos estudos de Seara (2000), Omena (2003), Lopes (2004) – 90 e Viegas e Mendes (2018), dão indícios de que o pronome *a gente* está perdendo sua restrição de uso em contextos mais genéricos, passando a ser utilizado com mais frequência do que o pronome canônico em todos os contextos referenciais.

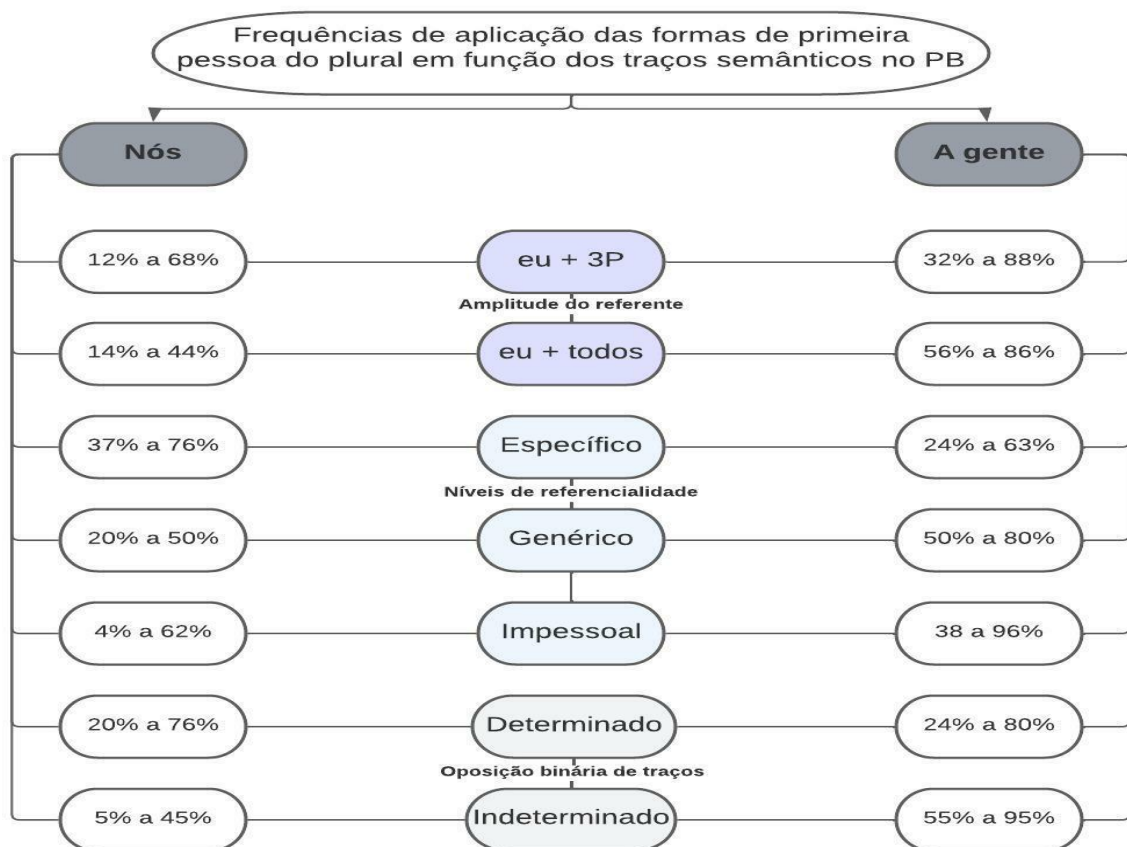
2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

As possibilidades de interpretação semântica das formas de primeira pessoa do plural é um fator significativo para o estudo da variação entre as formas *nós* e *a gente*. A fim de realizar procedimentos de meta-análise que possibilitem a generalização dos resultados em função do traço semântico do referente de primeira pessoa do plural, agrupamos os estudos a partir das concepções semânticas: i) amplitude do referente; ii) gradação referencial e iii) oposição binária de traços semânticos. Os resultados da análise univariada do primeiro grupo de estudos, considerando os resíduos do teste de qui-quadrado, possibilitam a generalização de que o nível referencial genérico contribui para o uso de *a gente*, conforme discutido na seção 2.2.

Os resultados do segundo grupo de estudos, discutidos na seção 2.3, evidenciam que a frequência de uso de *a gente* aumenta em função da gradação no nível de referencialidade, seguindo uma escala do específico para o impessoal. No entanto, a partir da construção de modelos de regressão, pudemos verificar que, nas amostras analisadas por Lucchesi (2009) e Foeger (2014), os referentes específicos tendem a ser codificados por *a gente*, indicando a ampliação do uso de *a gente* para todos os contextos referenciais da primeira pessoa do plural.

Por fim, a construção de modelos de regressão logística generalizada de nove amostras, que analisaram os traços semânticos da primeira pessoa do plural a partir da oposição determinado/indeterminado, possibilitou observar que os contextos referenciais determinados apresentam estimativas positivas para o uso de *a gente*, com distribuição estatisticamente significativa, conforme apontam os resultados de Seara (2000), Omena (2003), Lopes (2004), com a amostra da década de 90, e Viegas e Mendes (2018).

Figura 8: Panorama das frequências de uso de *nós* e *a gente* em função dos traços semânticos



Fonte: elaborada pela autora.

A figura 8 apresenta o panorama das frequências de aplicação de *nós* e *a gente* em função dos traços semânticos, considerando os dezessete estudos analisados neste capítulo. Os

resultados mostram que os contextos referenciais de maior abrangência, com amplitude eu + todos e traço semântico impessoal e indeterminado, favorecem a aplicação do pronome *a gente*, com taxas de até 96%. Além disso, o panorama das frequências apresentadas na figura 8 sugere que *a gente* está aumentando sua taxa de aplicação nos contextos em que o referente apresenta menor abrangência, chegando a percentuais de 88% no nível eu + 3P.

No próximo capítulo, apresentamos os procedimentos e resultados do estudo da mudança nos traços semânticos de *nós* e *a gente* na comunidade de práticas *Campus* Professor Alberto Carvalho da Universidade Federal de Sergipe.

3 ESTUDO DE TENDÊNCIA DOS TRAÇOS SEMÂNTICOS DE NÓS E A GENTE

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos e os resultados da análise da mudança nos traços semânticos das formas de primeira pessoa do plural na comunidade de práticas *Campus* Professor Alberto Carvalho da Universidade Federal de Sergipe. O capítulo está organizado em seis seções. Na primeira seção, são apresentadas as duas amostras que constituem o *corpus* desta pesquisa. Na seção seguinte, apresentamos o desenho do estudo, considerando os parâmetros controlados para a análise da mudança nos traços semânticos das variantes de primeira pessoa do plural. Na seção 3.3, expomos a distribuição das formas de primeira pessoa do plural em função do ano de constituição da amostra. Nas duas seções seguintes, apresentamos os resultados das análises univariadas em função dos parâmetros semânticos e discursivos, respectivamente. Por fim, na seção 3.6, expomos um panorama a respeito da confirmação das hipóteses do estudo.

3.1 CORPUS

O estudo da mudança nos traços semânticos das variantes *nós* e *a gente* foi realizado na fala de quarenta informantes, alunos do *Campus* Professor Alberto Carvalho/UFS¹⁵, situado em Itabaiana/SE. Com o objetivo de realizar um estudo de mudança em tempo real do tipo tendência, analisamos os traços semânticos das variantes de primeira pessoa do plural em duas amostras sociolinguísticas¹⁶, constituídas na comunidade de prática UFS/Itabaiana, conforme apresentado na tabela 4.

Tabela 4: Amostras de fala da comunidade de práticas UFS/Itabaiana

Amostra	Ano de constituição	Sexo/gênero	
		F	M
<i>Falantes cultos de Itabaiana/SE</i>	2010	10	10
<i>UFS-Itabaiana2018 – Deslocamentos</i>	2018	10	10
Total		20	20

Fonte: elaborada pela autora.

A amostra *UFS-Itabaiana2018 – Deslocamentos* é constituída por oitenta entrevistas sociolinguísticas. Porém, para manter os mesmos procedimentos de controle, tornando os resultados

¹⁵ Devido aos critérios de amostragem utilizados na constituição da amostra *Falantes cultos de Itabaiana/SE*, apresentados na seção 3.1.1 deste capítulo, cinco informantes dessa amostra não foram alunos do *Campus* Itabaiana/UFS.

¹⁶ As duas amostras utilizadas neste estudo fazem parte do Banco de dados *Falares Sergipanos* (FREITAG, 2013, 2017b).

comparáveis, utilizamos apenas as vinte entrevistas realizadas com informantes da cidade de Itabaiana, critério de amostragem adotado na constituição da amostra *Falantes cultos de Itabaiana/SE*.

Santos (2014) já analisou a expressão da primeira pessoa do plural na comunidade de práticas *Campus* Professor Alberto Carvalho/UFS, utilizando a amostra *Falantes cultos de Itabaiana/SE*, constituída em 2010. Porém, como a autora tinha objetivos diferentes dos nossos, além de ter utilizado métodos de análise distintos, optamos por reanalisar a amostra de 2010, seguindo os mesmos parâmetros utilizados na análise da amostra de 2018, conforme desenho do estudo apresentado na seção 3.2.

Para melhor organização da apresentação dos procedimentos metodológicos utilizados na constituição de cada amostra, esta seção está dividida em duas partes. Na primeira parte, são apresentados os critérios de seleção de informantes utilizados na amostra *Falantes cultos de Itabaiana/SE*. Em seguida, expomos os métodos de amostragem utilizados na coleta da amostra *UFS-Itabaiana2018 - Deslocamentos*.

3.1.1 *Falantes cultos de Itabaiana/SE*

A amostra *Falantes cultos de Itabaiana/SE*¹⁷ é composta por vinte entrevistas sociolinguísticas, com duração média de quarenta minutos cada. Os informantes que compõem a amostra atendem aos seguintes critérios: i) estar em fase de conclusão de curso ou ser recém-formado; ii) ter contato constante com a comunidade acadêmica UFS/Itabaiana; e ii) morar em Itabaiana ou em região próxima (SANTOS, *et al.*, 2012). A partir desses critérios foram selecionados vinte falantes cultos, graduandos ou graduados, estratificados quanto ao sexo/gênero, isto é, dez mulheres e dez homens. O quadro 5 apresenta os dados sociais dos informantes, considerando a idade, o curso, o nível de formação e a instituição em que os falantes cursaram ou estavam cursando a graduação.

Dos vinte falantes que compõem a amostra, quinze eram alunos do *Campus* Professor Alberto Carvalho, em fase de conclusão de curso ou já graduados. Embora os demais informantes não apresentem essa relação mais direta com a comunidade de prática UFS/Itabaiana, atendem aos outros dois critérios de seleção de informantes, ou seja, residem em Itabaiana e possuem nível superior de ensino, concluído ou em fase de conclusão.

¹⁷ A amostra *Falantes Cultos de Itabaiana/SE* foi registrada no Sistema Nacional de Informações sobre Ética em Pesquisa – SISNEP, recebendo o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – CAAE de número 0301.0.107.000-11 (SANTOS, *et al.*, 2012).

Quadro 5: Dados sociais dos informantes da amostra *Falantes cultos de Itabaiana/SE*

Informante	Idade	Curso	Nível	Instituição
m01	33	Química	Graduado	UFS/São Cristóvão
m02	22	Sistemas de Informação	Graduando	UFS/Itabaiana
m03	22	Química	Graduando	UFS/Itabaiana
m04	25	História	Graduado	UNIT ¹⁸
m05	34	Ciências Contábeis	Graduando	UFS/Itabaiana
m06	29	Administração	Graduado	UFS/Itabaiana
m07	32	Química	Graduado	UFS/São Cristóvão
m08	28	Física	Graduando	UFS/Itabaiana
m09	27	Geografia	Graduado	UFS/Itabaiana
m10	35	Ciências Contábeis	Graduando	UFS/Itabaiana
f11	27	Jornalismo	Graduanda	UFS/São Cristóvão
f12	21	Química	Graduanda	UFS/Itabaiana
f13	21	Química	Graduanda	UFS/Itabaiana
f14	21	Matemática	Graduanda	UFS/Itabaiana
f15	23	Geografia	Graduanda	UFS/Itabaiana
f16	22	Geografia	Graduanda	UFS/Itabaiana
f17	22	Administração	Graduanda	UFS/Itabaiana
f18	24	Física	Graduanda	UFS/Itabaiana
f19	23	Ciências Biológicas	Graduada	UFS/São Cristóvão
f20	22	Ciências Biológicas	Graduanda	UFS/Itabaiana

Fonte: elaborado pela autora.

A constituição da amostra *Falantes cultos de Itabaiana/SE* seguiu o protocolo da entrevista sociolinguística, com um roteiro previamente elaborado sobre temas relacionados às experiências pessoais do falante, como também tópicos relacionados à formação de nível superior dos informantes, por exemplo, dificuldades e expectativas da área. Um diferencial da amostra *Falantes cultos de Itabaiana/SE* é o fato de entrevistador e entrevistado serem membros da mesma comunidade de práticas, facilitando a condução da entrevista e diminuindo o paradoxo do observador¹⁹.

¹⁸ Universidade Tiradentes, instituição privada de ensino superior.

¹⁹ O paradoxo do observador está relacionado ao contraste entre os objetivos de um estudo sociolinguístico e os métodos adotados para a consecução de tais objetivos. O objetivo de uma análise variacionista é observar o vernáculo dos falantes, isto é, o estilo de fala em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento. Porém, devido à presença de um observador externo, os métodos utilizados para a gravação de um grande volume de dados linguísticos necessariamente inibem o vernáculo (LABOV, 2008[1972]).

3.1.2 UFS-Itabaiana2018 - Deslocamentos

A amostra *UFS-Itabaiana2018 - Deslocamentos*²⁰, constituída no período de maio a agosto de 2018 no *Campus* Professor Alberto Carvalho, faz parte banco de dados *Falares Sergipanos* (FREITAG, 2013, 2017b). Em conjunto com a amostra *Deslocamentos* (Corrêa, 2019; Ribeiro, 2019), coletada no *Campus* Professor José Aloísio de Campos, em São Cristóvão, as oitenta entrevistas sociolinguísticas coletadas no *Campus* Itabaiana visam captar os efeitos da mobilidade dos universitários na variedade culta do estado de Sergipe. Com a democratização do acesso às universidades públicas, por meio de políticas como o REUNI (Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) e o SISU (Sistema de Seleção Unificada), houve um aumento nos processos de migração e deslocamento de estudantes de todo o país. No âmbito da Universidade Federal de Sergipe, além de passar a receber alunos de outros estados, a instituição ampliou o acesso de estudantes do interior com a instalação de *campi* em Itabaiana, Laranjeiras, Lagarto e Nossa Senhora da Glória.

O *Campus* Professor Alberto Carvalho, situado no agreste central sergipano, recebe alunos de Itabaiana e cidades circunvizinhas, além de estudantes de outros estados, principalmente da Bahia. Para captar os efeitos da mobilidade dos estudantes em seus usos linguísticos, os deslocamentos que eles realizam em função da universidade foram controlados. Estudantes naturais de Itabaiana, residentes na área urbana ou rural, deslocam-se diariamente para o *Campus* em um movimento pendular, utilizando transporte estudantil, próprio, ou a pé. Também realizando movimento pendular diário, os estudantes de cidades vizinhas deslocam-se para o *Campus* em ônibus coletivos, pagos pelas prefeituras de seus respectivos municípios ou pelos próprios universitários.

Além dos estudantes com deslocamentos pendulares, o *campus* também recebe universitários que migraram para o município de Itabaiana para realizarem os estudos de graduação. O processo de migração em função da universidade caracteriza-se como interno, com mudança de residência de outros municípios sergipanos para Itabaiana, ou externo, em que a migração é interestadual. A maioria desses estudantes participa do Programa Residência Universitária, residindo em moradias oferecidas pela UFS. Além do auxílio à moradia, os alunos que participam do programa recebem auxílio alimentação e isenção em taxas acadêmicas. Devido a oportunidades de emprego, estilo de vida, ou outros fatores sociais e

²⁰ A amostra *UFS-Itabaiana2018 – Deslocamentos*, vinculada ao projeto Banco de dados Falares Sergipanos – etapa 2, foi submetida para apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade Federal de Sergipe, recebendo o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – CAAE de número 68318317.0.0000.5546.

econômicos, os estudantes podem realizar migração permanente, fixando residência em Itabaiana após a formação universitária.

Com o objetivo de realizar uma documentação linguística representativa da dinâmica da comunidade acadêmica *Campus Professor Alberto Carvalho*, a amostra *UFS-Itabaiana2018 - Deslocamentos* considerou os deslocamentos e processos migratórios dos estudantes como critérios de amostragem (Apêndice A). Categorizamos os movimentos pendulares em deslocamento I (dentro do município de Itabaiana) e deslocamento II (dos municípios circunvizinhos para Itabaiana). Os processos de migração foram categorizados em deslocamento III (estudantes de outros municípios sergipanos), e deslocamento IV (estudantes de outros estados).

Além dos deslocamentos, a amostra *UFS-Itabaiana2018 - Deslocamentos* também utilizou como critério de seleção de informantes o período do curso (início, meio ou final) e o sexo/gênero. Nesta tese, com o objetivo de analisar o processo de mudança nos traços semânticos das variantes de primeira pessoa do plural, utilizamos apenas os dados dos informantes do deslocamento I, os quais seguem os mesmos padrões de estratificação da amostra *Falantes cultos de Itabaiana/SE*. O quadro 6 apresenta o perfil social dos vinte informantes do deslocamento I.

Quadro 6: Perfil social dos informantes do deslocamento I

Informante	Sexo/gênero	Idade	Curso	Período
01ray	Feminino	19	Geografia	2º
02mid	Feminino	22	Química	2º
03bia	Feminino	18	Ciências biológicas	2º
04thi	Masculino	19	Física	2º
05dav	Masculino	19	Física	2º
06eve	Masculino	24	Geografia	2º
07sue	Feminino	20	Ciências biológicas	4º
08gis	Feminino	20	Geografia	4º
09wes	Feminino	21	Ciências biológicas	4º
10rom	Masculino	22	Matemática	6º
11den	Masculino	21	Matemática	1º
12ric	Masculino	21	Sistemas de Informação	6º
13she	Feminino	25	Pedagogia	8º
14jes	Feminino	25	Química	9º
15ana	Feminino	24	Pedagogia	8º
16eri	Masculino	22	Física	8º
17reg	Masculino	24	Ciências biológicas	10º
18lea	Masculino	21	Matemática	6º
19hai	Feminino	19	Geografia	2º
20wes	Masculino	19	Ciências biológicas	2º

Fonte: elaborado pela autora.

A constituição da amostra seguiu o protocolo de entrevistas sociolinguísticas (Labov, 2008 [1972]), com um roteiro pré-elaborado com temas relacionados ao universo acadêmico, a experiências pessoais e a questões sociais, culturais e políticas. O roteiro de entrevista possibilita a mudança de assuntos e sequências discursivas, havendo uma transição entre diferentes estilos de fala (Freitag, 2014). Com o objetivo de captar nuances estilísticas nos usos linguísticos dos universitários, todos os informantes responderam a todas as perguntas do roteiro de entrevista (Apêndice B). Devido às características de cada falante, com predisposição a dar respostas longas ou curtas às perguntas formuladas pelo entrevistador, a amostra apresenta alta variabilidade na duração das gravações, com entrevistas de quarenta minutos a duas horas e trinta minutos.

A amostra *UFS-Itabaiana2018 - Deslocamentos*, baseada no protocolo de documentação sociolinguística apresentado em Freitag (2017a), segue critérios éticos na coleta dos dados de fala. Antes da gravação da entrevista, todos os participantes assinaram termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo B) com informações a respeito dos riscos envolvidos na pesquisa. Após a constituição da amostra, todas as entrevistas sociolinguísticas foram transcritas no *software* ELAN. O programa, criado pelo Instituto Max Planck de Psicolinguística, apresenta como uma de suas vantagens, a possibilidade de sincronização entre áudio e transcrição, facilitando a análise linguística dos dados (OUSHIRO, 2014).

A constituição da amostra *UFS-Itabaiana2018 - Deslocamentos*, seguindo parâmetros de documentação sociolinguística estabelecidos, é um produto técnico adicional desta tese. A amostra, composta por oitenta entrevistas sociolinguísticas, está toda transcrita e em fase de revisão. O planejamento para elaboração do roteiro de entrevista e a documentação linguística da amostra *UFS-Itabaiana2018 - Deslocamentos* foi realizada em parceria com Andréia Silva Araujo, que utilizou a mesma amostra para desenvolver a pesquisa *O uso variável dos pronomes tu, você e cé na função de sujeito: um estudo do padrão de comportamento referencial* (Araujo, 2022). As pesquisadoras de Iniciação Científica Cósma Karine Vieira Borges e Damiana Karina Vieira Borges colaboraram com a seleção de informantes e gravação das entrevistas.

Por seguir padrões metodológicos de documentação de dados linguísticos, a amostra *UFS-Itabaiana2018 - Deslocamentos* possibilita o desenvolvimento de outros estudos, o que constitui relevante contribuição para a descrição da variedade culta do estado de Sergipe. As análises apresentadas nos artigos *A realização do /S/ na fala de universitários sergipanos do interior: efeitos sociais e linguísticos* (BORGES; MENDONÇA, 2019)²¹ e *Variação nos pronomes*

²¹ A publicação deste artigo foi resultado do desenvolvimento do plano de trabalho *Percepção e produção linguística na comunidade de prática Campus Itabaiana/UFS: efeitos do curso* (PIBIC 2018/2019), vinculado ao

possessivos de primeira pessoa do plural (MENDONÇA; BORGES, 2021)²² foram realizadas com os dados linguísticos da amostra *UFS-Itabaiana2018 – Deslocamentos*. A pesquisadora Andréia Silva Araujo, em coautoria com Damiana Karina, também apresentou resultados da análise dos dados linguísticos da amostra *UFS-Itabaiana2018 – Deslocamentos* no artigo *Variação no uso de pronomes-objeto de segunda pessoa na fala de estudantes itabaianenses* (ARAUJO; BORGES, 2021)²³. Na próxima seção, apresentamos o desenho deste estudo, considerando os parâmetros adotados na análise da mudança nos traços semânticos de *nós* e *a gente*.

3.2 DESENHO DO ESTUDO

Para defendermos a tese de que *a gente* perdeu sua restrição semântica atrelada à genericidade, ocasionando um aumento na frequência de uso dessa variante de primeira pessoa do plural em contextos de menor abrangência referencial, definimos duas amostras representativas de dois marcos temporais na comunidade de práticas *Campus* Professor Alberto Carvalho. Em seguida, definimos os parâmetros de análise da mudança semântica. Após a definição dos parâmetros, computamos as frequências de *nós* e *a gente* em cada marco temporal em função de cinco traços semânticos e dois parâmetros discursivos.

A análise estatística dos dados foi realizada no RStudio, uma interface da plataforma R (R CORE TEAM, 2020). Com o objetivo de demonstrar a mudança nos traços semânticos das variantes de primeira pessoa do plural, realizamos análises estatísticas descritivas e inferenciais, com o pacote sjPlot v2.8.3 (LÜDECKE, 2020)²⁴. Inicialmente, selecionamos as ocorrências de primeira pessoa do plural na posição de sujeito, analisando panoramicamente a distribuição das variantes em tempo real. Em seguida, para testarmos a hipótese de mudança no comportamento semântico de *nós* e *a gente*, analisamos os pronomes de forma independente, computando as frequências quanto aos traços semânticos e contextos discursivos em cada fatia temporal.

projeto de pesquisa *Banco de dados Falaes Sergipanos – Etapa 2: Percepção e atitudes linguísticas (fase 2)*, sob orientação da professora Raquel Freitag, e minha co-orientação.

²² A publicação deste artigo foi resultado do desenvolvimento do plano de trabalho *A variação nosso/ da gente e o papel do possessivo na definitude do SN* (PIBIC 2019/2020), vinculado ao projeto de pesquisa *Banco de dados Falaes Sergipanos – Etapa 2, Fase 3 (covariação no paradigma pronominal)*, sob orientação da professora Raquel Freitag, e minha co-orientação.

²³ A publicação deste artigo foi resultado do desenvolvimento do plano de trabalho *Variação no uso de pronomes objetos na fala de estudantes universitários itabaianenses* (PIBIC 2019/2020), vinculado ao projeto de pesquisa *Banco de dados Falaes Sergipanos – Etapa 2, Fase 3 (covariação no paradigma pronominal)*, sob orientação da professora Raquel Freitag, e co-orientação de Andréia Araujo.

²⁴ A planilha de dados e o script utilizado nas análises podem ser encontrados no link: <https://osf.io/awqft/>

Para observarmos a direção e a força da associação entre a frequência das formas em cada fatia temporal e os parâmetros semânticos e discursivos, fizemos testes de qui-quadrado e V de Cramer. A hipótese nula (H_0) prevê que não há associação entre as variáveis. Para rejeitarmos a H_0 , consideramos o nível α (alfa) de 0.05, isto é, se o valor de p for menor que α significa que há uma associação estatisticamente significativa entre as variáveis. Em outras palavras, se o valor de p for menor que 0.05 significa que é pouco provável que a distribuição observada seja aleatória. Nas subseções seguintes, exemplificamos e apresentamos as hipóteses para o controle dos parâmetros semânticos e discursivos.

3.2.1 Parâmetros semânticos

A partir de uma análise em tempo real, o controle dos traços semânticos *amplitude do referente*, *grupo referencial*, *referência*, *definitude/especificidade* e *inclusão do interlocutor* possibilita observar se houve mudança de comportamento semântico das variantes *nós* e *a gente* na comunidade estudada. Os parâmetros *amplitude do referente*, *grupo referencial* e *referência*, embora apresentem nuances semânticas distintas, apresentam níveis colineares, conforme discutimos na seção 1.4. Porém, consideramos importante controlar o comportamento semântico de *a gente* a partir dessas três perspectivas, pois a análise pode evidenciar se a abordagem metodológica interfere nos resultados, podendo apresentar um panorama mais completo da mudança nos traços semânticos das formas de expressão da primeira pessoa do plural.

3.2.1.1 Amplitude do referente

Os estudos variacionista a respeito da variação na referência à primeira pessoa do plural têm demonstrado que a variável amplitude do referente é significativa para a seleção das formas variantes, com o nível de maior amplitude (eu + todos) contribuindo para o uso de *a gente* (Lopes (1993), Borges (2004), Silva (2004) e Mendonça (2012)), conforme discussões apresentadas na seção 2.2. Para analisarmos a mudança nos traços semânticos das variantes *nós* e *a gente* em tempo real, controlamos o grau de amplitude do referente na amostra *Falantes cultos de Itabaiana/SE*, constituída em 2010, e na amostra *UFS-Itabaiana2018 – Deslocamentos*, constituída em 2018. O grau de amplitude foi analisado a partir de seis níveis referencias, conforme quadro 7.

Quadro 7: Níveis de amplitude do referente

Eu
Eu + você
Eu + ele
Eu + eles
Eu + todos
Qualquer humano

Fonte: elaborado pela autora.

Os excertos de (40) a (45) exemplificam os seis níveis de amplitude considerados na análise. O primeiro nível referencial diz respeito ao uso da primeira pessoa do plural para se referir ao próprio falante, como ocorre em (40). Em (41), o referente de *a gente* está situado no momento da interação, referindo-se ao falante e seu interlocutor (eu + você). A referência ao falante mais uma terceira pessoa diz respeito ao terceiro nível de amplitude (eu + ele), como ocorre no trecho em (42). A amplitude referencial *eu + eles* é exemplificada no excerto em (43), em que o falante usa a forma *a gente* para fazer referência a ele mais os irmãos. No exemplo em (44), as ocorrências de primeira pessoa do plural fazem referência à comunidade acadêmica do *campus* UFS/Itabaiana, em que o falante está incluído, com o nível de amplitude *eu + todos*. Em (45), *a gente* faz referência a qualquer humano, incluindo o falante e seu interlocutor.

- (40) Doc: entendi e nos finais de semanas ... eh o que você mais gosta de fazer?
 Inf: eu fico em casa ... saio às vezes ... com alguns amigos ... namorada ... e cinema ... agora que ... agora abriu um cinema aqui então ... normalmente sempre quando a- lança um filme que eu gosto eu vou
 Doc: entendi então você costuma ir sempre no cinema?
 Inf: sempre quando lança um filme bom ... nem sempre vem coisas boas ... então *a gente* num vai Ø num gasta din- dinheiro à toa (04ent.UFS-Itabaiana2018_thi.ms.19)
- (41) Doc: o que você acha que é cultura?
 Inf: ah cultura ... são valores ... são costumes ... de um povo ... e por mais ... que ... tenha cultura ... vai ser culturas no plural ... você tem ... *a gente* tá aqui numa cultura de Itabaiana de Sergipe ... mas você também vai ter sua cultura ... eu vou ter a minha (13ent.UFS-Itabaiana2018_she.fs.25)
- (42) Doc: você pode contar como foi esse contato esse desencan- esse encanto
 Inf: ele ele faz física aqui também... (est) ele veio lá de São Cristóvão acho que foi o destino... porque eu passei quatro anos aqui e nunca encontrei né? e ele no primeiro semestre que ele transferiu pra cá *a gente* se conheceu estudávamos na mesma sala né? eu nem aí pra ele... e ele de vez em quando ele dava uma olhada pra mim e eu nem percebia que ele dava essas olhadas pra mim ((RISOS)) [...] aí fui pra São Paulo voltei e ele só insistindo insistindo... até que *a gente* começou a namorar ((RISOS)) [...] (18ent.UFS-Itabaiana2010_ros.fs.24)

- (43) Doc: qual a sua relação com seus irmãos?
 Inf: minha relação com os ir- meus irmãos é muito boa a relação com meus irmãos ... *a gente* não tem ... pro- nenhum problema ... *a gente* vive ... *a gente* conversa bastante *a gente* conversa ... sobre curso sobre tudo ... *a gente* é bem ... bem amigo (05ent.UFS-Itabaiana2018_dav.ms.19)
- (44) Doc: e onde é que você faz essa alimentação?
 Inf: essa refeição é aqui no *campus* mesmo ... na vivência ... aqui porque no bloco a ... porque *nós* não temos restaurante ... próprio ... da UFS ... como na ... como no *campus* de São Cristóvão ... então *a gente* tem ... não é ... bem um restaurante é como se fosse uma ... lanchonete ... e assim ... eh e o preço ... é um pouco ... alto ... pra quem ... é ... pra quem ... é ... é fr- é fr- é fr- vamos dizer assim fraco né? quem não tem ... assim uma boa renda se torna caro né? (06ent.UFS-Itabaiana2018_eve.ms.24)
- (45) Inf: [...] eu tinha só pra se ter uma ideia um professor de física ... que passava uns trinta minutos de aula dizendo que a evolução não existe ... sendo que a evolução é um fato científico ... todo mundo evolui o tempo todo ... ou seja num quer dizer que a pessoa saiu i- ... igual a um pokemon né? cresceu do nada ... mas *a gente* tá o tempo todo se desenvolvendo ... a evolução é um fato ... e ele passava trinta minuto da aula só conversando que a evolução não existe ... influenciado pela religião querendo ... dar aquela influenciadazinha [...] (04ent.UFS-Itabaiana2018_thi.ms.19)

Nossa hipótese para o controle da amplitude do referente é de que a comparação entre as ocorrências de primeira pessoa do plural nas amostras de 2010 e 2018 mostre uma mudança no comportamento semântico das variantes de primeira pessoa do plural, com um aumento na frequência de uso de *a gente* nos níveis referenciais de menor amplitude (eu + você e eu + ele).

3.2.1.2 Grupo referencial

O grupo referencial, conforme discutimos no capítulo 1, é um traço semântico atrelado à noção gramatical de número. A primeira pessoa do plural expressa referentes com diferentes nuances semânticas relacionadas à quantidade de indivíduos incluídos no referente. O traço semântico atrelado ao tamanho do grupo referido pelas formas de primeira pessoa do plural apresenta níveis colineares com a noção de amplitude referencial, conforme discutido na seção 1.4. No entanto, optamos por controlar os dois traços separadamente, a fim de observar se a forma de controle do traço de abrangência referencial interfere nas taxas de aplicação das variantes. Na análise, foram considerados sete graus de abrangência do grupo referencial, conforme quadro 8.

Quadro 8: Graus de abrangência do grupo referencial

Auto-referência
Dual
Trial
Paucal
Grupo pequeno
Categoria social
Humanidade

Fonte: elaborado pela autora.

Os excertos expostos nos exemplos de (46) a (52) apresentam os graus de abrangência do grupo referencial, considerando uma gradação do menos abrangente (auto-referência) ao mais abrangente (humanidade). Em (46), o referente do pronome *a gente* é o próprio falante. Esse tipo de contexto referencial é caracterizado por uma alteração na categoria gramatical de número, desviando a atenção do “eu”. O contexto referencial apresentado em (47) diz respeito a um grupo referencial dual, isto é, composto por dois indivíduos, o falante e o irmão gêmeo. As ocorrências de *nós* e *a gente* presentes em (48) fazem referência a um grupo trial, composto pelo falante mais dois irmãos.

- (46) Doc: mas assim uma dessas assim ... dessas abordagens né? dos bandidos ... eh ... houve alguma situação de um risco de fato? assim crítico?
 Inf: todos eles estavam com arma na mão portando arma então ... *a gente* fica até apreensivo deles ... querendo ou sem querer a- acionar o gatilho e ... dar um tiro nessa hora então ... esse medo foi que ... ficou marcante em todos (18ent.UFS-Itabaiana2018_lea.ms.21)
- (47) Doc: eles também tão na faculdade?
 Inf: tão ... o meu irmão gêmeo resolveu fazer Física que nem eu ... *estamos* no mesmo período ... o meu irmão mais velho faz Farmácia (05ent.UFS-Itabaiana2018_dav.ms.19)
- (48) Doc: eh a relação com seus irmão vocês você vocês são companheiros bri- brigavam muito na infância?
 Inf: então na infância *nós* também éramos companheiros mas é um companheirismo que às vezes ... davam intrigas ... na brincadeira mesmo se às vezes ... uma ... uma conversa ... por exemplo uma divergência de ideias já fazia às vezes dar uma intrigazinha ... eu sempre fui o mais ... calmo ... (hes) era difícil até hoje é mais difícil eu brigar ... mas ... meus outros dois irmãos eles sempre brigaram muito até hoje eles brigam bastante ainda ... mas não briga tanto eu diria que tem irmãos que não podem se olhar direito que já fica com raiva ... *a gente* não *a gente* até que consegue ... ser calmo um com o outro (05ent.UFS-Itabaiana2018_dav.ms.19)

Em (49), um grupo paucal, composto por quatro indivíduos identificados no contexto linguístico, é referido pelas formas de primeira pessoa do plural *-mos*, *nós* e *a gente*. No excerto em (50), a forma *a gente* faz referência a um grupo em que a falante está incluída, isto é, a turma de sexto ano na qual a falante estudou. Para os fins analíticos desta tese, diferenciamos o fator

paucal do fator grupo pequeno pela presença de especificação da quantidade de elementos incluídos no grupo referencial. Quando os elementos são especificados, podendo-se definir com exatidão a quantidade de indivíduos, como ocorre em (49), consideramos o grupo referencial como paucal. Por outro lado, quando há referência a um grupo pequeno sem especificação de quantidade, como ocorre em (50), incluímos a referência no fator grupo pequeno.

- (49) Inf: [...] eu sempre gostei de fazer meus trabalhos sozinho... quando eu fazia com outra pessoa eu era eu sou do tipo que não confio aí eu “deixe eu faço só” aí eu trazia um monte de trabalho pra casa... e o pessoal meio que gostava... aí só que aí acabei que eu me identifiquei muito com qua- com quatro amigas só que uma delas foi embora... pra... pro Goiás... aí ficamos em quatro comigo... foi [NOME] [NOME] e [NOME] são minhas melhores amigas hoje em dia... nós ti- *nós* tivemos e *temos* hoje... uma relação de irmão mesmo apesar que *a gente* briga mas eu acho que isso faz parte... qualquer relação tem que ter briga tem abraço tem conselho tem puxão de orelha então se não for assim num é uma relação verdadeira né não? [...] (04ent.UFS-Itabaiana2010_dav.ms.25)
- (50) Inf: [...] a minha antiga professora do quinto ano ... sexto ano ... ela tinha me lembro como hoje que ela ... passou a música pegue carona nessa calda de cometa ... pra *gente* decorar o nome da galáxia via láctea e por aí se vai (01ent.UFS-Itabaiana2018_ray.fs.19)

No trecho em (51), as ocorrências de primeira pessoa do plural fazem referência a uma categoria social, no caso, as mulheres. Por fim, em (52), os contextos referenciais codificados por *nós* fazem referência a toda a humanidade, representando o maior grau de abrangência de referentes de primeira pessoa do plural.

- (51) Doc: você acha que a mulher já conseguiu igualdade social
 Inf: apesar de tanta luta ainda não existe um mundo muito machista ... que por mais que *a gente* trabalhe igual Ø faça as mesmas funções ... *a gente* ainda ganha menos que eles ... Ø ainda ganha menos privilégio ainda ... menos prestígio (01ent.UFS-Itabaiana2018_ray.fs.19)
- (52) Doc: qual a sua opinião em relação a diversidade sexual e aos direitos adquiridos pelos LGBTs?
 Inf: eu acho justo por que assim ... eu nunca critiquei e nem senti preconceito nada disso ... eu sempre achei que *nós* temos o livre arbítrio ... então *nós* somos livres em questão de escolhas então porque *nós* não somos iguais nos direitos? ... [...] (01ent.UFS-Itabaiana2018_ray.fs.19)

Para o controle do grupo referencial, temos a hipótese de que a análise da abrangência do referente nas duas amostras consideradas neste estudo mostre uma mudança no comportamento semântico das variantes de primeira pessoa do plural, com a ampliação do uso de *a gente* em contextos de menor abrangência.

3.2.1.3 Referência

A primeira pessoa do plural pode fazer referência a indivíduos e seus grupos de forma determinada, ou a classes em que os humanos estão categorizados, conforme discutimos no capítulo 1. Em (53), a referência das formas de primeira pessoa do plural é determinada, diz respeito à falante mais seus colegas de turma. Por outro lado, em (54), as ocorrências de primeira pessoa do plural apresentam referência à classe dos cidadãos brasileiros de forma genérica, incluindo o falante e o interlocutor.

- (53) Doc: e sobre sua formatura assim o que você e seus amigos decidiram? festa viagem o que vai ser?
 Inf: ficou um impasse a (hes) no no início do período quando *a gente* começou a discutir... isso da formatura... (hes) muitas pessoas ainda não tinham certeza se iam conseguir pegar... a a disciplina né? pra *a gente* experimentar (diz) que era pra fazer ou monografia ou o trabalho de conclusão de curso... e é *a gente* pensou a fazer em fazer festa... Ø cogitou a possibilidade desde sempre de fazer uma viagem... mas acabou que não vai fa- ((RISOS)) acontecendo (várias) outras coisas *a gente* desistiu de fazer a festa... e Ø desistiu pelos menos provisoriamente de fazer a viagem até porque... mui-muitos dos dos meus principais amigos assim do meu vamos di- do meu grupinho assim... não vão se formar agora não conseguiram pegar a disciplina... aí *a gente* vai ter que esperar talvez depois que eles se formarem *a gente* faça uma viagem alguma coisa pra reunir a turma... (hes) toda ou quase toda né?... mas agora *a gente* vai fazer só (hes) as solenidades mesmo os principais que é colação de grau esse tipo de coisa fazer foto pra convite pra álbum... mas não vai ter festa nem viagem não (11ent.UFS-Itabaiana2010_bia.fs.27)
- (54) Doc: e o que você acha da educação no Brasil?
 Inf: um caso sério né? ... porque veja se você ... o o Brasil *a gente* tem um problema muito sério que é assim ... de não valorizar a educação ... a nossa socie- sociedade tende a acreditar que o que vai resolver os nossos problema ... os nossos problemas é ... a o aumento do policiamento ... é o aumento d- por exemplo de como esse policiamento acontece deveria ser mais firme ... *a gente* tem o caso muito sério do deputado Jair Bolsonaro que ... dissemina essas ideias né? ... [...] (08ent.UFS-Itabaiana2018_gis.fs.20)

Estudos sociolinguísticos que analisaram o traço semântico de determinação/indeterminação do referente de primeira pessoa do plural dão indícios de que *a gente* tem ganhado espaço nos contextos referenciais mais determinados (SEARA (2000), OMENA (2003), LOPES (2004), LUCCHESI (2009), FOEGER (2014), VIEGAS E MENDES (2018)), conforme resultados discutidos na seção 2.4. Nossa hipótese para o controle do tipo de referência é de que haja uma mudança no comportamento semântico das variantes de primeira pessoa do plural, com os dados de 2018 apontando para o maior uso de *a gente* em contextos determinados.

3.2.1.4 Definitude/especificidade

A definitude/especificidade do referente de primeira pessoa do plural diz respeito à relação estabelecida com outros referentes anteriormente expressos na estrutura do discurso. Os referentes codificados pelas formas de primeira pessoa do plural podem ser definidos, específicos ou não-específicos. Referentes definidos apresentam relação de identidade com referentes anteriormente expressos, como ocorre em (55), em que o referente do pronome *a gente* é o mesmo anteriormente codificado pela expressão nominal *eu [...] com um colega*. Em (56), as ocorrências de *a gente* apresentam referente específico, pois a relação estabelecida com o referente anteriormente codificado pelo sintagma nominal *o povo* é de inclusão. Em outras palavras, o termo *o povo* funciona como um antecedente fraco para as ocorrências de primeira pessoa do plural, isto é, o referente de *a gente* está incluído no referente de *o povo*.

- (55) Inf: não assim o último filme que eu assisti ... foi com um colega ... não sabia desse filme ... ele foi quem escolheu ... e *a gente* assistiu ... [...] (06ent.UFS-Itabaiana2018_eve.ms.24)
- (56) Inf: [...] os políticos têm muito poder na mão deles o povo não pode decidir as coisas *a gente* acha que ... *a gente* tem muita decisão na hora do voto ... mas muitas vezes *a gente* não tem a decisão porque *a gente* vota num político pensando numa coisa ele vai lá e faz outra [...] (05ent.UFS-Itabaiana2018_dav.ms.19)
- (57) Doc: você acha que a mulher já conseguiu igualdade social?
 Inf: não totalmente ... não em todos os aspectos
 Doc: por quê?
 Inf: porque por mais que por exemplo ... se eu for analisar a mulher hoje em decorrência da mulher no século dezanove no século dezoito ... sim houve uma melhoria ... mas não é ainda a melhoria em si ... porque ... pra você ver ainda hoje existem mulheres que recebem menos q- ... um salário menor que o dos homens exercendo a mesma função ... e pior com um currículo muito melhor porque *a gente* sabe que a mulher tem uma maior taxa de escolaridade do que o homem ... mesmo assim a gente recebe menos ... outro fato ... eh que h- é tradicional acho que é cultural ... *é a gente* colocar a responsabilidade dos afazeres domésticos como se fosse algo natural da mulher ... é sua responsabilidade natural e *a gente* sabe que não é também ... então dentro disso quando *a gente* vê a reprodução deste tipo de pensamento *a gente* sabe que a mulher ainda não conquistou tudo (08ent.UFS-Itabaiana2018_gis.fs.20)

As ocorrências de *a gente* destacadas em (57) apresentam referentes não-específicos, pois não estabelecem relação com nenhum outro referente anteriormente expresso. A falta de conexão com outros referentes da estrutura do discurso é uma característica da referência à humanidade, em que a identificação desse referente é realizada a partir de conhecimento compartilhado entre o falante e seu interlocutor. No trecho “*a gente recebe menos*”, presente

no excerto em (57), o referente dessa ocorrência de *a gente* é específico, pois há uma relação de inclusão com o referente anteriormente codificado pelo sintagma nominal *a mulher*. O uso da forma de primeira pessoa do plural para estabelecer relação de inclusão com o referente de *a mulher* é decorrente do fato de a falante ser do sexo/gênero feminino.

Para o controle da definitude/especificidade do referente, temos a hipótese de que os dados de 2010 mostrem uma maior frequência de uso de *a gente* em contextos com referente não-específico, e que nas ocorrências da amostra de 2018, a forma *a gente* seja mais aplicada em contextos com referentes definidos.

3.2.1.5 Inclusão do interlocutor

Os referentes de primeira pessoa do plural apresentam distinção semântica quanto à inclusão/exclusão do interlocutor, conforme discussões apresentadas na seção 1.2.3. No trecho em (58), o referente das ocorrências de primeira pessoa do plural apresenta traço semântico inclusivo, pois o falante, ao expor seu ponto de vista sobre a infraestrutura do *campus* de Itabaiana da UFS, faz referência ao grupo referencial *alunos do Campus*, no qual falante e interlocutor estão incluídos. Por outro lado, no trecho em (59), o referente das ocorrências de *a gente* apresenta traço semântico exclusivo, pois o interlocutor não está incluído no grupo referencial *alunos do curso de Ciências Biológicas*.

- (58) Inf: [...] as salas de aula que eu acho que é muito pequena... que *a gente* passa uma grande parte e... do nosso tempo lá... e é um calor imenso e um monte de aluno em sala de aula e aquilo ali desconcentra qualquer um [...] (14ent.UFS-Itabaiana2010_day.fs.21)
- (59) Doc: o custo pra se manter no curso de Ciências ... Biológicas é caro? ... você acha que é um curso caro pra se manter?
 Inf: eu acho que não por causa que *a gente* não tem uma ... como é? tipo ... o máximo que *a gente* gasta é xerox ... e ... talvez assim quando tem um campo ... um campo pra longe ... só ... *a gente* num gasta mais do que isso (17ent.UFS-Itabaiana2018_reg.ms.24)

Os resultados de Campos (2008), discutidos na seção 2.2, dão indícios de que a inclusão do interlocutor é significativa para a variação *nós* e *a gente*, com a maior frequência de uso de *a gente* em contextos com valor semântico incluído. Para o controle da variável inclusão do interlocutor, temos a hipótese de que, no período considerado neste estudo, houve uma mudança na configuração semântica das formas de primeira pessoa do plural em função da inclusão do interlocutor, com aumento na frequência de aplicação do pronome *a gente* em contextos de referência exclusiva.

3.2.2 Parâmetros discursivos

Os contextos discursivos condicionam os tipos de referente de primeira pessoa do plural. Em sequências argumentativas a respeito de assuntos sociais, há uma tendência a apresentar referentes de primeira pessoa do plural mais genéricos, em que as formas pronominais assumem valor estilístico de impessoalidade, deixando o argumento com maior credibilidade. Por outro lado, em contextos narrativos a respeito de experiências pessoais, há uma tendência de que as formas de primeira pessoa do plural codifiquem referentes mais determinados. Para analisarmos o efeito do contexto discursivo na frequência de aplicação de *nós* e *a gente*, controlamos os parâmetros *sequência discursiva* e *tipo de assunto*.

3.2.2.1 Sequência discursiva

Análises da variável sequência discursiva indicam uma relação entre o uso de *a gente* e a sequência textual do tipo dissertativa/argumentativa (LUCCHESI (2009), TAMANINE (2010), FRANCESCHINI (2011)). A associação entre a frequência de uso das variantes de primeira pessoa do plural e a sequência discursiva é comumente justificada pela relação com os tipos de contextos referenciais. Assim, a sequência dissertativa/argumentativa favorece o uso do pronome *a gente* por apresentar contextos discursivos mais propícios a referentes indeterminados. Para analisarmos o efeito dos contextos discursivos na frequência das variantes de primeira pessoa do plural, consideramos as sequências *argumentativas*, *explicativas* e *narrativas*.

A sequência argumentativa é caracterizada pela defesa de um ponto de vista. A superestrutura da sequência argumentativa é composta por uma tese anterior, as premissas, os argumentos, a conclusão e a nova tese a respeito do tópico abordado (ADAM, 1987). Nas entrevistas sociolinguísticas, as sequências argumentativas são recorrentes, pois em diversos momentos da entrevista o falante é levado a apresentar sua opinião sobre diferentes assuntos de cunho social, por exemplo, educação, meio ambiente, segurança, política, religião etc. No excerto em (60), as ocorrências de *a gente* estão dentro de uma sequência argumentativa, em que o falante apresenta seu ponto de vista a respeito das cotas raciais, apresentando informações que sustentam sua opinião.

A sequência explicativa apresenta uma explicação ou justificativa para um fato. A superestrutura da sequência explicativa apresenta uma pergunta (por que x? ou como?), uma resposta (porque) e uma avaliação (ADAM, 1987). Em (61), as ocorrências de primeira pessoa

do plural estão em uma sequência explicativa. Nesse contexto, a pergunta do documentador introduz a superestrutura explicativa, e o falante completa a sequência com a resposta (informação solicitada mais a justificativa) e uma avaliação.

- (60) Doc: você concorda com as cotas pra negros e pardos?
 Inf: assim é porque ... quando *a gente* fala sobre isso (vem) ... queira quer não queira dar até a entender que *a gente* tá meno- diminuindo um negro ... né? ... *a gente* sabe que tem ... essa questão do racismo né? ... porque acredito que quando faz essa distinção você já tá fazendo ... já tá com preconceito já tá dizendo que a ... a pessoa é menos capaz que a outra ... mas ... muitos deles mesmo gostam né? ... que tenha maior chance de entrar ... por causa da cor mas ... não sei explicar (02ent.UFS-Itabaiana2018_mid.fs.22)
- (61) Doc: e onde é que você faz essa alimentação?
 Inf: essa refeição é aqui no *campus* mesmo ... na vivência ... aqui porque no bloco A ... porque *nós* não temos restaurante ... próprio ... da UFS ... como na ... como no *campus* de São Cristóvão ... então *a gente* tem ... não é ... bem um restaurante é como se fosse uma ... lanchonete ... e assim ... eh e o preço ... é um pouco ... alto ... pra quem ... é ... pra quem ... é ... é fr- é fr- é fr- vamos dizer assim fraco né? quem não tem ... assim uma boa renda se torna caro né? (06ent.UFS-Itabaiana2018_eve.ms.24)

Nas entrevistas sociolinguísticas, as sequências narrativas são induzidas por perguntas que solicitam o relato de experiências pessoais dos informantes. Esse tipo de sequência apresenta pessoas, ambientes e uma sucessão temporal dos fatos, marcada por formas verbais no passado (FREITAG et al. 2009). As sequências narrativas apresentam uma superestrutura básica composta por uma situação inicial, por eventos, com complicação e resolução, e por (re)ação ou avaliação (ADAM, 1987). Em (62), as ocorrências de *a gente* foram utilizadas em uma sequência narrativa, em que a informante faz um relato de uma experiência vivenciada com uma amiga.

- (62) Doc: lembra de uma vergonha dessas aí?
 Inf: num tenho eu acho ... que a gen- uma vez eu tava com minha melhor amiga no supermercado ... e ... *a gente* deixou o negocinho de pegar as coisas ... no balcão ... do balcão *a gente* deixou em cima da mesa ... *a gente* ficou procurando o negócio ... todo e quando *a gente* voltou tava já no no balcão de novo ... a mulher tinha ido lá e pegado ... e *a gente* ficou tipo passando vergonha só caminhando pelo supermercado (03ent.UFS-Itabaiana2018_bia.fs.18)

Nossa hipótese para o controle das sequências discursivas é de que, de forma análoga à mudança nos traços semânticos, a análise em tempo real mostre uma mudança no comportamento discursivo das variantes *nós* e *a gente*, com os dados de 2018 apontando para um aumento na aplicação de *a gente* em sequências narrativas.

3.2.2.2 Tipo de assunto

O tipo de assunto, assim como a sequência discursiva, é um parâmetro diretamente relacionado aos contextos referenciais das formas de primeira pessoa do plural. As ocorrências de primeira pessoa do plural em contextos em que se fala a respeito de tópicos sociais tendem a vincular referentes com maior grau de amplitude. Já os contextos discursivos em que o assunto é particular tendem a apresentar referentes de primeira pessoa do plural mais determinados. O tópico discursivo, isto é, o assunto sobre o qual se fala, é um indício de mudança de estilo (FREITAG, 2014). Na entrevista sociolinguística, a mudança de tópico é direcionada por um roteiro previamente elaborado, contendo perguntas relacionadas à esfera social ou à esfera pessoal. No trecho em (63), o documentador faz uma pergunta a respeito da segurança no município de Itabaiana, levando o informante a falar sobre um tópico social (segurança pública). Por outro lado, a pergunta formulada em (64) serve de gatilho para uma narrativa pessoal.

- (63) Doc: [NOME] você considera Itabaiana uma cidade segura?
 Inf: hoje nesse momento sim ... vamos dizer sim ... mais ou menos porque no momento sim porque *a gente* vê uma circulação maior dos policiais mas eh ... há um certo receio *da gente* andar nas nossas ruas de sermos abordados por pessoas desconhecidas pra levar algo nosso que *a gente* tanto trabalhou pra ter ... graças a Deus ultimamente eu não tenho visto assim nem ouvido falar de roubos sabe? ... recentemente eu fiquei sabendo de um arrastão que teve aqui em uma das escolas do nosso município fiquei muito triste é óbvio mas vamos dizer que seja razoavelmente ... razoável (15ent.UFS-Itabaiana2018_ana.fs.24)
- (64) Doc: conte um momento muito triste que você viveu com seus pais?
 Inf: um momento muito triste? ... bom ... já teve a morte da minha avó ... né? que foi um momento triste muito triste porque ela ... meu pai não ... não pode ir ver ela antes quando ela tava viva ainda no hospital ela faleceu ... eh um momento que foi muito ruim pra mim também foi quando ... o cachorro que *a gente* tinha morreu ... dois cachorrinho que *a gente* tinha morreu atropelado ... um momento mu- muito triste ... também ... é acredito que esses (02ent.UFS-Itabaiana2018_mid.fs.22)

Nossa hipótese para o controle do tipo de assunto é de que a análise em tempo real mostre uma ampliação da aplicação de *a gente* em contextos com assuntos particulares. Na seção seguinte, apresentamos a distribuição de *nós* e *a gente* em função do ano de constituição das amostras analisadas.

3.3 EXPRESSÃO DA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL EM TEMPO REAL

A amostra analisada é composta por quarenta entrevistas sociolinguísticas, nas quais foram computados 2058 contextos de referência à primeira pessoa do plural na posição de sujeito. Na tabela 5, é apresentada a distribuição das formas linguísticas de expressão da primeira pessoa do plural em função do ano de constituição das amostras. Os resultados evidenciam que não há associação estatisticamente significativa entre a frequência de uso das formas e o ano da coleta, com percentuais de distribuição em cada fatia temporal muito próximos. A codificação de sujeitos de primeira pessoa do plural por meio do pronome *a gente* apresentou um percentual de aplicação de 73%, em 2010, e 75%, em 2018, evidenciando uma distribuição estável no transcurso de tempo considerado. A taxa de aplicação das formas *nós*, *-mos* e *zero* (Ø) também se mantém estável na comunidade, conforme percentuais apresentados na tabela 5.

Tabela 5: Distribuição das formas de primeira pessoa do plural em função do ano

Ano	A gente	nós	-mos	zero
2010	684	56	101	92
	73%	6%	11%	10%
2018	843	62	105	115
	75%	5%	9%	10%
$X^2 = 1.596$ df= 3 p = 0.660				
Cramer's V = 0.028				

Fonte: elaborada pela autora.

No português brasileiro, o morfema *-mos* apresenta referência independente, isto é, essa estratégia desinencial de referência à primeira pessoa do plural não precisa que seu referente seja expresso anteriormente pela forma pronominal. No trecho em (65), por exemplo, o morfema codifica um sujeito desinencial de primeira pessoa do plural de forma independente, sem a necessidade de referência anterior por meio do pronome.

- (65) Doc: quantas pessoas moram com você?
 Inf: *somos* quatro lá em casa (13ent.UFS-Itabaiana2018_she.fs.25)

A codificação da pessoa gramatical por meio do morfema *-mos* faz parte do paradigma canônico de flexão do português, por isso, para a análise do efeito dos parâmetros semânticos e discursivos, agrupamos os contextos codificados por *-mos* com as ocorrências de *nós*, formando a variante canônica de expressão da primeira pessoa do plural.

Embora *-mos* e *zero* sejam estratégias não pronominais de expressão de referentes de primeira pessoa do plural, o zero morfológico ($\emptyset$) é um recurso distinto da estratégia desinencial representada por *-mos*, haja vista que o zero não apresenta referência independente, configurando-se como uma anáfora. Nos termos de Levinson (1987), esse contexto linguístico configura-se como uma anáfora zero, em que a referência é estabelecida através da conexão com outro elemento linguístico (LEVINSON, 1987). Em (66), o sujeito dos verbos *botava*, *fazia* e *ia jogando* são referentes de primeira pessoa do plural não expressos morfológicamente, mas recuperados pela ligação com o pronome *a gente*. Diferentemente de *-mos*, que apresenta referência independente, a anáfora zero sempre estabelece correferência com uma forma de primeira pessoa do plural anteriormente expressa. O fato de necessariamente ser correferente torna a anáfora zero um dispositivo gramatical de alto grau de continuidade referencial.

- (66) Doc: cê saberia explicar como é que funciona o jogo do futebol?
 Inf: sim assim ... já que *a gente* não tinha um campo de futebol né? *a gente* pegava umas chinelas $\emptyset$ botava no meio da rua assim ... aí ... $\emptyset$ fazia um golzinho e e $\emptyset$ ia jogando assim ... $\emptyset$ fazia dois timezinhos e quem chutava no gol [...] (05ent.UFS-Itabaiana2018_dav.ms.19)

Por não apresentar independência referencial, o zero morfológico pode estar em cadeias referenciais em que a forma antecedente seja *nós* ou *a gente*, sendo, portanto, inadequado agrupá-lo em um ou outro paradigma. Nesse sentido, optamos por excluir os dados de anáfora zero das análises com os parâmetros semânticos e discursivos. No excerto em (67), a anáfora zero codifica um referente de primeira pessoa do plural anteriormente expresso pelo pronome canônico *nós*.

- (67) Inf: [...] foi o primeiro evento que eu fui... e foi uma experiência muito boa porque *a gente* chegou lá né? foi eu e uma amiga minha o trabalho foi escrito por quatro mas só foram dois foram eu e Letícia aí *nós* chegamos lá toda quietinha nunca $\emptyset$ viu um negócio daquele né? e tudo mais... lá aí foi a apresentação foi em banner apesar de ser um artigo... porque se eu não estou enganada só tinha banner... aí colocamos o banner lá e ficamos lá encolhidinha sem saber como era que fazia as coisas e tudo mais [...] (19ent.UFS-Itabaiana2010_tai.fs.23)

Após amalgamarmos as formas canônicas (*nós* e *-mos*) e excluirmos as ocorrências de referentes de primeira pessoa do plural codificadas por zero, realizamos nova análise do efeito do tempo real na expressão da primeira pessoa do plural (tabela 6). A distribuição de *a gente* e das formas do paradigma canônico em função do ano de constituição das amostras evidencia um processo de variação estável no transcurso de tempo analisado. O percentual de uso de *a gente* passa de 81%, em 2010, para 83%, em 2018, evidenciando que na comunidade estudada

a expressão da primeira pessoa do plural configura-se como uma variação estável, sem associação entre a taxa de aplicação das variantes e o transcurso do tempo.

Tabela 6: Distribuição das ocorrências de *nós* e *a gente* em tempo real

Ano	A gente	Nós
2010	684	157
	81%	19%
2018	843	167
	83%	17%
$X^2 = 1.303$ df = 1 p = 0.254		
Cramer's V = 0.028		

Fonte: elaborada pela autora.

Conforme resultados apresentados nas tabelas 5 e 6, a expressão da primeira pessoa do plural na comunidade de práticas UFS/Itabaiana caracteriza-se como um processo de variação estável no período de 2010 a 2018. Porém, embora não haja mudança na distribuição geral das formas, defendemos que a expressão da primeira pessoa do plural está passando por um processo de mudança qualitativa, isto é, está ocorrendo uma mudança nos traços semânticos das variantes, com aumento da frequência de uso de *a gente* em contextos de menor abrangência referencial. Na seção seguinte, apresentamos os resultados da análise em tempo real dos traços semânticos de *nós* e *a gente*.

3.4 MUDANÇA NOS TRAÇOS SEMÂNTICOS DE *NÓS* E *A GENTE*

Nesta seção, apresentamos a análise dos traços semânticos da primeira pessoa do plural, conforme modelo proposto na seção 1.4. A partir de um estudo de tendência na comunidade de práticas *Campus* Professor Alberto Carvalho, o controle dos traços amplitude do referente, grupo referencial, referência, definitude/especificidade e inclusão do interlocutor visa observar a mudança na configuração semântica das variantes de primeira pessoa do plural. Nossa hipótese é de que a análise desses cinco traços semânticos nas amostras *Falantes cultos de Itabaiana/SE* (2010) e *UFS-Itabaiana2018 – Deslocamentos* (2018) evidencie uma mudança no comportamento semântico de *nós* e *a gente*, mostrando uma ampliação da frequência de uso de *a gente* nos contextos referenciais de menor abrangência.

3.4.1 Amplitude do referente

A primeira pessoa do plural apresenta referentes de menor ou maior amplitude, com o falante no centro da relação referencial. Nos estudos variacionistas, a amplitude do referente apresenta associação estatisticamente significativa para a seleção das variantes *nós* e *a gente*, com o nível de maior amplitude contribuindo para o uso da variante inovadora, conforme discutimos na seção 2.2. Nesta tese, a partir de um estudo de tendência, o controle da amplitude do referente visa observar a mudança nos traços semânticos das formas *nós* e *a gente*. Nossa hipótese é de que está ocorrendo um aumento na frequência de uso de *a gente* nos contextos referenciais de menor amplitude.

Para testarmos essa hipótese, selecionamos as ocorrências de primeira pessoa do plural na posição de sujeito, o que corresponde a 1851 contextos. Em seguida, computamos a frequência de *a gente* nas duas fatias temporais em função da amplitude do referente. O mesmo procedimento foi realizado para a forma canônica de primeira pessoa do plural, considerando o pronome preenchido e o morfema *-mos*. Com o objetivo de observar a associação entre a frequência da forma em cada amostra e o traço semântico, realizamos teste de qui-quadrado e testamos a força da associação com o teste V de Cramer.

Nas amostras analisadas, as formas de primeira pessoa do plural codificaram referentes com seis níveis de amplitude. A frequência de *nós* e *a gente* em cada fatia de tempo em função dos seis níveis de amplitude apresentou distribuição irregular²⁵, por isso, para satisfazer as condições de homogeneidade entre os níveis da variável, e com base nos resultados dos estudos discutidos na seção 2.2, excluimos níveis não homogêneos e amalgamamos níveis com grau de amplitude próximo. Inicialmente, para testarmos a hipótese de que *a gente* está aumentando sua frequência de uso em contextos de menor amplitude, excluimos os níveis referenciais que apresentaram menos de trinta ocorrências por célula, isto é, os níveis de amplitude “eu” e “eu + você”. Em seguida, amalgamamos os níveis “eu + ele” e “eu + eles” no fator “eu + 3P”, e os níveis “eu + todos” e “qualquer humano” no fator “eu + todos”. A fim de tornar os resultados em função do traço semântico comparáveis, realizamos os mesmos ajustes de homogeneidade nos dados de *nós*. Os resultados da análise em tempo real da frequência de *nós* e *a gente* em função da amplitude do referente são apresentados na tabela 7.

²⁵ A distribuição das formas *nós* e *a gente* pelos seis níveis de amplitude em cada amostra pode ser conferido no Apêndice C.

Tabela 7: Frequência de uso de *nós* e *a gente* em função da amplitude do referente

Amplitude	A gente (N = 1484)		Nós (N = 318)	
	2010	2018	2010	2018
eu + 3P	82 26%	230 74%	46 51%	44 49%
eu + todos	583 50%	589 50%	108 47%	120 53%
$X^2 = 53.901$ df = 1 p < 0.0001 Cramer's V = 0.192			$X^2 = 0.228$ df = 1 p = 0.633 Cramer's V = 0.034	

Fonte: elaborada pela autora.

A análise da frequência de uso de *a gente* nas duas fatias temporais em função da amplitude do referente confirmou a hipótese de que o pronome inovador está aumentando sua taxa de aplicação em contextos de menor amplitude, com percentual de 74% de uso em contextos em que o referente é “eu + 3P”, como em (68). Nesse excerto, a forma *a gente* foi utilizada para codificar a referência à falante mais uma tia. Para codificar o nível de amplitude “eu + todos”, o uso de *a gente* se manteve estável no período de tempo analisado, com percentual de aplicação em cada fatia temporal de 50%. O teste de qui-quadrado indica que o aumento de uso de *a gente* em contextos de menor amplitude é um resultado estatisticamente significativo. O resultado do teste V de Cramer²⁶ (0.192) indica que a associação entre a frequência de uso de *a gente* em cada marco temporal e a amplitude do referente é fraca.

- (68) Doc: então [NOME] me conte assim um fato que marcou a sua infância? ... você nunca esqueceu
 Inf: vixe ... acho que os momentos que eu tive com a minha tia que já faleceu ah ... *a gente* brincando no parquinho eu lembro desse momentos (03ent.UFS-Itabaiana2018_bia.fs.18)
- (69) Doc: qual a sua opinião [NOME] em relação a diversidade sexual e os direitos adquiridos pelos LGBTs?
 Inf: tipo casamento essas coisas?
 Doc: de forma geral nesse primeiro momento assim os direitos que eles conseguiram
 Inf: eu acho que ... sei lá ... como pessoas ... *nós* somos iguais acho que todo todo mundo tem o mesmo direito (11ent.UFS-Itabaiana2018_den.ms.21)

A análise das ocorrências de *nós* em função da amplitude do referente mostra distribuição estável do pronome canônico no nível “eu + 3P”, com percentuais em torno de 50% para cada fatia temporal. No nível referencial “eu + todos”, como em (69), em que *nós* codifica a referência a toda a humanidade, a direção da frequência de uso indica um aumento na taxa de

²⁶ O V de Cramer testa a força da associação entre as variáveis, com valores que vão de 0 (ausência de associação) a 1 (associação muito forte) (FREITAG, [2020?]).

aplicação de *nós*, passando de 47% em 2010, para 53% em 2018. Porém, o resultado não é estatisticamente significativo, conforme resultados apresentados na tabela 7.

O aumento da frequência de uso de *a gente* em contextos referenciais de menor amplitude dá indícios de que a forma inovadora está passando por um processo de mudança em função dos traços semânticos, generalizando seu uso para contextos referenciais típicos do pronome canônico. Por outro lado, o uso de *nós* em função da amplitude do referente permanece estável no período de tempo analisado.

3.4.2 Grupo referencial

A variável grupo referencial diz respeito à gradação na abrangência do referente em função da quantidade de indivíduos incluídos no grupo referido pela forma de primeira pessoa do plural, conforme discussões apresentadas na seção 1.2.3. No modelo de análise semântica da primeira pessoa do plural apresentado e discutido na seção 1.4, a variável grupo referencial apresenta alguns níveis colineares aos níveis de amplitude do referente. Porém, optamos por analisar as ocorrências de primeira pessoa do plural sob essas duas perspectivas, haja vista que, embora sejam colineares, esses dois traços semânticos apresentam nuances distintas devido à categoria gramatical focalizada. A amplitude do referente é um traço semântico atrelado à noção gramatical de pessoa, com o falante no centro da relação referencial, ao passo que o grau de abrangência do referente controlado pela variável grupo referencial está relacionado à categoria gramatical de número, distinguindo os níveis a partir do tamanho do grupo referido.

Nossa hipótese para o controle do grupo referencial é de que a forma *a gente* está ampliando sua frequência de uso em contextos referenciais de menor abrangência. Para testarmos essa hipótese, computamos, de forma independente, as frequências de *nós* e *a gente* em função do grupo referencial em cada fatia de tempo. Em seguida, a fim de testarmos a direção e a força da associação entre a frequência de aplicação das formas em cada amostra e o grupo referencial, realizamos os testes de qui-quadrado e de V de Cramer.

Assim como ocorreu com a variável amplitude, a distribuição das ocorrências de *nós* e *a gente* em cada amostra em função do grupo referencial apresentou distribuição irregular²⁷ pelos sete graus de abrangência. Para tornar a distribuição das formas de primeira pessoa do plural em função da abrangência do referente mais homogênea, realizamos ajustes nos níveis da variável. Inicialmente, excluímos as ocorrências de primeira pessoa do plural em contextos

²⁷ A distribuição das formas *nós* e *a gente* pelos sete graus de abrangência em cada amostra pode ser conferido no Apêndice C.

de auto-referência. Esse contexto referencial diz respeito à uma alteração na categoria gramatical de número, em que o falante faz referência a si mesmo por meio de uma forma de plural, como ocorre em (70). Como o objetivo da análise do grupo referencial é analisar o efeito da abrangência a partir da quantidade de indivíduos incluídos no referente, optamos por excluir os dados de auto-referência.

- (70) Doc: você faz disciplinas em quais turnos?
 Inf: noturno
 Doc: somente noturno?
 Inf: é ... eu peguei algumas ... eh vespertino noturno mas sempre ... ali no- a- ... ah entre três ... três da tarde em média de cinco as sete que *a gente* daí emenda de cinco as dez ... mas é ... noturno e raramente de tarde bem raramente (16ent.UFS-Itabaiana2018_eri.ms.22)

Além da exclusão dos dados de auto-referência, amalgamamos as ocorrências de primeira pessoa do plural em contextos referenciais “dual”, “trial” e “paucal” no nível “paucal”. Esse amálgama justifica-se do ponto de vista semântico, haja vista que esses três níveis de abrangência fazem referência a indivíduos com quantidade especificada no contexto linguístico. Após os ajustes de homogeneidade, a variável grupo referencial ficou com quatro graus de abrangência. As frequências de uso das variantes de primeira pessoa do plural em função do grau de abrangência em cada fatia de tempo são apresentadas na tabela 8.

Tabela 8: Frequência de uso de *nós* e *a gente* em função do grupo referencial

Grupo	A gente (N = 1488)		Nós (N = 322)	
	2010	2018	2010	2018
paucal	83 26%	233 74%	47 50%	47 50%
grupo pequeno	273 54%	229 46%	58 56%	46 44%
categoria social	262 50%	261 50%	40 43%	54 57%
humanidade	48 33%	99 67%	10 33%	20 67%
$X^2 = 77.249$ df = 3 p < 0.0001 Cramer's V = 0.228			$X^2 = 6.365$ df = 3 p = 0.095 Cramer's V = 0.141	

Fonte: elaborada pela autora.

A análise da frequência de uso de *a gente* nas amostras de 2010 e 2018 em função do grupo referencial confirma nossa hipótese de que o pronome inovador está aumentando sua taxa de aplicação em contextos de menor abrangência. O percentual de aplicação de *a gente* para codificar referentes pauciais é de 74% em 2018. Em contextos em que o grupo referido é paucal, a referência é feita aos indivíduos, com quantidade limitada e especificada pelo contexto

linguístico, como ocorre em (71). Os dados do fator paucal (dual, trial e paucal) apresentados na tabela 8 equivalem aos níveis de amplitude “eu + você”, “eu + ele” e “eu + eles”, portanto, o aumento na frequência de uso de *a gente* para codificar referentes de menor abrangência reafirma os resultados já apresentados na seção anterior a respeito da amplitude do referente.

- (71) Doc: você lembra de alguma travessura que fez junto com seus irmãos?
 Inf: com meus irmãos acho que ... eu não sei *a gente* fazia comida às vezes *a gente* dava fome ... *a gente* queimou umas comida lá ... meu irmão botou- ah é lembrei meu irmão botou fogo no sofá ... ((RISOS)) mas é que eu apaguei como eu era o mais velho eu tinha que toma conta dos guri aí ...apaguei o fogo (12ent.UFS-Itabaiana2018_ric.ms.21)

A análise da abrangência do referente a partir do tamanho do grupo referido possibilita compreender melhor o comportamento semântico do pronome em relação ao nível de amplitude “eu + todos”, haja vista que esse nível corresponde aos graus de abrangência “grupo pequeno”, “categoria social” e “humanidade. Conforme resultados apresentados na seção 3.4.1, *a gente* apresenta frequência estável para o nível de amplitude “eu + todos” no transcurso de tempo considerado. A análise quanto ao tamanho do grupo possibilita observar que há distinções no comportamento semântico do pronome a depender da abrangência do referente.

- (72) Doc: você sente alguma dificuldade aqui na na universidade?
 Inf: sim sinto dificuldades mas ... s- eh como posso dizer? dificuldades quanto a curso que é um curso difícil ... eh dificuldades quanto às vezes coleguismo porque o curso de exatas é um curso muito sozinho ... nosso curso eu só fui começar a fazer amizade com as pessoas no segundo período que *a gente* pegou ... disciplinas mais ... mais como eu posso dizer? de humanas em que *a gente* tinha equipe que tinha aí aí que começou a gente ter relações ... aí pra você fazer grupo de estudo pra fazer qualquer coisa assim é muito mais difícil ... [...] (05ent.UFS-Itabaiana2018_dav.ms.19)
- (73) Doc: eh o que você acha da coleta seletiva da de de separar os tipos de lixo?
 Inf: totalmente necessário
 Doc: por quê?
 Inf: porque vai ajudar várias pessoas apesar de ... que aqui em Itabaiana ... *a gente* não tem um um local ... onde ocorre tipo a separação de lixo pra beneficiar outras pessoas então ... mesmo que *a gente* coletasse ... eh separadamente num daria muito certo [...] (03ent.UFS-Itabaiana2018_bia.fs.18)

A frequência de uso de *a gente* em contextos em que o referente é um grupo pequeno diminui na amostra de 2018. O grau de abrangência grupo pequeno diz respeito aos contextos em que a referência é feita a um grupo de indivíduos, com quantidade estimada e finita, como em (72), em que o falante utiliza a forma *a gente* para codificar a referência a sua turma de graduação. No nível de abrangência categoria social, em que a referência é feita à uma classe de forma ampla, sem especificação dos indivíduos que compõem a categoria, como em (73), a

frequência de uso de *a gente* se mantém estável, com percentual de 50% nos dois marcos temporais.

A taxa de aplicação de *a gente* no nível mais abrangente, isto é, em contextos em que a forma é utilizada para codificar a referência a toda a humanidade, como em (74), aumenta na amostra de 2018, com percentual de uso de 67%, conforme dados expostos na tabela 8. Devido a sua origem de base nominal, a forma *a gente* insere-se no subsistema dos pronomes de primeira pessoa do plural com o traço semântico mais abrangente. Estudos variacionistas que analisaram o fenômeno variável em função dos níveis de referencialidade mostram que há uma associação positiva entre o uso do pronome inovador e o contexto referencial mais abrangente, considerado como um nível impessoal (LOPES (2003), LUCCHESI (2009), FOEGER (2014)).

- (74) Doc: você considera que ... o seu papel hoje ... é diferente da sua m- da sua mãe anos atrás?
 Inf: sim ... porque antes a mulher ela tinha mais uma função de ... somente ficar ali em casa cuidando das coisa ... e hoje em dia não *a gente* vê que tem muitas mulheres que já têm cargos ... alto na sociedade ... então o papel da mulher é muito diferente do que era antigamente (07ent.UFS-Itabaiana2018_sue.fs.20)

A análise em tempo real da frequência de uso de *a gente* em função do grau de abrangência, exposta na tabela 8, sugere que *a gente* está aumentando sua taxa de aplicação nos extremos da escala de abrangência. A associação entre a frequência de uso de *a gente* em cada marco temporal e o grupo referencial é estatisticamente significativa e associação fraca entre as variáveis (V de Cramer = 0.228). Esse resultado corrobora os apresentados no estudo de Foeger (2014), discutidos na seção 2.3 desta tese, em que o nível intermediário de abrangência apresentou frequência de 50% de aplicação de *a gente*, menor do que a taxa de aplicação da forma no nível específico.

Os resultados do estudo de tendência dos dados de *nós* evidenciam que o pronome canônico está aumentando sua frequência de uso nos contextos referenciais de maior grau de abrangência. Porém, o aumento da taxa de aplicação de *nós* nos contextos em que a referência é feita a uma categoria social ou a toda a humanidade não é estatisticamente significativo. Para codificar referentes paucais, o pronome canônico mantém sua frequência de uso estável no transcurso de tempo considerado na análise, com percentual de 50% de aplicação em cada marco temporal. Os resultados apresentados na tabela 8 mostram que a direção da associação entre a frequência de uso em cada marco temporal e os graus de abrangência grupo pequeno e humanidade é a mesma para *nós* e *a gente*, isto é, há uma diminuição na taxa de aplicação no nível grupo pequeno e um aumento nos contextos de referência a toda a humanidade. Por outro

lado, em 2018, a taxa de aplicação de *nós* para codificar referência a uma categoria social aumentou, como em (75).

- (75) Doc: então [NOME] o que que você acha que aumenta a criminalidade?
 Inf: eh... eu num sei responder muito bem essa pergunta porque- porque assim *nós* percebemos que por mais que não tenha eh... que não tenha muitas portas de emprego na sociedade ... no entanto *nós* brasileiros sabemos como eh... buscar o nosso pão de cada dia [...] (15ent.UFS-Itabaiana2018_ana.fs.24)

O controle do traço semântico de abrangência do referente de primeira pessoa do plural a partir do tamanho do grupo, além de confirmar os resultados em função da amplitude do referente, mostram que a forma *a gente* está aumentando sua frequência de uso nos contextos em que a referência é feita aos indivíduos, mas também nos contextos de referência à humanidade, mantendo os níveis intermediários de abrangência com frequência estável. O pronome *nós*, por outro lado, além de também aumentar sua frequência de uso para codificar referência à humanidade, aumentou sua taxa de aplicação nos contextos em que o grupo referido é uma categoria social.

A análise em tempo real da frequência de *nós* e *a gente* em cada amostra em função do grupo referencial dá indícios de um processo de mudança qualitativa das formas de primeira pessoa do plural em função do traço semântico de abrangência. A forma *a gente* está aumentando sua taxa de aplicação nos contextos de menor abrangência, em que a referência é feita a indivíduos. Esses resultados mostram uma generalização do uso de *a gente* para contextos referenciais típicos do pronome *nós*, sem alterar os percentuais globais de aplicação das variantes.

3.4.3 Referência

A referência codificada por uma forma de primeira pessoa do plural pode apresentar traço semântico determinado ou genérico. Quando a referência é feita a indivíduos e seus grupos, a referência é determinada, por outro lado, a referência a uma classe, seja uma categoria social na qual o falante está incluído ou toda a humanidade, apresenta traço semântico de genericidade. Embora a forma *a gente* tenha sido gramaticalizada a partir de um substantivo coletivo, com noção semântica de genericidade implícita, resultados de estudos variacionistas mostram que o pronome inovador apresenta estimativas de uso positivas em contextos referenciais determinados, dando indícios de que *a gente* está perdendo sua restrição atrelada

ao valor genérico (SEARA (2000), OMENA (2003), LOPES (2004), VIEGAS; MENDES (2018), conforme resultados sistematizados na seção 2.4.

Nossa hipótese é de que está ocorrendo um aumento na frequência de uso de *a gente* em contextos referenciais determinados. Para testarmos essa hipótese, computamos a frequência dos pronomes de primeira pessoa do plural de forma independente em cada amostra em função da referência. Em seguida, realizamos testes estatísticos para observar a direção e a força da associação entre a taxa de aplicação da forma em cada marco temporal e o tipo de referência. Os resultados da análise da frequência de uso das formas de primeira pessoa do plural nas amostras *Falantes cultos de Itabaiana/SE* (2010) e *UFS-Itabaiana2018 – Deslocamentos* (2018) são apresentados na tabela 9.

Tabela 9: Frequência de uso de *nós* e *a gente* em função da referência

Referência	A gente (N = 1527)		Nós (N = 324)	
	2010	2018	2010	2018
Determinada	374 44%	483 56%	107 54%	93 46%
Genérica	310 46%	360 54%	50 40%	74 60%
$X^2 = 0.947$ df = 1 p = 0.331 Cramer's V = 0.026			$X^2 = 4.807$ df = 1 p < 0.05 Cramer's V = 0.128	

Fonte: elaborada pela autora.

A análise das ocorrências de *a gente* em tempo real em função do tipo de referência mostra um aumento na taxa de aplicação da forma em contextos de referência determinada na amostra de 2018, o que confirma nossa hipótese de que o pronome inovador está se tornando mais determinado. Porém, o teste de qui-quadrado evidencia que a associação entre a frequência de uso do pronome em cada marco temporal e a referência não é estatisticamente significativa. O resultado do teste estatístico pode estar atrelado à direção da associação entre frequência de uso e referência, haja vista que nos contextos referenciais genéricos a forma também está ampliando sua taxa de aplicação.

O aumento da frequência de uso de *a gente* nos dois tipos de contextos referenciais confirma os resultados em função do grupo referencial, pois, conforme resultados apresentados na seção 3.4.2, o pronome amplia sua taxa de aplicação nos extremos da escala de abrangência do referente. Isso significa que o aumento da frequência de *a gente* não está ocorrendo em qualquer contexto de referência determinada, mas apenas nos contextos de menor abrangência, em que o referente codificado diz respeito a indivíduos com quantidade limitada e especificada

pelo contexto linguístico. Além disso, o pronome *a gente* se mantém em progresso em seu nexo de entrada no quadro pronominal, isto é, para codificar referência a toda a humanidade.

Os resultados da análise em tempo real da frequência de uso de *nós* em função da referência evidenciam que o pronome canônico está aumentando sua taxa de aplicação em contextos de referência genérica. Os testes estatísticos mostram que a associação entre a frequência de uso de *nós* em cada amostra e a referência é estatisticamente significativa, mas com associação fraca entre as variáveis (V de Cramer = 0.128).

Embora o aumento na frequência de uso de *a gente* em contextos determinados não seja estatisticamente significativo, os resultados apresentados na tabela 9 dão indícios de que as variantes de primeira pessoa do plural estão passando por um processo de mudança em função dos traços semânticos, com aumento da frequência de uso de *a gente* em contextos referenciais determinados. A análise dos traços semânticos de referencialidade das formas de primeira pessoa do plural a partir das variáveis amplitude do referente, grupo referencial e referência, colineares entre si, possibilita compreender as nuances envolvidas no processo de mudança dos traços semânticos de *nós* e *a gente*.

Para compreender o processo de mudança nos traços semânticos do pronome *a gente*, a noção de gradação referencial presente no traço de amplitude é significativa, pois, conforme resultados apresentados na seção 3.4.1, a frequência de uso do pronome está aumentando nos contextos referenciais de menor amplitude. Além da noção de amplitude do referente, o traço semântico de gradação, controlado a partir do parâmetro grupo referencial, possibilita compreender que, além de o pronome inovador estar aumentando sua taxa de aplicação nos contextos referenciais menos abrangentes, com referência a indivíduos, também se mantém em progresso no nível referencial mais abrangente, em que a referência é feita a toda a humanidade.

Por outro lado, a análise do traço semântico de referencialidade do pronome *nós* a partir da oposição binária determinado/genérico dá indícios de que o pronome canônico está aumentando sua frequência de uso em contextos com referentes genéricos, conforme resultados apresentados na tabela 9. Os resultados da análise em tempo real dos traços semânticos de referencialidade (amplitude do referente, grupo referencial e referência) dão indícios de que as formas variantes de primeira pessoa do plural estão passando por um processo de mudança qualitativa, em que as formas de primeira pessoa do plural estão mudando a frequência de uso em função dos traços semânticos, sem alterar as taxas globais de aplicação das variantes.

3.4.4 Definitude/especificidade do referente

Os referentes de primeira pessoa do plural podem ser definidos, específicos ou não-específicos, a depender da relação estabelecida com outros referentes anteriormente expressos na estrutura do discurso, conforme discutimos na seção 1.3.1. As formas de primeira pessoa do plural que codificam referentes com antecedentes fortes, isto é, que apresentam relação de identidade com referente anteriormente expresso, são definidas. Os referentes específicos apresentam antecedentes fracos, em que a relação estabelecida é de inclusão em um referente anteriormente codificado. Referentes de primeira pessoa do plural não-específicos não estabelecem relação com outros referentes, pois apresentam informações generalizadas com referência a toda a humanidade.

Nossa hipótese é de que *a gente* está aumentando sua taxa de aplicação nos contextos em que o referente é definido. Para testarmos essa hipótese, computamos a frequência de uso de *a gente* em cada marco temporal em função da definitude/especificidade. Em seguida, testamos a direção e a força da associação entre a taxa de aplicação da forma em cada amostra e a definitude/especificidade através dos testes de qui-quadrado e V de Cramer. Os mesmos procedimentos de análise foram realizados para as ocorrências de *nós*.

- (76) Inf: [...] contra os princípio de Deus ... cê já tá dizendo que Deus criou ... mulher pra ficar com mulher e homem com homem não foi assim ... *a gente* sabe que foi o homem ... pra mulher ... mas aí ... as pessoas estão ... distorcendo ... aquilo que Deus ... deixou [...] agora ... eu concordar ... dizer que tá certo ... e dizer ... que uma família ... é homem ... com homem e mulher com mulher não é ... porque *a gente* vê *a gente* sabe que família pra Deus é homem ... mulher ... não ... vice-versa como o que a- ... como eu falei aqui ... então ... é isso aí essa questão aí (06ent.UFS-Itabaiana2018_eve.ms.24)
- (77) Inf: [...] eu acredito que é uma questão de encontro mesmo você se encontrar profissionalmente de você saber quem é você profissionalmente assim como *nós* sabemos quem somos *nós* no individual porque é claro que a sua profissão não estar desa- desassociada da sua vida ... mas é fundamental você se encontrar também profissionalmente (15ent.UFS-Itabaiana2018_ana.fs.24)

Os resultados da análise da frequência das formas *nós* e *a gente* em contextos com referentes não-específicos em cada marco temporal evidenciam que a direção da associação entre a frequência e o traço de definitude/especificidade é o mesmo para os dois pronomes, com aumento na taxa de aplicação em 2018. As ocorrências de *a gente* para codificar referentes não-específicos, como em (76), apresentaram um aumento na taxa de aplicação, com percentuais de 33% em 2010 (N = 42) e 67% em 2018 (N = 87). Os contextos referenciais não-específicos

codificados pelo pronome canônico, como em (77), apresentaram um aumento na frequência de uso, com percentuais de 38% de aplicação em 2010 (N = 8) e 62% em 2018 (N = 13).

Por apresentar um baixo número de dados de *nós* no contexto referencial não-específico, com apenas vinte e uma ocorrências em todo o *corpus*, optamos por excluir esse fator da análise estatística inferencial. A fim de tornar os resultados de *nós* e *a gente* comparáveis, também excluímos o fator não-específico da análise das ocorrências de *a gente*. Os resultados da análise da frequência de uso das formas de primeira pessoa do plural em cada amostra em função da definitude/especificidade são apresentados na tabela 10.

Tabela 10: Frequência de uso de *nós* e *a gente* em função da definitude/especificidade do referente

Definitude/especificidade	A gente (N = 1398)		Nós (N = 303)	
	2010	2018	2010	2018
Definido	90 34%	178 66%	49 55%	40 45%
Específico	552 49%	578 51%	100 47%	114 53%
		$X^2 = 19.723$ df = 1 p < 0.0001 Cramer's V = 0.121	$X^2 = 1.427$ df = 1 p = 0.232 Cramer's V = 0.076	

Fonte: elaborada pela autora.

Os resultados da análise da frequência de *a gente* em cada amostra em função da definitude/especificidade confirmam nossa hipótese de que a forma está aumentando sua taxa de aplicação em contextos referenciais definidos, como em (78). Em contextos com referentes específicos, em que a forma de primeira pessoa do plural estabelece relação de inclusão com referente anteriormente expresso, como em (79), o pronome *a gente* mantém um percentual de aplicação estável no período de tempo considerado. O teste de qui-quadrado mostra que a associação entre a frequência de uso de *a gente* em cada marco temporal e o traço de definitude/especificidade é estatisticamente significativa, com associação fraca entre as variáveis (V de Cramer = 0.121).

- (78) Doc: eh quando você era criança você costumava brincar de quê?
 Inf: eu costumava brincar muito na rua ... muito na rua bola ... *a gente* fazia nossos próprios brinquedos ... eu e os meus irmãos ... e eu sempre tive muito meus irmãos pra brincar junto [...] (05ent.UFS-Itabaiana2018_dav.ms.19)
- (79) Inf: [...] eu lembro de um momento eu lembro que foi no terceiro ano que *nós* fizemos um livrinho um livrinho foi- foi bacana essa experiência não lembro perfeitamente assim mas eu lembro que *a gente* construiu um livro e foi muito legal aquela construção (15ent.UFS-Itabaiana2018_ana.fs.24)

A análise em tempo real mostrou que, em contextos referenciais definidos, o pronome canônico apresenta uma diminuição na taxa de aplicação. Por outro lado, para codificar referentes específicos, como no excerto em (79), o pronome canônico apresenta um aumento na taxa de aplicação no período de tempo considerado. Porém, a associação entre a frequência de uso de *nós* em cada fatia de tempo e o traço de definitude/especificidade não é estatisticamente significativa

A análise da cadeia referencial construída pelo pronome *a gente* com antecedentes anteriormente expressos na estrutura do discurso, considerando as relações de identidade e inclusão, confirma os resultados em função da amplitude do referente e do grupo referencial. Isso porque, embora o traço de definitude/especificidade não seja colinear com os níveis de referencialidade, os referentes de primeira pessoa do plural em relação de identidade com um antecedente forte ocorrem nos contextos de menor amplitude, em que a referência é feita a indivíduos, como no exemplo (78). Os resultados apresentados na tabela 10 dão indícios de um processo de mudança qualitativa das formas *nós* e *a gente* em função do traço de definitude/especificidade, confirmando nossa hipótese de aumento da taxa de aplicação de *a gente* em contextos referenciais mais restritos.

3.4.5 Inclusão do interlocutor

As formas de primeira pessoa do plural apresentam distinção semântica quanto à inclusão ou à exclusão do interlocutor na referência. O traço semântico de inclusão do interlocutor no referente codificado pelas formas de primeira pessoa do plural está diretamente relacionado à situação discursiva imediata da interação verbal, pois o tipo de relação social estabelecida pelos interlocutores e os assuntos abordados predeterminam os contextos referenciais de inclusão ou exclusão do interlocutor. Na situação discursiva de entrevista sociolinguística, contexto interacional analisado nesta tese, os assuntos da esfera pessoal do informante, como o abordado no excerto em (80), condicionam o uso de referentes com valor semântico exclusivo, haja vista que os interlocutores (documentador e informante) não são próximos, portanto não possuem experiências compartilhadas no âmbito particular.

Assuntos da esfera social possibilitam o uso de referentes de primeira pessoa do plural com traço semântico inclusivo, haja vista que falante e interlocutor compartilham de um mesmo contexto social. No exemplo (81), o tópico discursivo é a situação econômica do país, o que possibilita a inclusão do interlocutor na referência aos cidadãos brasileiros codificada pela forma *a gente*. As pesquisas variacionistas consideram o traço semântico de inclusão do

interlocutor de forma indireta a partir do controle da amplitude do referente. Em nossa tese, consideramos que a inclusão é um traço semântico independente da amplitude, haja vista que em contextos de maior amplitude é possível a codificação de referentes de primeira pessoa do plural com traço inclusivo, como em (81), ou exclusivo, como em (82).

- (80) Doc: você tem muito contato assim com essas pessoas ... que fazem parte desses grupos que você mencionou?
 Inf: dos grupos ... da igreja?
 Doc: da igreja ou desse que você vai pra
 Inf: tenho tenho porque é dois anos o curso né? ... aí ... eu tou o quê? ... eu tou no meu primeiro ano ainda ... mas já *a gente* acaba tendo um contato né? ... porque viajando sempre né? segunda quarta e sexta ... aí cria amizade (02ent.UFS-Itabaiana2018_mid.fs.22)
- (81) Inf: [...] o governo teve que ... soltar essa dívida pública ... tá até hoje ele deve ser eu ouvi em al- em algum jornais eles comentando ... existe uma dívida pública interna ... vem daí ... aí *a gente* tá uma inflação sofrendo uma inflação da porra ... eh ... a gasolina lá lá no teto ... por causa da ... da Petrobras dos escândalos que teve [...] (04ent.UFS-Itabaiana2018_thi.ms.19)
- (82) Inf: então como eu estudo Biologia né? ... *a gente* sempre tá aí ... tentando ... eh na- ... fazer o não degradamento do meio ambiente né? porque ... as pessoas às vezes não têm consciência [...] (07ent.UFS-Itabaiana2018_sue.fs.20)

Embora os estudos variacionistas discutidos na seção 2.2 não tivessem o objetivo de analisar a inclusão do interlocutor como um traço independente da amplitude do referente, os seus resultados dão indícios de que o traço semântico de inclusão do interlocutor é um fator significativo para a seleção da variante de primeira pessoa de plural, com o traço exclusivo favorecendo o uso de *nós* (LOPES (1993), BORGES (2004), SILVA (2004), CAMPOS (2008)). Nossa hipótese é de que está ocorrendo uma mudança na frequência de uso das formas *nós* e *a gente* em função da inclusão do interlocutor, com aumento na taxa de aplicação de *a gente* em contextos com o traço semântico exclusivo.

Para testarmos essa hipótese, computamos as ocorrências de *nós* e *a gente* em cada marco temporal em função do traço de inclusão do interlocutor. Em seguida, realizamos teste de qui-quadrado e V de Cramer para observar a direção e a força da associação entre a frequência de uso da forma em cada marco temporal e o traço de inclusão. Os resultados da análise em tempo real são apresentados na tabela 11.

A análise da frequência de *a gente* em cada fatia temporal em função da inclusão do interlocutor confirma nossa hipótese de que *a gente* está aumentando sua taxa de aplicação em contextos semânticos exclusivos. Em contextos referenciais em que o interlocutor está incluído na referência de primeira pessoa do plural, a forma *a gente* mantém uma taxa de aplicação

estável no período de tempo considerado. O resultado do teste de qui-quadrado indica que a associação entre a frequência de uso da forma em cada amostra e o traço semântico de inclusão do interlocutor é estatisticamente significativa.

Tabela 11: Frequência de uso de *nós* e *a gente* em função da inclusão do interlocutor

Inclusão	A gente (N = 1527)		Nós (N = 324)	
	2010	2018	2010	2018
Excluído	414 43%	554 57%	94 48%	103 52%
Incluído	270 48%	289 52%	63 50%	64 50%
$X^2 = 4.164$ df = 1 p < 0.05 Cramer's V = 0.054			$X^2 = 0.048$ df = 1 p = 0.827 Cramer's V = 0.018	

Fonte: elaborada pela autora.

Os resultados da análise das ocorrências de *nós* em função do traço de inclusão do interlocutor mostram que a forma canônica manteve sua frequência de uso estável, com percentual de aplicação em torno de 50% em cada marco temporal. Embora nossa hipótese de que a forma *a gente* está aumentando sua frequência de uso em contextos em que o interlocutor está excluído tenha sido confirmada, os resultados apresentados na tabela 11, com percentuais de aplicação próximos ao ponto de aleatoriedade (50%) e o p valor também muito próximo ao valor de α , podem ser indícios de uma neutralização do traço de inclusão do interlocutor para as formas *nós* e *a gente*.

3.5 EFEITOS DISCURSIVOS

O contexto discursivo em que as formas de primeira pessoa do plural ocorrem condiciona o traço semântico do referente. Tópicos de cunho social, por exemplo, saúde, educação, segurança, favorecem referentes de primeira pessoa do plural com traço semântico mais genérico, ampliando a força do ponto de vista à medida que distancia o argumento da esfera pessoal do falante. Por outro lado, narrativas de experiências pessoais favorecem referentes de primeira pessoa do plural com traço semântico menos abrangente. Nossa hipótese é de que, com a mudança nas frequências de uso de *nós* e *a gente* em função dos traços semânticos, também ocorra uma mudança nas taxas de aplicação dos pronomes em função dos contextos discursivos. Para testarmos essa hipótese, controlamos os parâmetros sequência discursiva e tipo de assunto.

3.5.1 Sequência discursiva

A mudança entre sequências discursivas condiciona o tipo de referente de primeira pessoa do plural. Em sequências argumentativas, há a tendência de que os referentes de primeira pessoa do plural sejam mais amplos. Por outro lado, sequências narrativas tendem a apresentar referentes com menor grau de amplitude. Nossa hipótese para o controle da sequência discursiva é de que, com o aumento da frequência de uso de *a gente* em contextos referenciais de menor amplitude, a frequência de uso de *a gente* também mude na mesma direção em função da sequência discursiva. Assim, esperamos encontrar um aumento na frequência de uso de *a gente* em contextos de sequência narrativa. Para testarmos essa hipótese, computamos as frequências das formas de primeira pessoa do plural em cada marco temporal em função da sequência discursiva. Em seguida, realizamos teste de qui-quadrado e de V de Cramer para testar a direção e a força da associação entre as variáveis.

A distribuição da forma *nós* no fator sequência explicativa apresentou menos de trinta ocorrências por célula²⁸, por isso fizemos ajuste de homogeneidade, amalgamando os fatores sequência argumentativa e sequência explicativa. Os resultados da análise em tempo real das ocorrências de *nós* e *a gente* em função da sequência discursiva são apresentados na tabela 12.

Tabela 12: Frequência de uso de *nós* e *a gente* em função da sequência discursiva

Sequência	A gente (N = 1527)		Nós (N = 324)	
	2010	2018	2010	2018
Argumentativa	489	485	94	99
	50%	50%	49%	51%
Narrativa	195	358	63	68
	35%	65%	48%	52%
$X^2 = 31.250$ df = 1 p < 0.0001			$X^2 = 0.000$ df = 1 p = 1	
Cramer's V = 0.144			Cramer's V = 0.006	

Fonte: elaborada pela autora.

A análise da frequência de uso de *a gente* em cada amostra em função da sequência discursiva confirma nossa hipótese de que o pronome inovador está ampliando sua taxa de aplicação em contextos de sequências narrativas. Em contextos de sequência argumentativa, a forma *a gente* mantém sua frequência de uso estável, com percentual de 50% de aplicação em cada fatia de tempo. Os resultados dos testes inferenciais mostram que a distribuição observada

²⁸ A distribuição das formas *nós* e *a gente* pelas três sequências discursivas em cada amostra pode ser conferido no Apêndice C.

em cada marco temporal em função da sequência discursiva é estatisticamente significativa, com associação fraca (V de Cramer = 0.144).

A distribuição do pronome canônico, seja em sequências argumentativas seja em sequências narrativas, se mantém estável no período de tempo considerado, com percentuais de aplicação em torno de 50%. O teste de qui-quadrado mostra que a associação entre a frequência de uso do pronome em cada marco temporal e a sequência discursiva não é estatisticamente significativa.

O aumento na frequência de uso de *a gente* em sequências narrativas vai na mesma direção dos resultados em função dos traços semânticos, em que a forma ampliou sua taxa de aplicação em contextos de menor amplitude, para fazer referência a grupos referenciais pauciais, em contextos com referente definido e com o interlocutor excluído. Os resultados em função da sequência discursiva corroboram a nossa hipótese de que a mudança no traço semântico é acompanhada por uma mudança nos contextos discursivos de aplicação da forma.

3.5.2 *Tipo de assunto*

O tipo de assunto abordado em uma interação verbal, assim como a sequência discursiva, apresenta relação com o contexto referencial das formas de primeira pessoa do plural. No contexto de entrevista sociolinguística, o falante transita entre tópicos discursivos de cunho social e de cunho particular. Os assuntos particulares condicionam a presença de referentes de primeira pessoa do plural mais restritos, com menor nível de amplitude. Por outro lado, assuntos voltados para o âmbito social condicionam a presença de referentes de primeira pessoa do plural com maior grau de amplitude, tendo em vista a referência a categorias sociais, bem como a todo a humanidade.

Para o controle do tipo de assunto, nossa hipótese é de que a taxa de aplicação de *a gente* está aumentando em contextos em que o assunto é do âmbito particular do falante, relativo a suas experiências pessoais. Para testarmos essa hipótese, computamos as frequências das formas *nós* e *a gente* em cada amostra em função do tipo de assunto. Em seguida, testamos a associação entre as variáveis. Os resultados da análise em tempo real das ocorrências de *nós* e *a gente* em função do tipo de assunto são apresentados na tabela 13.

A análise das ocorrências de *a gente* em cada fatia de tempo em função do tipo de assunto confirma nossa hipótese de que a forma está ampliando sua taxa de aplicação em contextos com assunto particular. Em contextos discursivos em que o assunto diz respeito à esfera social, o pronome *a gente* mantém sua frequência de uso estável no período de tempo

analisado. O resultado do teste de qui-quadrado mostra que a associação entre a frequência de uso de *a gente* em cada marco temporal e o tipo de assunto é estatisticamente significativa.

Tabela 13: Frequência de uso de *nós* e *a gente* em função do tipo de assunto

Assunto	A gente (N = 1527)		Nós (N = 324)	
	2010	2018	2010	2018
Particular	295 41%	431 59%	86 52%	80 48%
Social	389 49%	412 51%	71 45%	87 55%
$\chi^2 = 9.368$ df = 1 p < 0.01 Cramer's V = 0.080			$\chi^2 = 1.267$ df = 1 p = 0.260 Cramer's V = 0.069	

Fonte: elaborada pela autora.

Os resultados da análise da frequência de *nós* em cada fatia de tempo em função do tipo de assunto mostram um aumento na taxa de aplicação do pronome em contextos em que o assunto é da esfera social. Porém, a associação entre a frequência de uso de *nós* em cada amostra e o tipo de assunto não é estatisticamente significativa. O aumento do uso de *a gente* em contextos com assunto particular, em conjunto com a ampliação na taxa de aplicação da forma em sequências narrativas, corrobora os resultados apresentados em função dos traços semânticos, dando indícios de uma mudança qualitativa das formas de primeira pessoa do plural em função dos contextos referenciais.

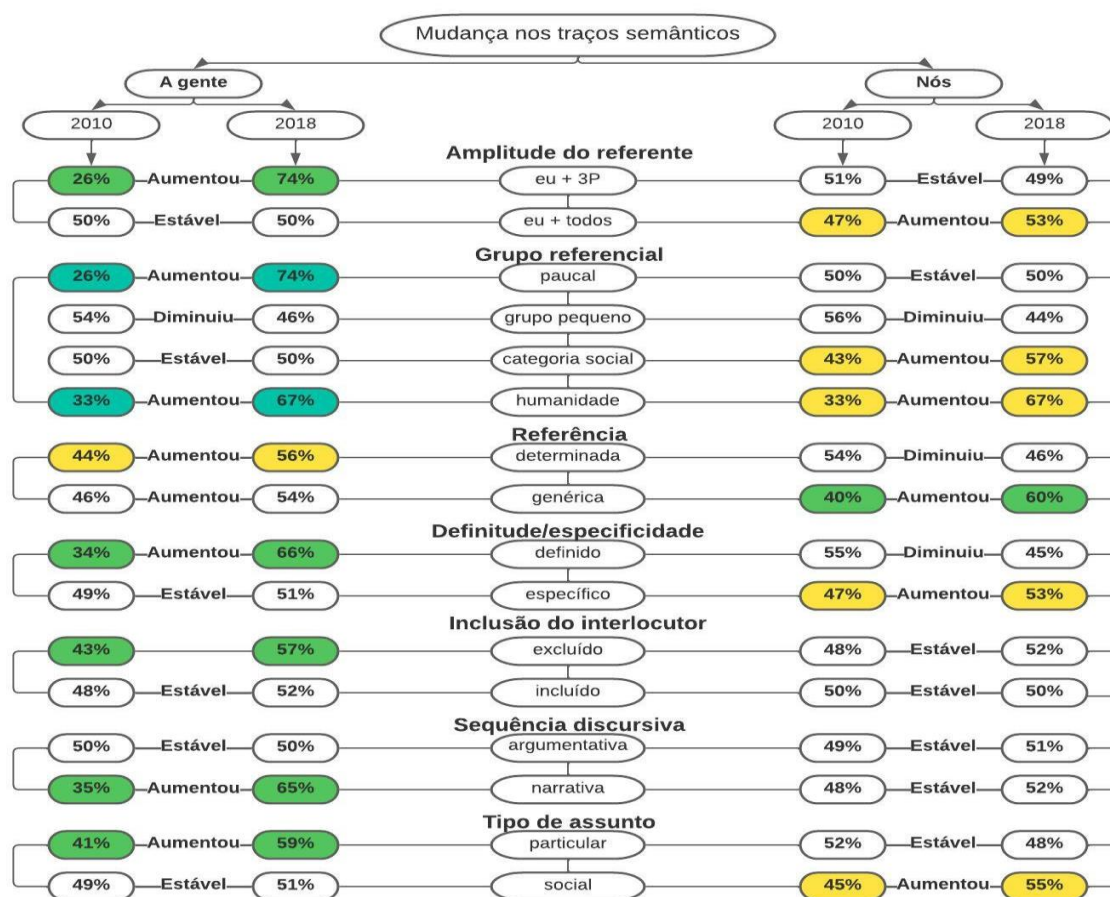
3.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Os resultados da análise em tempo real das ocorrências de *nós* e *a gente* mostram que as variantes de primeira pessoa do plural estão passando por um processo de mudança em seus traços semânticos, confirmando nossa tese de aumento na frequência de uso de *a gente* em contextos referenciais de menor amplitude. A figura 9 apresenta os resultados em função dos parâmetros semânticos e discursivos. Os percentuais apresentados na cor verde indicam que a hipótese foi confirmada e os resultados são estatisticamente significativos. Os resultados marcados com a cor amarela indicam que a associação entre as variáveis não é estatisticamente significativa. A cor azul indica que a hipótese foi confirmada parcialmente.

A análise das ocorrências de *nós* e *a gente* em função da amplitude do referente confirmam nossa hipótese de mudança nas taxas de aplicação das variantes. A frequência de uso de *a gente* está aumentando em contextos referenciais de menor amplitude (eu + 3P), com associação estatisticamente significativa, e o pronome *nós* está ampliando sua taxa de aplicação

no nível de amplitude eu + todos. Os resultados em função do grupo referencial, com quatro níveis de abrangência do referente, mostram que *a gente* está aumentando sua frequência de uso nos extremos da escala, em que a referência é feita a um grupo paucal ou a toda a humanidade. Por outro lado, a taxa de aplicação de *nós* está aumentando nos contextos de maior abrangência (categoria social e humanidade). Esses resultados confirmam nossa hipótese parcialmente, pois além de mostrar que o pronome *a gente* está aumentando sua frequência de uso nos contextos de menor abrangência do referente, também está aumentando sua taxa de aplicação no contexto de referência à humanidade.

Figura 9: Panorama da mudança nos traços semânticos de *nós* e *a gente*



Fonte: elaborada pela autora.

Os resultados em função da referência confirmam nossa hipótese de mudança em função dos traços semânticos, mostrando um aumento na taxa de aplicação de *a gente* para vincular referentes com o traço semântico determinado, e ampliação na frequência de uso de *nós* em contextos de referência genérica. A análise das ocorrências de *a gente* em função do traço semântico de definitude/especificidade confirma nossa hipótese, mostrando um aumento na

frequência de uso da forma em contextos com referente definido. O pronome *nós* está aumentando sua frequência de uso em contexto com referente específico, porém o resultado não é estatisticamente significativo. Os resultados da análise das ocorrências de primeira pessoa do plural em função da inclusão do interlocutor confirmam nossa hipótese, mostrando um aumento na taxa de aplicação de *a gente* em contextos referenciais em que o interlocutor está excluído. As ocorrências de *nós* apresentam percentual de aplicação estável nos dois marcos temporais analisados.

A análise em tempo real das ocorrências de *a gente* em função da sequência discursiva confirma nossa hipótese, mostrando um aumento na frequência de uso da forma em contextos com sequências narrativas. Os resultados da análise das ocorrências de *nós* mostram que o pronome mantém um percentual de aplicação estável nas duas fatias temporais. A frequência de uso de *a gente* está aumentando em contextos em que o tópico discursivo é da esfera particular do falante. Por outro lado, o pronome *nós* está ampliando sua taxa de aplicação em contextos em que o assunto é do domínio social. Os resultados em função do tipo de assunto confirmam nossa hipótese de mudança na frequência de uso das variantes de primeira pessoa do plural em função do contexto discursivo.

A análise das ocorrências das formas de primeira pessoa do plural nas amostras *Falantes cultos de Itabaiana/SE* (2010) e *UFS-Itabaiana2018 – Deslocamentos* (2018) confirma nossa tese de mudança nos traços semânticos das variantes *nós* e *a gente*, mostrando um aumento na frequência de uso de *a gente* em contextos referenciais menos abrangentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, a fim de defendermos a tese de que as formas de primeira pessoa do plural estão passando por um processo de mudança em seus traços semânticos, analisamos as ocorrências de *nós* e *a gente* em função de parâmetros semânticos e discursivos. A partir de uma perspectiva de mudança em tempo real, computamos a frequência das variantes de primeira pessoa do plural nas amostras *Falantes Cultos de Itabaiana/SE* (2010) e *UFS-Itabaiana2018 – Deslocamentos* (2018), ambas constituídas por entrevistas sociolinguísticas com estudantes do *Campus* Professor Alberto Carvalho da Universidade Federal de Sergipe.

No primeiro capítulo desta tese, apresentamos os traços semânticos relevantes para a interpretação de formas de primeira pessoa do plural. Inicialmente, delimitamos as noções de contexto e referência adotadas no desenvolvimento do estudo. Depois, discorremos a respeito das propriedades morfossintáticas de pessoa gramatical, número e gênero, considerando as nuances semânticas decorrentes da interação entre essas três categorias. Em seguida, discutimos sobre as propriedades referenciais envolvidas no processo de interpretação das formas de primeira pessoa do plural, considerando os traços de definitude, especificidade e genericidade. Ao final do capítulo, propomos um modelo de análise dos traços semânticos das formas de primeira pessoa do plural no português brasileiro.

No segundo capítulo, sistematizamos resultados de estudos que analisaram os traços semânticos das formas de primeira pessoa do plural. Primeiro, apresentamos as abordagens metodológicas utilizadas em estudos variacionistas para a análise dos traços referenciais das variantes *nós* e *a gente*, subdividindo os estudos consultados em três grupos: i) noção semântica de “eu-ampliado”, ii) níveis de referencialidade e iii) oposição binária de traços semânticos. A partir dos resultados sistematizados pudemos observar indícios do aumento na frequência de uso do pronome *a gente* em contextos mais determinados.

No terceiro capítulo, descrevemos os procedimentos de análise dos traços semânticos das formas de primeira pessoa do plural na comunidade de práticas UFS/Itabaiana, apresentando informações sobre as amostras utilizadas no estudo, bem como sobre as categorias e hipóteses consideradas. Em seguida, apresentamos os resultados do estudo de tendência desenvolvido. Na primeira seção de descrição dos resultados, apresentamos as frequências de uso das variantes de primeira pessoa do plural em função do ano em que as amostras foram constituídas. Os resultados da análise em tempo real da expressão da primeira pessoa do plural

na comunidade de práticas UFS/Itabaiana evidenciam que, no período de tempo considerado, as variantes *nós* e *a gente* estão em processo de variação estável.

A análise dos traços semânticos das formas de primeira pessoa do plural evidenciou que as variantes *nós* e *a gente* estão passando por um processo de mudança qualitativa em função dos contextos referenciais. Os resultados indicam que o uso da forma *a gente* está se generalizando para contextos semânticos de menor abrangência referencial, típicos do pronome canônico. A análise em função dos parâmetros discursivos sequência discursiva e tipo de assunto dá indícios de que a forma *a gente* está aumentando sua taxa de aplicação em contextos de sequência narrativa e com assunto do âmbito particular, o que corrobora os resultados da análise dos traços semânticos, haja vista que esses contextos discursivos são relacionados a referentes de menor amplitude.

Ao partir de uma descrição robusta dos traços semânticos envolvidos na interpretação das formas de primeira pessoa do plural, esta tese apresenta relevante contribuição para a área da semântica de pronomes. Este estudo também apresenta contribuição para a compreensão do processo de mudança na expressão da primeira pessoa do plural no português brasileiro, pois seus resultados sugerem um padrão de mudança sem mudança. A análise das ocorrências de *nós* e *a gente* em tempo real em função de parâmetros semânticos e discursivos dá indícios de que a primeira pessoa do plural está passando por uma reorganização em função dos contextos referenciais, sem alterar os percentuais globais de aplicação das variantes.

A constituição da amostra *UFS-Itabaiana2018 – Deslocamentos*, como produto técnico derivado do desenvolvimento desta tese, apresenta relevante contribuição para os estudos descritivos do português falado no estado de Sergipe. Por seguir critérios metodológicos e éticos de documentação sociolinguística, a amostra possibilita o desenvolvimento de outros estudos e a análise de diferentes fenômenos linguísticos.

Apesar das relevantes contribuições, o estudo apresenta limitações. As análises indicam uma mudança nas frequências de uso das variantes *nós* e *a gente* em função dos parâmetros semânticos e discursivos, porém, a força da associação entre as variáveis ainda é fraca, conforme apontam os resultados do teste inferencial V de Cramer. Uma sugestão para superar essa limitação seria ampliar o intervalo de tempo entre as amostras analisadas. Outra limitação do estudo diz respeito à distribuição não homogênea das ocorrências de *nós* e *a gente* entre os níveis de amplitude do referente e do grupo referencial, o que impossibilitou a análise do efeito da gradação entre os níveis referenciais na frequência das variantes. Aumentar o tamanho da amostra pode solucionar essa limitação.

A descrição dos traços semânticos das formas de primeira pessoa do plural apresentada nesta tese pode servir como base para o desenvolvimento de outras pesquisas no âmbito das relações referenciais. Como sugestão para pesquisas futuras, pode-se analisar a relação entre a concordância de número (verbal e nominal) e de gênero e os traços semânticos da primeira pessoa do plural.

REFERÊNCIAS

- ABBOTT, B. Definiteness and Indefiniteness. In: HORN, L. R.; WARD, G. (Ed.) *The Handbook of Pragmatics*. Blackwell publishing, 2004, p. 122-149.
- ADAM, J. M. Types de sequences textuelles élémentaires. *Pratiques*, nº 56, 1987. p. 54-79.
- ARAÚJO, A. S. *O uso variável dos pronomes tu, você e cô na função de sujeito: um estudo do padrão de comportamento referencial*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022.
- ARAÚJO, A. S.; BORGES, D. K. V. Variação no uso de pronomes-objeto de segunda pessoa na fala de estudantes itabaianenses. *Paraguaçu: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, v. 1, n. 1, ago. 2021, p. 146-167. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/revistaparaguacu/article/view/2033>
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 38. ed. rev. ampl. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. – 5ª edição – Campinas, SP. Pontes Editores, 2005 [1966].
- BORGES, C. K. V.; MENDONÇA, J. J. A realização do /S/ na fala de universitários sergipanos do interior: efeitos sociais e linguísticos. *Primeira Escrita*, n. 6, 2019, p. 57-73. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/revpres/article/view/8881>
- BORGES, P. R. S. *A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas*. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná. Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/4003>
- CAMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 47 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- CAMPOS, E. A. O uso dos pronomes nós e a gente no gênero entrevista da mídia televisiva: uma análise do português culto falado em Belém. In: *Anais do I SIMELP*, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <https://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inline-files/S3602.pdf>
- CARLSON, G. Genericity. In: von HEUSINGER, K.; MAIENBORN, C.; PORTNER, P. (Ed.) *Semantics: an international handbook of natural language meaning*. Walter de Gruyter GmbH & Co. KG, Berlin/Boston, 2011, p. 1153-1185.
- CARVALHO, D. S. *A estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/riufal/528>
- CHAFE, W. Identifiability and "Definiteness". In: *Discourse, consciousness, and time: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing*. The University of Chicago Press, Chicago/London, 1994, p. 93-107.

CORRÊA, T. R. A. *A variação na realização de /t/ e /d/ na comunidade de práticas da UFS: mobilidade e integração*. 2019. 121f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019. Disponível em:

<https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/11472>

ENÇ, M. The Semantics of Specificity. *Linguistic Inquiry*. Vol. 22, No. 1, 1991, p. 1-25.

FOEGER, C. C. *A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina/ES*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/1601>

FRANCESCHINI, L. T. *Variação Pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia/SC*. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/32629>

FREITAG, R. M. K. Banco de dados Falares Sergipanos. *Working Papers em Linguística*, 13(2): 156-164, Florianópolis, abr./jul, 2013. <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>.

FREITAG, R. M. K. Dissecando a entrevista sociolinguística: estilo, sequência discursiva e tópico. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. (Org.) *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014, p. 123-139.

FREITAG, R. M. K. *Documentação sociolinguística, coleta de dados e ética em pesquisa*. São Cristóvão: EdUFS, 2017a.

FREITAG, R. M. K. Falares Sergipanos. In: ATAÍDE, C. et al. (Org.) *Gelne 40 anos: experiências teóricas e práticas nas pesquisas em Linguística e Literatura*. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 2017b, p. 119-129. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/06-20876>

FREITAG, R. M. K. *Como fazer meta-análise com dados sociolinguísticos?* [2020?]. Disponível em: <https://rkofreitag.github.io/meta.html>. Acesso em: 28-06-2020.

FREITAG, R. M. K. et al. O controle do gênero textual/sequências discursivas na motivação da variação sociolinguística: apontamentos metodológicos. *Odisseia*, n. 3, 2009, p. 1-15. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/2051>

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HARLEY, H.; RITTER, E. Person and number in pronouns: a feature-geometric analysis. *Language*, v. 78, n. 3, 2002, p. 482-526.

von HEUSINGER, K. Specificity and Definiteness in Sentence and Discourse Structure. *Journal of Semantics*, v. 19, n. 3, 2002, p. 245-274. <https://doi.org/10.1093/jos/19.3.245>.

von HEUSINGER, K.; KAISER, G. A. The interaction of animacy, definiteness and specificity in Spanish. In: *Proceedings of the Workshop: Semantic and Syntactic Aspects of Specificity in Romance Languages*. 2003, p. 41-65.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1994.

LEVINSON, S. C. Pragmatics and the grammar of anaphora: a partial pragmatic reduction of Binding and Control phenomena. *J. Linguistics* 23, 1987. p. 379-434.

LEVINSON, S. C. Deixis. In: HORN, L. R.; WARD, G. (Ed.) *The Handbook of Pragmatics*. Blackwell publishing, 2004, p. 97-121.

LOPES, C. R. S. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 1993.

LOPES, C. R. S. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, v.18, 2003. Disponível em: <https://laborhistorico.lettras.ufrj.br/producao/Lopestese.pdf>

LOPES, C. R. S. A gramaticalização de a gente em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 4, n.1, p. 47-80, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/7728>

LUCCHESI, D. A representação da primeira pessoa do plural. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (orgs). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 457-469.

LÜDECKE, D. *SjPlot: Data Visualization for Statistics in Social Science*. R package version 2.8.3, 2020. Disponível em: <https://CRAN.R-project.org/package=sjPlot>

MATTOS, S. E. R. *Goiás na primeira pessoa do plural*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/13064>

MENDONÇA, A. K. Nós e a gente na cidade de Vitória: análise da fala capixaba. *Revista PerCursos Linguísticos*. Vol. 2, n. 4, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/3173>

MENDONÇA, J. J. *Variação na expressão da 1ª pessoa do plural: indeterminação do sujeito e polidez*. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/5694>

MENDONÇA, J. J. (2020). Interpretação de pronomes de primeira pessoa do plural. *Caderno de Squibs: Temas em Estudos Formais da Linguagem*, 4(2), 2018, p. 45-54. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs/article/view/30435>

MENDONÇA, J. J.; ARAUJO, A. S. Evaluation of the pronouns ‘a gente’ and ‘tu’ and of the grammatical patterns of agreement. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 27, n. 4, p. 1613-1648, 2019. Disponível em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/14790>

MENDONÇA, J. J.; BORGES, C. K. V. Variação nos pronomes possessivos de 1ª pessoa do plural. *Paraguaçu: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, v. 1, n. 1, ago. 2021, p. 106-129. Disponível em:

<https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/revistaparaguacu/article/view/2032>

MENDONÇA, J. J.; NASCIMENTO, J. S. Estratégias de indeterminação do sujeito: polidez e relações de gênero. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (Org.) *Mulheres, Linguagem e Poder: estudos de gênero na Sociolinguística brasileira*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2015, p. 225-238. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/estrategias-de-indeterminao-do-sujeito-polidez-e-relaes-de-gnero-19663>

NASCIMENTO, C. S. *Nós e a gente em Salvador: confronto entre duas décadas*. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27654>

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (org.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003, p. 63-80.

OUSHIRO, L. Transcrição de entrevistas sociolinguísticas com o ELAN. In: FREITAG, R. M. K. (Org.) *Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014, p. 117-131. Disponível em:

<https://openaccess.blucher.com.br/article-details/transcrio-de-entrevistas-sociolinguisticas-com-o-elan-18959>

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. Introdução: a mudança linguística em curso. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (org.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003, p. 13-29.

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. Mudança linguística: observações no tempo real. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2021, p. 179-190.

PRINCE, E. F. The ZPG letter: Subjects, definiteness, and information-status. In: MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. (Ed.). *Discourse description: Diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1992, p. 295-325.

R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. 2020. Disponível em: <https://www.R-project.org/>.

RIBEIRO, C. C. S. *Deslocamento geográfico e padrões de uso linguístico: a variação entre as preposições em ~ ni na comunidade de práticas da Universidade Federal de Sergipe*. 2019. 84f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/11465>

SANTOS, A. M. *et al.* Bancos de dados de Falantes cultos de Itabaiana/SE. In: *II Jornada de Pesquisa Científica do GEMPS/CNPq - museologia e história cultural: intercâmbios possíveis*, 2012. v. 1. p. 1-12.

SANTOS, K. C. *Estratégias de polidez e a variação de nós X a gente na fala de discentes da Universidade Federal de Sergipe*. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, 2014. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/5714>

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 107-129, 1º sem. 2006. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12597>

SEARA, I. C. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. *Organon*, v. 14, n.28/29, 2000, p. 179-94. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30203/0>

SIEWIERSKA, A. *Person*. Cambridge University Press, 2004.

SILVA, C. C. C. A variação nós e a gente no português culto carioca. *Revista do GELNE*, Piauí, V. 12, n. 1, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9354/6708>

SILVA, I. *De quem nós/a gente está(mos) falando afinal?: uma investigação sincrônica da variação entre nós e a gente como estratégias de designação referencial*. 2004. 145 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/87528>

SILVA, M. R.; CAMACHO, R. G. Os pronomes nós e a gente no português falado em Rio Branco. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 46 (1): p. 311-321, 2017. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1558>

SOUZA, M. H. M. *A variação nós e a gente na posição de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas/Água Branca-AL*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/riufal/6820>

TAMANINE, A. M. B. *Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba – PR*. 2010. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/24120>

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge University Press, 2002.

VIANNA, J. B. S. Nós e a gente sob um novo olhar: estratégias de concordância de gênero e número. *Ao Pé da Letra*, Recife, 4(2), 2002, p.123-132. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/pedalettra/article/view/231546>

VIANNA, J. B. S. *A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

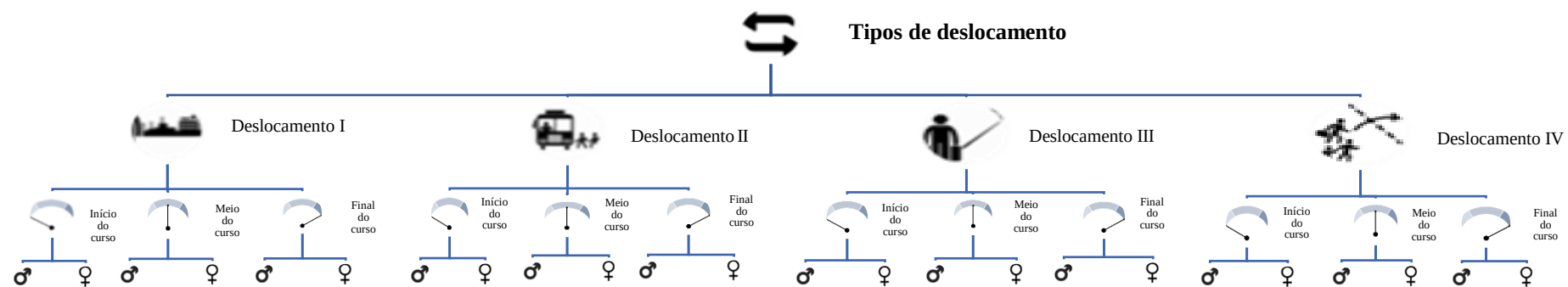
VIEGAS, M. C.; MENDES, E. A. G. Variação nós ~ a gente na função de sujeito e de objeto nas comunidades de Itaúna e Machacalis/MG. *Web-Revista SOCIODIALETO – NUPESDD/LALIMU*, v. 9, nº 25, jul 2018, p. 518-542. Disponível em: <http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/37/122>

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006[1968].

WIESE, H.; SIMON, H. J. Grammatical properties of pronouns and their representation: an exposition. In: SIMON, H. J.; WIESE, H. (Ed.) *Pronouns: grammar and representation*. *Linguistik Aktuell/Linguistics Today*, V. 52. Amsterdam/Philadelphia, 2002, p. 1-21.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Método de seleção de Informantes da amostra UFS-Itabaiana2018 – Deslocamentos



Fonte: Banco de dados *Falares Sergipanos*.

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista

As primeiras perguntas são mais de cunho pessoal

- Qual o seu nome?
- Quantos anos você tem?
- Para você o que é ser universitário? (Caso a pessoa não entenda, pergunte o que significa para ela e para família estar em uma universidade).
- Que curso você faz?
- Por que escolheu esse curso?
- Quais os pontos positivos e negativos de seu curso?
- O custo para se manter em seu curso é caro? Quanto você já gastou? Com que gasta?
- Pretende atuar nessa profissão?
- O que eu devo fazer para seguir essa profissão?
- Que perfil eu devo ter para poder fazer o seu curso?
- O que eu devo fazer para conseguir uma vaga no mercado de trabalho e me destacar na sua área?
- Em quais turnos você faz disciplinas? Pergunte como a pessoa costuma se alimentar na universidade. Onde? O que costuma comer? Como faço para chegar nesses locais que você costuma comer? (Solicitar o passo a passo para chegar lá)
- Você sente dificuldade na universidade?
- Você recebe alguma bolsa da universidade? Caso tenha uma bolsa de pesquisa, pergunte o que ela pesquisa, qual a relação com o orientador(a). A quanto tempo ganha a bolsa? Diga que você queria ter uma bolsa de pesquisa, pergunte quais são os requisitos que você teria que ter para ganhar a bolsa.
- Pergunte se a pessoa já fez pesquisa científica. Depois diga para a pessoa que você ainda não fez uma pesquisa científica e peça para ela explicar o passo a passo para você fazer uma pesquisa científica.
- Qual meio de transporte você utiliza para vir para a universidade?
- Você trabalha? Em que área? Se sim, quais as dificuldades que você encontra em seu trabalho? Qual meio de transporte utiliza para chegar ao seu trabalho?
- Quais as suas atividades diárias ou semanais?
- Nos finais de semana, o que você mais gosta de fazer? Para onde você costuma sair?
- Você costuma ir ao cinema? Com que frequência? Com quem você mais vai ao cinema?
- E ao teatro, você já foi alguma vez? Como foi essa experiência? Você assistiu que peça?

*Dependendo das respostas do entrevistado pergunta-se mais coisas.

Perguntas a respeito do local de moradia, opções de lazer e meio ambiente.

- Onde você mora? Em que parte da cidade?
- Há quanto tempo mora nesse lugar?
- Sempre morou nesse lugar? E seus pais também? Se não, onde moraram?
- Gosta de morar nesse lugar?
- Se tivesse oportunidade moraria em outro lugar?
- Você se desloca da sua comunidade para outros lugares? Para quais?
- O que você faz em cada um deles?
- Você fez amizades nesses ambientes? Com qual frequência vocês interagem/conversam? E com as outras pessoas que fazem parte desse ambiente, você tem contato? Interage com essas pessoas?

- Você se encontra com essas pessoas em outros ambientes (finais de semana ou feriados)? (Caso o informante não tenha mencionado antes, pergunte quais pessoas são próximas a ele, que ele tem mais contato. Se ele disser outras pessoas que não sejam os pais ou irmãos, faça a próxima pergunta) Com qual frequência vocês se encontram/conversam? (E pergunte a escolaridade, idade e trabalho dessas pessoas).
- Você participa de alguma atividade em grupo na sua cidade (religião/oração, estudos, dança, esporte, academia etc.)? Com frequência vocês se reúnem? Com quem você costuma interagir nesse grupo? Participa de outros grupos?
- Se eu fosse morar na sua cidade, quais tipos de trabalho eu poderia fazer para ganhar meu próprio sustento?
- Quantas pessoas moram com você? Quem são? Se a pessoa for casada, pergunte de onde é a esposa/o e a profissão.
- A casa onde vocês moram é própria ou alugada?
- O que você mais gosta de fazer no local onde mora?
- O que é atrativo para os moradores desse lugar?
- Estou pensando em visitar a sua cidade próximo final de semana, que lugar você me indica para comer? Como eu faço para chegar a esse local? (Peça o passo a passo para chegar nesse lugar)
- Você conhece seus vizinhos? Qual a sua relação com eles? (Caso a pessoa diga que não tem muito contato com os vizinhos pergunte por quê?)
- As pessoas do local onde você mora costumam se ajudar? (Leilão, Bingo, pedir alimento emprestado como açúcar, café etc.)
- Digamos que eu seja sua vizinha e espalhei uma fofoca sobre você. E, agora que estamos frente a frente, o que você falaria para mim?
- Há coleta de lixo regularmente nessa localidade?
- Você acha que a quantidade de vezes que o serviço é oferecido é suficiente para atender a comunidade?
- Há separação de tipos de lixo?
- O que você acha da coleta letiva?
- Você pratica alguma ação para preservar o meio ambiente? Se sim, quais? Se não, quais ações poderia fazer?

Aproveitando a oportunidade do assunto relacione a questão da segurança, fazendo perguntas que englobem questões locais e globais.

- Você considera sua cidade segura?
- Já aconteceu alguma coisa que te deixou assustado(a)? (Do tipo estupro, assassinato, assalto, violência contra mulher e outras situações do tipo). Se aconteceu pergunte: o que? Como foi? Com quem foi?)
- O que você acha que deveria mudar em relação à segurança?
- Quais as medidas que devem ser tomadas para solucionar ou diminuir tais problemas?
- Pergunte como ele via a questão da segurança há dez anos, pergunte se mudou muita coisa, o que mudou.
- O que você acha que aumenta a criminalidade?

Insira questões relacionadas à educação.

- Pergunte o que ele acha da educação no Brasil
- Se ele acha que existem diferenças em relação ao ensino público e o ensino privado
- Pergunte em qual rede de ensino ele estudou durante boa parte da vida

- Seus pais estudaram? Eles estudaram até que nível? O que seus pais falam sobre seus estudos?
- Seus pais trabalham em quê?
- Você tem irmãos? Quantos? Eles também fazem/fizeram faculdade? Quantos anos eles têm?
- Qual a sua relação com seus irmãos?
- Você acha que com o passar dos anos houve uma melhoria no acesso à educação?
- Como era a didática dos professores quando você cursava o ensino básico?
- Sua visão sobre a escola mudou depois que você entrou na universidade?
- Pergunte sobre a política de cotas no ensino público

*as perguntas mudam de acordo com cada entrevistado, pois tem uns que falam mais sobre determinado assunto e outros menos.

Insira perguntas relativas a experiências pessoais.

- Você ou alguém próximo já passou por algum risco de morte?
- Conte um fato que marcou sua infância.
- Quando você era criança, você costumava brincar de quê?
- Como faço para brincar disso? (Pedir para ele/ela ensinar a brincadeira que citou)
- Quem era seu melhor amigo(a)?
- Você ainda tem contato com seus amigos de infância?
- Como eram seus pais? Eles eram muito rígidos?
- Caso a pessoa tenha dito que tem irmãos, pergunte como era a relação dela com os irmãos na infância: Vocês eram companheiros? Brigavam? Você lembra de alguma travessura que fizeram juntos?
- Você já passou por algum acontecimento constrangedor na escola? Já presenciou alguma cena constrangedora com algum colega?
- Conte um momento engraçado que aconteceu com você e seu melhor amigo.
- Digamos que eu seja a sua melhor amiga e eu contei para outra pessoa um segredo seu. O que falaria para mim?
- Conte um momento muito triste que você viveu com seus pais.
- Em sua casa, o que você faz nas suas horas vagas?
- Gosta de assistir? O que você mais gosta de assistir? Na sua casa, tem TV por assinatura? Você tem Netflix em casa? Você gosta mais de filmes ou séries? Quais filmes ou séries (a depender da resposta à pergunta anterior) você costuma assistir? Poderia nos contar um pouco do enredo da sua série (ou filme) preferida?
- Com quem você costuma assistir? Vocês têm o mesmo gosto?
- Na TV aberta, o que você costuma assistir? Tem alguma emissora ou programação preferida?
- Você ou sua família costuma ouvir rádio? Quais emissoras ou programas vocês preferem?
- Qual estilo de música você gosta? Por quê? E qual não gosta? Por quê?
- Quando você quer buscar mais informações sobre uma notícia específica, qual meio de comunicação você costuma utilizar? (Se a pessoa responder internet, tv ou rádio, pergunte o site, o canal, a emissora ou programa específico)
- Você tem computador? Você tem acesso à internet em casa? (Caso isso já tenha ficado claro nas respostas anteriores, não faça essa pergunta) Você prefere acessar a internet pelo celular ou pelo computador? Há alguma atividade que você prefira ou ache mais prático fazer pelo celular? Quais sites você acessa com frequência?

- Você gosta de ler? O que você costuma ler? Você lê regularmente? (Se a pessoa responder que só lê os livros do curso, pergunte se ela lê outros tipos de texto)
- Qual a sua opinião sobre o transporte público em sua cidade? E o transporte público de Sergipe? E do Brasil?
- Como você faz para ir para o comércio?
- Em qual cidade você costuma fazer compras? (Caso a pessoa responda uma cidade diferente da dela, pergunte por quê?) Você se considera consumista?
- Diga que é consumista e pergunte: o que eu tenho que fazer para deixar de ser consumista? Que dicas tu me daria?
- Para onde você já viajou? Como foi essa experiência? Com que frequência você viaja? Que lugares gostaria de conhecer?

Elabore perguntas relacionadas à cultura local, religião, culinária e a diversidade cultural que existe no Brasil.

- O que você acha que é cultura?
- Tem alguma manifestação cultural aqui na sua cidade que é considerada tradição?
- Qual o papel da religião na sua cidade?
- Você acredita e faz parte de alguma religião? Em que sua religião se diferencia das outras?
- Tem algum ponto turístico na cidade que você mora? (se sim, pergunte: como eu faço para chegar lá caso eu queira visitar esse lugar? Peça para dizer o passo a passo que você tem que fazer para chegar nesse lugar)
- Você sabe cozinhar? (caso a pessoa diga que não, insista perguntando se pelo menos algo simples como miojo, sobremesa, arroz).
- Se sabe peça para ele te dizer uma receita e peça para ele te ensinar o passo a passo como é que faz determinada comida.
- Conhece alguma simpatia (para tirar verruga, para arranjar marido/esposa, para tirar olho grosso etc.)? Explique como que eu posso fazer tal simpatia.

Elabore questões a respeito da atualidade social e política

- Você acha que a mulher já conseguiu igualdade social? (Se o entrevistado for mulher, pergunte se ela considera que seu papel social seja diferente do que a mãe dela exerce ou exercia?)
- Qual a sua opinião em relação à diversidade sexual e aos direitos adquiridos pelos LGBTs? (Lésbicas, gays, bissexuais e transexuais)
- Você concorda com casamento homoafetivo (entre pessoas do mesmo sexo)? Qual a sua opinião em relação à adoção por casais homoafetivos?
- Você acha que o mercado de trabalho respeita as minorias sociais? (exemplos: mulher, gays, negros, pobres etc.)
- Qual a sua opinião sobre o cenário político atual do Brasil?
- Caso eu fosse um político, o que diria para mim?
- Que ações sugeriria que eu tomasse já que sou um político?
- E se eu fosse o atual presidente da república, o que diria para mim?

APÊNDICE C – Frequências de uso de *nós* e *a gente* nas amostras analisadas

Tabela 14: Frequência de uso de *nós* e *a gente* na comunidade UFS/Itabaiana

Amplitude	A gente		Nós	
	2010	2018	2010	2018
eu	18 46%	21 54%	2 100%	0 0%
eu + você	1 25%	3 75%	1 25%	3 75%
eu + ele	51 30%	118 70%	29 52%	27 48%
eu + eles	31 22%	112 78%	17 50%	17 50%
eu + todos	535 52%	490 48%	98 50%	100 50%
qualquer humano	48 33%	99 67%	10 33%	20 67%
Grupo referencial	2010	2018	2010	2018
auto-referência	18 46%	21 54%	2 100%	0 0%
dual	52 30%	121 70%	30 50%	30 50%
trial	21 33%	42 67%	14 56%	11 44%
paucal	10 13%	70 87%	3 33%	6 67%
grupo pequeno	273 54%	229 46%	58 56%	46 44%
categoria social	262 50%	261 50%	40 43%	54 57%
humanidade	48 33%	99 67%	10 33%	20 67%
Sequência	2010	2018	2010	2018
Argumentativa	320 46%	368 54%	65 47%	74 53%
Explicativa	169 59%	117 41%	29 54%	25 46%
Narrativa	195 35%	358 65%	63 48%	68 52%

ANEXOS

ANEXO A – Ficha social do informante

Data: ____/____/____ Local da gravação: _____	
Pesquisador: _____	
Grau de relação entre informante e pesquisador: () bastante próximo () próximo () neutro () Distante	
INFORMANTE:	
Nome completo: _____	
Apelido (se tiver): _____	
Estado civil: _____	Sexo: _____ Gênero: _____
Zona de residência: () rural () urbana Qual bairro? _____	
Cidade: _____	CEP: _____
Telefone para contato: _____	E-mail: _____
Local de nascimento: _____ data de nascimento: _____	
Profissão/ocupação: _____	
Outras atividades: _____	
Instrução: () Ensino Superior em andamento	
Curso: _____	Período: _____ Campus: _____
Outra formação: () Superior completo Curso: _____	
() Outro nível: _____	
Escolas em que estudou: Fundamental 1 () pública () privada	
Fundamental 2 () pública () privada Ensino Médio () pública () privada	
Mora com a família: () Sim () Não	
Morou por mais de um ano em outro município? Sim () Não ()	
Nome do(s) lugar(es) em que morou e tempo aproximado: _____	
Prestou Serviço Militar? Sim () Não ()	
Cidade em que prestou Serviço Militar: _____	
DADOS RELATIVOS AOS PAIS DO INFORMANTE	
Em que município nasceu e morou por mais tempo?	
a) o pai nasceu: _____	morou: _____
Idade: ____ Ocupação: _____	Grau de escolaridade: _____
b) a mãe nasceu: _____	morou: _____
Idade: ____ Ocupação: _____	Grau de escolaridade: _____

ANEXO B – Termo de consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro informante,

Estamos convidando-o a participar como voluntário de uma pesquisa de campo a ser realizada por meio da gravação de entrevista sobre temas relacionados a questões sociais.

A coleta será realizada com o objetivo de desenvolvermos um trabalho acadêmico vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras.

A entrevista coletada ficará disponível no bando de dados do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade – GELINS; para ser utilizada em pesquisas futuras. Serão resguardadas todas as informações de identificação de forma que se mantenha o anonimato.

Não será cobrado nada, não haverá gastos e não estão previstos ressarcimentos ou indenizações.

Você poderá solicitar esclarecimento sobre a pesquisa em qualquer etapa do estudo. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação na pesquisa a qualquer momento, seja por motivo de constrangimento e/ou outros motivos. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Consentimento para participação

Eu, _____, idade: _____, estado civil: _____, RG: _____, estou de acordo com a participação no estudo descrito acima. Eu fui devidamente esclarecido quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetido e os possíveis riscos envolvidos na minha participação. Os pesquisadores me garantiram disponibilizar qualquer esclarecimento adicional a que eu venha a solicitar durante o curso da pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que a minha desistência implique qualquer prejuízo à minha pessoa ou à minha família, sendo garantido anonimato e o sigilo dos dados referentes à minha identificação, bem como de que a minha participação neste estudo não trará nenhum benefício econômico. Ao mesmo tempo, libero a utilização de minha entrevista para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores, obedecendo ao que está previsto na Resolução do CNS nº 196/96. Autorizo também que a minha interação fique disponível no banco de dados acima referido para ser utilizada em pesquisas futuras.

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do (a) participante: _____

Assinatura do (a) pesquisador (a): _____

Assinatura do (a) coordenador (a)/orientador(a): _____